

No Poder do Espírito

Jesus no Evangelho Segundo Lucas

Bryan Jay Bost

Este manuscrito será editado e publicado futuramente pela Editora Vida Cristã.
Para distribuição gratuita. Venda proibida.



PREFÁCIO

O evangelho de Lucas descreve a vida e ministério de Jesus, como fazem os outros três evangelhos. Enfatiza o fato de tudo acontecer por iniciativa divina. Não foi a humanidade que pediu a vinda do Salvador, porém foi Deus que amou tanto que enviou seu Filho. Deus agiu por meio de Jesus para o bem-estar de todos.

Lucas narra que Jesus começou sua pregação "no poder do Espírito". Nesse evangelho há ênfase sobre o Espírito Santo e oração na vida de Jesus. Não foi por força humana que conseguiu suas façanhas; foi por Deus e por meio do plano divino.

Lucas começa o evangelho dizendo que faria uma narrativa da vida de Jesus em ordem histórica, fruto da sua própria pesquisa. Contudo, o resultado seria garantido pelo Espírito Santo.

Como o Mestre, os discípulos de Jesus até o dia de hoje dependem unicamente de Deus e do seu poder. O reino é totalmente do Senhor, do início ao fim. O evangelho não é um livro de auto-ajuda mas felizmente de ajuda divina.

O presente volume divide o evangelho de Lucas em mais de oitenta trechos e trata cada um dentro do seu contexto. Detalhes técnicos raramente sobressaem porque o alvo é ver e ouvir Jesus dentro da sua missão divina. A palavra mais repetida é o nome de Jesus, muito apropriado para um texto que o mostra como Senhor e Salvador.

SUMÁRIO

1.1-4	Como Deus Revela-se
1.5-25,57-80	O Nascimento de João Batista
1.26-56	Muito Favorecida
2.1-20	Glória a Deus e Paz na Terra
2.21-40	O Nome de Jesus
2.41-52	Na Casa de meu Pai
3.1-14	Frutos Dignos de Arrependimento
3.15-28	A Grande Diferença
4.1-13	Tentado pelo Diabo
4.14-30	Hoje
4.31-44	Palavra e Poder
5.1-11	Pescador de Homens
5.12-26	Se Quiser
5.27-39	Espiritualidade sem Religiosidade
6.1-11	A Praga de Legalismo
6.12-16	Os Apóstolos
6.17-26	A Cura Maior
6.27-36	Amor para Todos
6.37-42	Como o Mestre
6.43-49	Falar ou Fazer?
7.1-17	Tanta Fé
7.18-35	A Identidade de Jesus
7.36-8.3	Mulheres no Reino
8.4-18	Coração Bom e Bonito
8.19-25	A Família de Deus
8.26-39	O Que Deus Fez
8.40-56	A Boa Vontade do Mestre
9.1-17	Multiplicação
9.18-27	Quem Sou Eu?
9.28-45	Meu Filho, Meu Escolhido
9.46-62	Aptos para o Reino
10.1-24	Alegria Espiritual de Jesus

10.25-37 Faça Isto
10.38-42 Marta e Maria
11.1-13 Orando com Jesus
11.14-28 Vitória de Deus, Derrota do Mal
11.29-36 Sinais
11.37-54 Ais
12.1-12 Conselhos Amigos
12.13-21 Toda e Qualquer Avareza
12.22-34 Tudo pelo Reino
12.35-48 Vigilantes
12.49-59 Fogo sobre a Terra
13.1-17 O Resultado de Arrependimento
13.18-21 Multiplicação
13.22-35 No Caminho para Jerusalém
14.1-14 Refeição Indigesta
14.15-24 A Grande Ceia
14.25-35 Renúncia
15.1-10 Perdido e Achado
15.11-32 O Deus que Corre
16.1-13 A Verdadeira Riqueza
16.14-18 Deus Conhece Corações
16.19-31 O Desconhecido e Lázaro
17.1-10 Perdão Amplo
17.11-19 Gratidão
17.20-37 O Dia do Filho do Homem
18.1-14 Orar Sempre
18.15-30 Impossíveis Possíveis
18.31-43 Glória para Deus
19.1-10 Buscar e Salvar o Perdido
19.11-27 A Manifestação do Reino
19.28-44 Entrada em Jerusalém
19.45-20.8 Autoridade
20.9-26 O Que Fará o Dono?
20.27-44 Questões Reveladoras

20.45-21.4 Hipocrisia e Sinceridade

21.5-24 Ficar Firma

21.25-36 De Cabeça Erguida

21.37-22.6 Madrugando para Estar com Jesus

22.7-23 A Última Páscoa

22.24-38 Maior ou Menor

22.39-53 De Joelhos

22.54-71 Lágrimas, Pancadas e Perguntas

23.1-12 O Rei dos Judeus

23.13-32 Três Vezes: Morte!

23.33-43 A Caveira

23.44-54 Grito Forte

23.55-24.12 No Primeiro Dia da Semana

24.13-35 No Caminho para Emaús

24.36-43 Sou Eu Mesmo

24.44-53 A Todas as Nações

COMO DEUS REVELA-SE

1.1-4

"O nome dele será Jesus", que quer dizer Deus salva. Quando Deus quis revelar-se, enviou uma pessoa ao mundo: não qualquer pessoa, mas seu próprio Filho. Olhando para Jesus, podemos ver Deus; ouvindo Jesus, estamos escutando o Criador. Jesus é a revelação perfeita de Deus.

A revelação divina em Jesus chega a nós por outra revelação: a Escritura Sagrada. Por causa do evangelho escrito, não só a geração de Jesus podia conhecer Deus, mas todas as gerações, até ao dia de hoje. Lendo os quatro evangelhos, é como se estivéssemos presentes durante a vida e ministério de Jesus.

O Novo Testamento declara: "Toda Escritura é inspirada por Deus" e que os autores dos livros da Bíblia eram guiados pelo Espírito Santo quando anunciavam a mensagem que vinha de Deus. De todos os livros da Bíblia, é o evangelho segundo Lucas que mostra com mais clareza o processo de produção. Lucas explica como e por que escreveu a narrativa sobre Jesus.

Fontes Apostólicas

Mesmo não sendo, ele mesmo, testemunha ocular de Jesus, Lucas baseia seus escritos nas recordações daqueles que acompanhavam o Senhor. Seu livro é igual à pregação da igreja original. O intuito não é inventar a história mas contá-la de uma forma entendível para todos, mesmo para alguém de nome grego como Teófilo. Talvez, Teófilo não tivesse conhecimento do Velho Testamento como tinham os judeus, porém com o evangelho escrito por Lucas teria todos os dados necessários para ser discípulo de Jesus.

Redação Pessoal

Muitos acham que inspiração divina indica Deus ditando o conteúdo palavra por palavra. De fato, inspiração divina garante a veracidade do relato. Lucas afirma que pesquisou os escritos e mensagens da irmandade cristã e fez uma nova redação, visando colocar tudo em ordem cuidadosa.

Lucas era um médico convertido a Jesus que se tornou colaborador do apóstolo Paulo na missão mundial da pregação do evangelho. Provavelmente era um gentio e portanto, escrevendo para Teófilo, seria um grego escrevendo para outro grego. A ausência de tantas citações bíblicas indicaria uma audiência de fundo pagão.

Os fatores de audiências diferentes e redação individual explicam as diferenças entre os quatro evangelhos. Mateus, Marcos, Lucas e João contam a mesma história contudo com

ênfases diversas.

Alvo de Produzir Fé

Os quatro evangelhos não são escritos neutros; claramente têm o alvo de ajudar pessoas a terem fé em Jesus. Não são simples biografias; são uma nova forma literária chamada de "evangelho" (palavra que quer dizer "boa notícia") contando a verdade sobre Jesus para que haja salvação em seu nome.

Lucas quer que Teófilo (e todos nós) tenha base firme para sua convicção. A fé em Jesus se baseia em fatos, não em ficção inventada por pessoas ingênuas. A fé é a certeza sobre Jesus, da verdade da sua pessoa, ensino e obra.

Da mesma forma, lendo o evangelho de Lucas (e os outros três), nós podemos ter plena certeza da verdade de Jesus. É entender mais para crer mais; é crer mais para obedecer mais.

O NASCIMENTO DE JOÃO BATISTA

1.5-25,57-80

A vinda do Senhor e Salvador ao mundo muda toda a história humana. Tão grandioso evento cumpre todo o plano de Deus. Parte desse plano é o papel do precursor, João Batista. Filho de pais humildes mas tementes a Deus, João prepara o caminho para Jesus, chamando a nação de Israel a arrependimento.

Muito parecida com a história de Abraão e Sara, a narrativa sobre Zacarias e Isabel conta sobre um casal devotado ao Senhor porém sem filhos. Como no livro de Gênesis, há a concepção e nascimento do filho prometido por Deus. No Velho Testamento, nasce Isaque, o primeiro na linha da promessa dada por Deus a Abraão. Logo antes de Jesus, nasce João que receberia o apelido de Batista por seu ato costumeiro de batizar os convertidos.

O Anúncio do Anjo

Zacarias e Isabel eram da tribo de Levi, a tribo de sacerdotes e ajudantes no culto a Deus segundo a lei dada a Moisés. No tempo deles, houve tantos descendentes de Levi que os sacerdotes e levitas eram divididos em turmas com responsabilidades no templo em Jerusalém somente umas duas semanas por ano. Havia rodízio das funções diversas relacionadas aos sacrifícios diários, cada sacerdote realizando uma parte.

Certo dia durante seu tempo anual em Jerusalém, Zacarias tinha a função de queimar o incenso (que com a subida da sua fumaça perfumada representava as orações do povo de Deus). Somente os sacerdotes podiam entrar no templo e, enquanto Zacarias entrou, o povo ficou fora (na praça do templo) fazendo suas orações. Zacarias demorou tanto lá dentro que o povo começou a perguntar o que estava acontecendo.

O que estava acontecendo é que Deus estava atendendo a oração de Zacarias e Isabel. Pediam um filho e o anjo Gabriel veio com esse anúncio de oração respondida. O filho receberia o nome de João e traria a alegria do Senhor não só para seus pais mas para muitas pessoas. Seria especial (o que no Velho Testamento era chamado de nazireu), não bebendo álcool e, cheio do Espírito Santo, preparando o povo de Israel para a vinda do Messias.

Aconteceu como o anjo prometeu--Isabel ficou grávida, mais uma prova que para Deus não há impossibilidades. Como sinal (e também por ele não entender como seria possível), Zacarias ficou mudo até o nascimento de João. Depois de tanta demora dentro do templo, saiu fazendo gestos para o povo, tentando explicar o que passou.

O Nascimento Prometido

O nascimento de João foi um momento de grande alegria para os pais, parentes, amigos e vizinhos. Todos achavam que seria Zacarias Filho, mas Isabel insistiu em dar o nome de João, como dito pelo anjo. Ainda mudo, Zacarias confirmou, escrevendo numa tabuinha: "O nome dele vai ser João".

Nesse momento de aceitação do plano de Deus, Deus soltou a língua de Zacarias e ele usou sua voz para louvar o Senhor. Olhando para seu filho recém-nascido, proclamou: "Você, menino, será chamado profeta de Deus e irá adiante do Senhor a fim de preparar o caminho para ele".

Aconteceu daquela forma: João cresceu forte porém diferente dos outros. Nunca houve dúvida que faria sua parte no drama de salvação. Sua vida não seria igual a dos outros; sua vida serviria exclusivamente os propósitos divinos.

Reação Apropriada

Na sua expressão de adoração, Zacarias respondeu corretamente à ação divina. Deu glória a Deus, confiando no plano do Senhor. Olhando para o nenê, enxergou o papel especial que seu filho teria.

Da mesma forma, precisamos relacionar-nos a Deus. Oramos com fé e, quando Deus atende, devemos agradecer e, ainda, cooperar com a resposta do Senhor. Desde já, podemos louvar porque veremos grandes coisas no serviço do Rei.

MUITO FAVORECIDA

1.26-56

A graça de Deus se define como favor desmerecido. É favor, pois só faz o bem; é desmerecido porque ninguém merece tão bom tratamento da parte do Senhor. Toda graça é assim: o ser humano merece castigo por causa do seu pecado, porém recebe de Deus o que precisa para salvação.

Maria, de forma espetacular, experimentou a graça de Deus. O anjo Gabriel chegou a saudando de "muito favorecida" ou "muito abençoada" e anunciou que seria a mãe do Salvador. Não que merecesse tal honra, mas pelo plano e poder de Deus.

Graça Inquietante

O anúncio do anjo surpreendeu Maria, uma moça pacata de cidade pequena do interior e noiva de José. Não havia como imaginar que isso aconteceria. Em outras palavras perguntou: "por que eu?" Por que seria ela entre todas as moças israelenses? E como seria ela que não era casada e que não tinha mantido relações sexuais?

Tal aviso monumental trouxe inquietação à mente e coração de Maria. Talvez lembrasse a profecia de Isaías 7.14 que uma virgem daria a luz e o nascido seria o rei. De qualquer forma, o anjo a consolou dizendo que Deus estava contente com ela e que, ao invés de inquietação, deveria haver satisfação pessoal de fazer parte do plano divino.

Graça Salvadora

Maria percebeu a impossibilidade daquilo anunciado pelo anjo. Como é que ela, uma virgem, poderia conceber um filho? Como é que o Filho de Deus poderia nascer de uma mulher como qualquer ser humano? Como é que a salvação providenciada poderia ser universal e eterna e não limitada à situação política e militar de Israel?

Entrou em cena a graça de Deus, sua ação maravilhosa. O que para o ser humano seria impossível, seria possível para Deus--de fato, nada é impossível para Deus. A solução para a impossibilidade constatada por Maria seria a concepção milagrosa de Jesus.

Quase tão maravilhosa quanto a ação divina foi a reação de Maria. Mesmo sem entender tudo, confiou em Deus e disse: "Sou serva do Senhor". Sua resposta de fé e submissão possibilitou em termos humanos o impossível. Deus contaria com sua cooperação.

Humildade e obediência foram apropriadas na presença do plano e poder de Deus. O Espírito Santo de Deus cumpriria o alvo da graça impossível do Senhor.

Epílogo: Ópera Santa

Sinal da veracidade do aviso a Maria foi a gravidez da sua prima Isabel. O nascimento do

preparador do caminho antecederia o do Salvador . Maria fez uma visita prolongada a Isabel e a gravidez das duas comprovou a graça de Deus e o fato que para o Senhor não existiram coisas impossíveis.

No seu encontro, cada uma louvou a Deus, usando o estilo dos Salmos como referência. Isabel reconheceu que o filho da Maria seria maior (fato sempre repetido por João Batista no seu ministério) e chegou a chamá-la "a mãe do meu Senhor". Congratulou-se com ela por sua fé e abnegação.

Por sua vez, Maria agradeceu a graça de Deus que lhe fez "muito favorecida". Entendeu seu papel importante no plano de salvação. Mesmo pobre e desprotegida, louvou Deus que agiria nela, independentemente do conhecimento e aprovação dos governantes e líderes religiosos. Soube que assim haveria cumprimento da promessa dada a Abraão que seu descendente abençoaria todas as nações.

Palavra Final

Isabel e Maria se juntaram para louvar o nome de Deus, merecedor de toda adoração. Nos dias de hoje, faremos bem de imitar seu exemplo. Também, somos "muito favorecidos", sendo salvos pela graça de Deus. Da mesma forma delas, apresentemo-nos como "servos do Senhor", prontos para obedecer à vontade do Mestre.

GLÓRIA A DEUS E PAZ NA TERRA

2.1-20

Humildade descreve a capacidade espiritual de enxergar Deus, outros e nós mesmos de acordo com a realidade. É o contrário de orgulho próprio. Erroneamente considerada fraqueza, humildade dá condições para o exercício de poder espiritual. Todos necessitam dela para submissão à vontade divina.

Em toda a história humana, não há humildade maior do que no nascimento de Jesus. Nos planos material e espiritual, humildade descreve José, Maria e o próprio Jesus. No meio de condições precárias, nasce o Salvador do mundo.

Humildade e simplicidade não querem dizer necessariamente pequenez e insignificância. O nascimento de Jesus ocorre de uma forma humilde e simples ao extremo. Contudo, sua importância cósmica muda para sempre a história humana. Não é à toa que se divide o tempo em "antes de Cristo" e "depois de Cristo."

Ocasião: O Recenseamento

Jesus seria chamado "o nazareno" mas não nasceu em Nazaré. Nasceu em Belém, cumprindo a profecia de Miqueias 5. O contexto histórico demonstra como Deus age na história humana para cumprir seus propósitos.

O imperador romano Augusto ordenou o recenseamento de todos os povos subjugados. O censo estabeleceu a base para a taxação da população que era o sustento financeiro do império. Os homens levavam suas famílias para a cidade ancestral da família paterna. José foi de Nazaré a Belém, a cidade do rei Davi, porque era dessa família. Levou Maria, já avançada na sua gravidez. Enquanto estavam em Belém, nasceu Jesus.

Por meio de acontecimentos aparentemente desconexos (a ordem de Augusto, viagem a Belém e nascimento de Jesus), Deus cumpriu seu plano--residentes de Nazaré se deslocaram para que o menino pudesse nascer em Belém. Não porque José e Maria entenderam tudo mas porque Deus esteve em controle. É assim que Deus age, cumprindo seus propósitos, mesmo sem a percepção imediata das pessoas envolvidas.

Parto e Berço Humildes

Sem experiência na vida e sem recursos financeiros, José e Maria se acharam em Belém sem lugar para ficar. O incômodo virou emergência com o início do trabalho de parto. Não houve vaga nas hospedarias e o único lugar disponível foi um estábulo. Lá, Jesus nasceu e teve como seu primeiro berço um cocho, tipo de tabuleiro onde se colocava a ração dos animais.

Alguém diria, com razão: "Coitada da Maria; longe da mãe, da assistência médica e de qualquer conforto e higiene". Contudo, a bênção de Deus foi mais que suficiente--Maria fez tudo certo: deu à luz um filho saudável, enfaixou o nenê e improvisou de berço uma manjedoura.

Que ironia: sem lugar em Belém para o dono do mundo! Porém, o ponto positivo seria que ninguém diria que Jesus não entende a situação humana; alguém já nasceu mais pobre e humilde? Apesar disso, ele é o Rei dos reis!

Aviso aos Pastores

O tema de humildade continuou pela escolha dos primeiros para receber a notícia do nascimento de Jesus--eram simples pastores de ovelhas. Mesmo não sabendo a data do nascimento, era uma noite de tempo ameno porque os rebanhos estavam nos campos e não guardados no aprisco. De repente, apareceu a luz da glória de Deus e um anjo anunciou o nascimento do filho de Davi, Salvador, Cristo e Senhor (temas marcantes do Novo Testamento que vieram do Velho Testamento). O "absurdo" de tudo isso era o Rei deitado numa manjedoura. "Isso mesmo" disse o exército celestial, declarando o efeito total da encarnação: "Glória a Deus e paz na terra". O mundo nunca seria o mesmo; agora haveria a esperança de vida eterna.

Os pastores foram e acharam tudo como foi dito. Contaram para todos as notícias celestiais. Voltaram para seus rebanhos jubilosos: eram eles louvando agora e não os anjos.

Consideração Final

Não havia lugar em Belém para o nascimento do Messias. E na sua vida, há lugar para Jesus? Em humildade, faz ele seu Rei e Senhor ou, no seu orgulho (ou apatia), deixa ele de lado, mais uma vez sem espaço?

O NOME DE JESUS

2.21-40

Com o nascimento prometido, José e Maria cumpriram as exigências divinas, inclusive dando o nome de Jesus para o menino. O nome que quer dizer "ele salva" era igual ao nome de Josué no Velho Testamento. Apesar de não entender tudo, os pais terrestres entenderam o suficiente para obedecer completamente a Deus. Não deixaram de lado qualquer detalhe do anúncio dado pelo anjo.

Dessa forma, a infância de Jesus atingiu todos seus objetivos. Sua infância era importante porque um bom começo garantiria uma vida útil e feliz. Suas primeiras influências eram as de um lar obediente a Deus: o que faltava em recursos materiais era mais que compensado em favor divino.

Hoje, estudos científicos indicam que a formação maior do ser humano ocorre até os cinco anos de idade. Pais cristãos devem esforçar-se para providenciar um ambiente espiritual de amor e aceitação. Era isso que Jesus teve e os resultados se vêm até a atualidade.

A Obediência dos Pais

Para José e Maria, o alvo principal de vida era agradar a Deus. Nada era mais importante. Portanto, as exigências da lei dada a Moisés foram cumpridas: o filho circuncidado ao oitavo dia e apresentado ao Senhor no quadragésimo. Simples e pobres contudo obedientes ao Senhor, fizeram o sacrifício exigido. Na Velha Aliança todo primogênito pertencia ao Senhor, quanto mais Jesus! Voltaram para casa para cuidar bem do seu filho, para providenciar suas necessidades físicas, emocionais e espirituais.

O exemplo de José e Maria é inspirador para pais modernos. Pais devem dar a seus filhos a mesma herança de obediência completa ao plano divino. Ao invés de coisas materiais, pais cristãos procuram dar o que dinheiro não compra: amor, aceitação e orientação espiritual.

O Apoio Externo

Duas manifestações espontâneas confirmaram que todos os acontecimentos eram de Deus. A primeira era a profecia dada por um homem chamado Simeão, afirmando a identidade divina de Jesus. Suas palavras indicaram a glória de Cristo e, também, o alto preço de sofrimento que ele pagaria. Jesus, o maior de toda a história humana, faria o sacrifício maior imaginável: sua morte na cruz. Tudo predito nos primeiros dias da sua vida por Simeão, informação guardada na mente e coração de Maria até aquele dia no Calvário.

A segunda manifestação foi dada por uma viúva idosa chamada Ana, uma mulher cujo único alvo era louvar a Deus. Adorou a Deus pelo nascimento de Jesus e pela salvação que traria. Se uma pessoa extremamente devotada a Deus como ela stivesse tão impressionada com o menino, quem não deveria ficar?

A Bênção Divina

A graça de Deus, seu favor e boa vontade, deu a Jesus e seus pais todas as condições para seu desenvolvimento. A criança era querida de Deus e alvo dos seus cuidados. Foi Deus que usou tudo para o bem no início da vida de Jesus.

O resultado foi crescimento saudável nos sentidos físico, mental e espiritual. A infância de Jesus se tornou exemplar, não nos quesitos de conforto e luxo, mas no desenvolvimento como ser humano.

Comentário Final: Jesus e Nossas Crianças

A infância de Jesus deve servir de modelo para famílias modernas--que a infância de Jesus seja a de todas as crianças, que os pais sejam obedientes a Deus com José e Maria e que familiares na carne e na fé dêem apoio como as intervenções de Simeão e Ana.

Assim, o resultado será crianças crescendo como Jesus cresceu.

Jesus começou a vida como qualquer outra criança e se tornou a figura mais importante da história humana. Que nossas crianças tenham as mesmas condições.

NA CASA DE MEU PAI

2.41-52

Doze anos. Com essa idade Jesus sabe o que importa. Sabe que deve estar na casa de seu Pai. Mostra o resultado do plano de Deus para famílias--seus pais o educaram e ele se desenvolveu por meio de obediência.

A infância e adolescência dele produzem o fruto certo: um homem maduro e equilibrado. Quando Jesus sai para pregar, está equipado para lidar com todas as pessoas, das mais poderosas às mais humildes. Não se intimida com ninguém e entende as lutas que outros passam.

Prioridade do Reino

Todos os anos a família de Jesus ia a Jerusalém para participar da festa religiosa da Páscoa. Era uma amostra da devoção a Deus da parte de José e Maria, logo compartilhada pelo menino Jesus. Um incidente aos doze anos de idade mostrou sua espiritualidade emergente.

Quando a família começou a volta depois da festa, Jesus ficou no recinto do templo ouvindo e fazendo perguntas aos doutores da lei de Deus. Houve grande interesse em aprender mais. Aos doze anos o menino judeu se tornava parte do povo de Deus. Jesus levou isso a sério: sem desprezar os pais, Deus era seu verdadeiro Pai e o reino de Deus vinha em primeiro lugar. Seu entendimento cresceu ao lado do uso da sua inteligência.

Valor Espiritual

Quando seus pais finalmente o acharam, repreenderam-no severamente como se fosse um ato de desobediência ou molecagem. Entretanto, Jesus virou as denúncias para o lado positivo: ao invés de "seu pai e eu estávamos aflitos", era a necessidade estar na casa do Pai celeste, e, no lugar de "por que fez isso contra nós", era a oportunidade de fazer algo para Deus. Nesse momento Jesus entendeu, mas seus pais não--seriam mais umas coisas para eles guardar no coração, para compreender mais tarde.

Jesus demonstrou suas prioridades por ficar no templo aprendendo e não brincando e voltando com seus parentes e colegas. Não era um filho desobediente aos pais mas o Filho com o desejo de ter comunhão com o Pai supremo.

Volta Obediente

Apesar de tudo, Jesus voltou a Nazaré e era obediente a seus pais. Precisava aprender mais dos seus pais humildes e de seu ambiente simples. Não era um menino prodígio, mas era como todos os meninos de doze anos--necessitava de mais tempo e condições

para crescer e desenvolver-se. No plano de Deus, filhos obedientes teriam vidas abençoadas; assim, houve muita bênção na vida de Jesus. Sua obediência total aos pais e a Deus era prova da sua consagração.

O versículo 52 descreve a adolescência e juventude de Jesus. Essas são as únicas palavras sobre os 18 anos entre os 12 e os 30 (quando foi batizado por João e começou sua pregação). Fala de um desenvolvimento equilibrado: intelectual, físico, espiritual e social. Jesus cresceu em sabedoria. Aprendeu a usar sua grande inteligência e pôr em prática o conhecimento que estava adquirindo. Aprendeu falar e fazer a coisa certa sempre.

O crescimento físico tornou Jesus um homem forte e resistente, muito diferente daquele pálido e franzino da imaginação dos artistas. Seu porte físico veio do seu trabalho com José na oficina de carpintaria.

A comunhão com Deus vinha da sua decisão de cumprir o plano divino. Alcançou o favor do Pai por saber a prioridade do reino de Deus. O crescimento espiritual de Jesus agradou a Deus e deu base para seu ministério adulto.

A parte social possibilitou bons relacionamentos com outros. Jesus cresceu com boa auto-estima sem medo de censura alheia. Sem complexo de inferioridade, seria capaz de conversar com qualquer pessoa em qualquer lugar, desde os vilarejos da Galiléia até a capital Jerusalém.

Consideração Final

Jesus aos doze anos estava na casa do Pai e aos 33 comprovou sua consagração com a morte na cruz. E nós, quando entramos ou entraremos na presença do Senhor? Estamos na casa de quem--de Deus ou de alvos meramente materiais ou, pior ainda, de escravidão ao pecado? Estar na casa do Pai significa buscar, como Jesus, a comunhão com Deus e ter as mesmas prioridades de fidelidade e obediência.

FRUTOS DIGNOS DE ARREPENDIMENTO

3.1-14

Imaginemos a cena: o pregador pronto e os ouvintes atentos. Olhando melhor, percebemos um pregador esquisito, vestido de uma forma exótica, e ouvintes acomodados e complacentes, que acham que sabem tudo e cumprem todas as leis divinas. O pregador abre a boca e choca todos, bradando: "Raça de víboras"! A mensagem tumultua tudo, contudo serve os propósitos de Deus.

Num momento histórico vem a palavra de Deus a João Batista. João prega a necessidade de arrependimento para preparar o caminho do Messias. Surpreendentemente, o alvo da pregação não são as nações pagãs e, sim, o povo de Deus, a nação de Israel.

A Mensagem: Arrependimento

A mensagem de João é a mesma para todos: a necessidade de arrependimento. Arrependimento não é só ficar triste por errar; é parar de errar. Arrependimento é mudança de mente que leva a mudança de vida. É conversão; é modificação radical. O veículo de comunicação usado por João é a pregação verbal da palavra de Deus. Assim, pregação se torna peça fundamental da missão divina. O estilo agressivo e áspero de João, longe de ser "politicamente correto", chama a atenção dos ouvintes. Desta forma, inicia a execução terrestre do plano de salvação que tem Jesus como personagem principal e termina só no juízo final.

João prega "batismo de arrependimento para perdão de pecados" como preparo espiritual para a vinda do Senhor e Salvador. Revolucionaria o discurso religioso por apelar a todos sem distinção, as pessoas religiosas e as consideradas pecadoras. Por surpreender na sua veemência, possibilita a conversão de todos.

Sua pregação exige batismo de arrependimento. Imerge as pessoas no Rio Jordão (praticamente o único rio na Palestina). Batismo, que na língua grega que dizer imersão, demarca o fim de um estilo de vida e o início de outro. Eis, a necessidade de arrependimento. Para os ouvintes judeus de João, dois pontos são fundamentais: pecador não entra no reino de Deus e nacionalidade não salva. Precisam entender a necessidade de mudança interna e pessoal e, ao mesmo tempo, saber que ser judeu não é suficiente.

A Chamada: Mudanças Verdadeiras

Para João Batista, não há desculpas nem desvios: servir a Deus é fazer a vontade dele. Os resultados de arrependimento devem ser visíveis. Não pode existir religiosidade superficial; precisa haver transformação verdadeira. Só mudança autêntica salva do juízo.

Afirma com ênfase que nem o povo de Israel será isento de julgamento.

Pessoas de situações diferentes de vida perguntam a João o que precisam fazer. Embora a exigência de arrependimento seja igual para todos, a maneira de demonstrá-lo varia de acordo com realidade de cada um. João aconselha atos de bondade para os abastados, honestidade para cobradores de impostos e disciplina e contentamento material para soldados. Mudanças verdadeiras e duradouras precisam aparecer nas vidas diárias para que todos possam seguir o Messias que logo aparecerá.

O Indispensável

Sem arrependimento, é impossível agradar a Deus. Sem deixar o pecado e começar a obedecer a Deus, ninguém pode ser o que Deus quer que seja. E, sem mudança visível, não há arrependimento de verdade. Portanto, a mensagem de arrependimento continua válida nos dias atuais, chamando todos a ter uma espiritualidade verdadeira e a mostrar frutos dignos de arrependimento.

A GRANDE DIFERENÇA

3.15-28

João Batista impactou fortemente a sociedade judia. Porém, nas suas próprias palavras, não houve comparação entre ele e Jesus, o segundo seria totalmente superior. No plano de Deus veio primeiro o precursor e depois o Messias, em ordem cronológica e ordem de grandeza crescente.

A grande diferença era a presença marcante do Espírito Santo na vida e ministério de Jesus. A missão de João era de Deus, contudo não havia como fazer comparação com a chegada do Salvador. Com humildade, João reconheceu esse fato e, sem falsa humildade, Jesus assumiu seu papel único na história do mundo.

Humildade

Humildade não é fraqueza mas o reconhecimento de quem Deus é e quem são os seres humanos. Apesar do grande destaque que ganhou, João se mostrou totalmente humilde. Sua pregação e o impacto dela deram a impressão dele ser o Messias. Entretanto, descartou a tentação de fama e glória pessoal para afirmar o plano divino. Seu papel era importante e essencial mas não o maior; isso declarou com integridade e clareza total.

Sem Comparação

A grande diferença entre João e Jesus eram seus batismos e especificamente a presença do Espírito Santo na obra de Jesus. João disse que seu batismo era em água e era sinal de arrependimento. Declarou que o batismo que Jesus traria seria no Espírito Santo e fogo. Os batizados em Jesus receberiam a presença do Espírito Santo em suas vidas; os rebeldes contra Jesus seriam imersos no fogo de juízo. Enquanto os batizados por João confessavam seus pecados, os batizados por Jesus confessariam sua fé nele para receber a salvação eterna. O batismo de João preparava para a vinda do Cristo; o de Cristo prepararia para a eternidade.

Ciente dessa diferença, João continuou fiel na proclamação que chegou a hora predita pelos profetas. Pregou para todos, inclusive para o rei (com a mesma denúncia de pecado e exigência de arrependimento). A reação do maligno era sua prisão e morte--sua "recompensa" foi a maldade que ele mesmo desmascarava.

Batismo do Messias

Entre as muitas pessoas batizadas, Jesus veio para ser imerso por João no Rio Jordão. Enquanto o batismo de João era para preparar o povo para a vinda do Senhor (com a reforma necessária de vida), o batismo que Jesus recebeu foi para iniciar seu ministério

público. A forma era igual a de todos, mas não houve arrependimento porque para Jesus não houve pecado para arrepender-se.

Batizado, Jesus orou, como faria em todos os momentos cruciais da sua vida. Orou porque sem comunhão com Deus não haveria êxito. Orou porque o batismo foi o início da caminhada até a cruz. Oração é o ambiente de qualquer homem espiritual--quanto mais, Jesus.

A resposta divina veio imediatamente e em forma dupla. O Espírito Santo (que por definição é invisível) desceu sobre Jesus numa forma visível de uma pomba. Sendo a presença do Espírito o sinal da nova aliança, sua vinda marcou o começo da nova etapa do plano divino. Ao mesmo tempo, uma voz celestial assegurou que tudo estava cumprindo o desígnio de Deus. A voz falou três coisas sobre Jesus: era o Filho, era amado e era apreciado. Com essas demonstrações de amor entre o Pai e o Filho, não houve dúvida sobre a aprovação divina do início do ministério de Jesus.

Seu Passado e Futuro

Jesus se batizou e se apresentou para a obra de salvação aos trinta anos de idade. O cenário estava pronto--o preparo se terminou e o trabalho se iniciou.

Houve a genealogia humana de Jesus, de José (que assumiu o filho concebido milagrosamente) até Adão (criado por Deus), passando por 77 nomes incluindo o rei Davi e o patriarca Abraão. Esse passado ligou Jesus a toda a humanidade. Romanos 5 o chama de "o segundo Adão" que trouxe redenção universal.

O futuro de Jesus na terra seria breve--um pouco mais de três anos. Sua obra messiânica teria pregação incansável do evangelho, vida pessoal consagrada e morte redentora. Haveria atuação inédita porque nada do passado era igual ao que Jesus faria.

Nosso Passado e Futuro

Jesus se batizou--e nós? já obedecemos?

Jesus orou--e nós? procuramos comunhão com o Pai?

Jesus recebeu o Espírito--e nós? vivemos no Espírito?

Jesus ouviu a voz celestial--e nós? ouviremos "Muito bem, servo bom e fiel"?

TENTADO PELO DIABO

4.1-13

Muitos dizem: "É impossível ser cristão; as tentações são demais". Às vezes, parece que tudo conspira contra fidelidade a Jesus. Porém, a derrota espiritual não é inevitável. A experiência de Jesus prova isso--foi tentado mas venceu as tentações. Dessa forma, o Mestre é nosso exemplo e inspiração.

Jesus, cheio do Espírito Santo, foi guiado no Espírito ao deserto no lado oriental do Rio Jordão para um tipo de retiro espiritual. Passou quarenta dias jejuando e meditando sobre como seria seu ministério público. Como é que usaria o que aconteceu no seu batismo (a vinda do Espírito e o anúncio da vez celestial): seria para servir a Deus ou para servir seu conforto pessoal e auto-promoção?

O diabo tentou Jesus a pecar por meio do uso indevido dos dons divinos. Jesus resistiu firme acerca de sua identidade e missão, usando textos do Velho Testamento como base das suas respostas. Que irônico que um momento tão sublime da vida de Jesus foi também ocasião de tentação diabólica!

Primeira Tentação: Sua Pessoa

Satanás explorou o contraste doloroso entre as emoções maravilhosas do batismo e seu estado físico debilitado depois de quarenta dias de jejum. Jesus usaria seus poderes divinos em benefício próprio? A tentação seria o desvio da encarnação, e portanto, a frustração do plano divino de salvação.

Primeira Resposta

Jesus afirmou categoricamente que nenhuma necessidade física poderia fazê-lo negar sua missão. Seu Pai sempre teria prioridade.

Segunda Tentação: Sua Obra

O diabo, sendo mentiroso, ofereceu a Jesus o que não tinha para oferecer: todos os reinos do mundo. Se Jesus quisesse ser rei, o diabo facilitaria tudo, ao invés de morte na cruz seria só um ato simples de adoração de Satanás. No lugar do plano divino, seria um plano mundano, para não dizer demoníaco.

Segunda Resposta

Jesus renunciou meios escusos e mundanos para atingir seus alvos. O reino viria por meios espirituais. Pessoas seriam convertidas e santificadas mas não coagidas para fazer parte. Deus seria o Deus de Jesus, sem interferência de qualquer outro.

Terceira Tentação: Seu Relacionamento com o Pai

Numa tática desonesta, Satanás citou Escritura para tentar dobrar Jesus. Quis colocar à prova o amor de Deus--seria Deus realmente presente na vida de Jesus? Sugeriu experimentar para ver até que ponto viria o cuidado divino.

Terceira Resposta

Jesus rejeitou sem hesitação qualquer ato escandaloso ou circense para provar o amor e cuidado do Pai. O poder divino seria sempre utilizado para o bem do reino de Deus, nunca para capricho pessoal. Tentar forçar Deus a socorrê-lo contrariaria todos os princípios de santidade. Jesus confiou no Pai, sem nunca duvidar ou exigir provas visíveis.

As três tentações registradas eram só umas de muitas outras. Satanás tentou de todas as formas dar uma rasteira em Jesus mas sem sucesso. Não eram só essas as tentações porque o diabo sempre quis derrubá-lo, especialmente na última noite antes da sua morte. Felizmente, o Senhor nunca sucumbiu. Ele que veio no Espírito para o deserto voltou no poder do mesmo Espírito Santo de Deus para começar seu trabalho de pregação.

O discípulo de Jesus segue seu Mestre em tudo, especialmente em relação à tentação para pecar. Lembra o versículo que diz que Jesus foi tentado em todas as maneiras que nós somos mas sem pecar. Imita o exemplo de Jesus, resistindo as tentações do imediato para assegurar as certezas do eterno.

HOJE

4.14-30

Disposto, batizado e vitorioso sobre tentação, Jesus começou seu ministério de pregação e ensino. Contudo, haveria necessidade de ousadia para cumprir as metas divinas. Quem acreditaria que um carpinteiro duma vila na Galiléia seria o salvador do mundo?

A Missão

Jesus voltou a Galiléia diferente que foi. Ocorreu nesse tempo seu batismo e a vinda do Espírito Santo. Cheio do Espírito, proclamava as boas notícias do reino de Deus. Sua fama cresceu por causa da pregação confirmada por milagres. Sua pregação e seus atos demonstraram a possibilidade de Deus reinar nos corações e vidas dos ouvintes.

Um sábado em Nazaré serviu para mostrar a verdade. Jesus chegou na sua cidade de origem depois de boa aceitação em outros locais. Como era o hábito de toda sua vida, apareceu na sinagoga no sábado. Fez a leitura de Isaías 61 que descreveu poeticamente o Messias com destaque do Espírito do Senhor dando condições espirituais e pessoais.

Cumprimento Total

Estando em Nazaré, onde todos o conheciam, e na sinagoga que sempre frequentava e onde aprendeu a ler, sua leitura do trecho messiânico tomou uma importância especial. "Hoje", ele disse, "se cumpre essa escritura"; em outras palavras proclamou: "Sou eu!" Sua interpretação inedita do trecho surpreendeu todos. Não havia nada mais para esperar--na pessoa de Jesus chegou a nova aliança. Nele houve o cumprimento total das promessas dos profetas.

Tal ousadia revelou a consciência de Jesus sobre sua pessoa e sua obra. Não havia falsa modéstia--possuía o segredo de salvação e desejava compartilhá-lo com todos, especialmente seus conterrâneos.

Não seria um Messias político restaurando a nação de Israel, porém seria Messias espiritual trazendo luz e salvação. Sua pregação nesse sábado em Nazaré cumpriu a profecia de Isaías, enquanto sua morte e ressurreição possibilitariam as condições mencionadas.

Espanto Positivo e Negativo

Foi difícil acreditar o que estavam ouvindo--os nazarenos estavam na presença do Messias. A fama de Jesus se confirmou na sua própria cidade. Todos ficaram maravilhados.

Infelizmente, a maravilha se desintegrou em descrença e desdém. A familiaridade gerou

desprezo. A questão era se Jesus, tão conhecido entre eles, tinha tais credenciais espirituais. Cresceram as dúvidas e a rejeição.

Jesus não recuou mas se abriu mais ainda para que houvesse entendimento. Citando um ditado popular que para ajudar outros teria de curar-se a si mesmo, Jesus expôs a curiosidade do povo e o desejo de ver milagres, ao invés de crer na verdade proclamada. Jesus citou dois casos contundentes para chamar a atenção ao erro de percepção dos habitantes de Nazaré. Eram vezes que profetas de Deus deram benefícios a gentios que aceitaram melhor que os próprios israelitas: Elias e a viúva de Sarepta e Eliseu e Naamã, o comandante sírio. Na sua relutância, Nazaré era microcosmo da incredulidade de Israel. Com essa declaração de Jesus, os nazarenos deram prova viva daquilo que ele estava dizendo--tentaram linchá-lo! A admiração de outros lugares era desprezo, raiva e violência em casa.

A serenidade e a coragem de Jesus eram sempre notáveis porém nunca tanto quanto naquele momento. Não ficou intimidado nem reagiu fisicamente. Livrou-se das mãos raivosas e passou por meio de todos (usando a força física do corpo de carpinteiro para afastar-se a a força moral do Messias para desafiar alguém de tentar retê-lo).

Apelo

Não ignore Jesus, nem deixe-o de lado.

Hoje, aproveite sua oportunidade para seguir Jesus.

Não seja como os nazarenos que desperdiçaram seu momento.

Não há garantia que haverá mais tempo--valorize espiritualmente o dia de hoje.

PALAVRA E PODER

4.31-44

Palavra e poder seriam bons termos para descrever o ministério de Jesus. Ele ensinava sem parar, sempre com autoridade divina. E seus milagres eram demonstrações do poder de Deus.

O resultado provocou admiração e espanto nas pessoas presentes. Duas vezes em poucos versículos foi registrado que o povo ficou maravilhado com os acontecimentos. Em Jesus havia a combinação perfeita de poder de palavra e ação poderosa. De fato, sua palavra de autoridade foi confirmada por atos de poder.

Palavra

Pregação era a atividade principal de Jesus. Sabia que fé viria somente da audição do evangelho. O que fazia sua mensagem tão especial era a verdade que pregava--não dava opinião humana nem mudava o discurso para agradar os ouvintes. Sua autoridade como Filho de Deus refletia conhecimento pessoal de Deus e do seu plano. Enquanto os mestres da lei citavam opiniões dos rabinos famosos, Jesus confiantemente mostrava o caminho ao céu, que era sua própria pessoa.

A missão de Jesus era pregar as boas notícias do reino de Deus. Portanto, sempre estava ensinando e sempre falava com autoridade divina. O resultado era fama crescente que levava as pessoas a conhecer mais a verdade.

Poder

A pregação do reino por Jesus suscitou ataques malignos. Até os demônios reconheciam a divindade de Jesus e o propósito da sua missão que incluía a derrota do mal. Clamavam em alta voz, temendo qual seria sua sorte.

Durante a pregação de Jesus na sinagoga em Cafarnaum, o maligno atacou e interrompeu a mensagem. Sentindo-se ameaçado pela vinda do reino de Deus, era a luta do imundo contra o Santo (palavra que quer dizer separado para os propósitos de Deus.).

O demônio fez confissão certa sobre a identidade de Jesus porém ainda com o alvo de prejudicar a obra do Senhor. Quando falou de "nós" reconheceu que a luta contra Jesus era universal, não só local. Contudo, era uma luta já perdida por causa do poder maior de Deus. embora o demônio o convulsionasse, com a expulsão, o homem ficou bem. Seu bem-estar comprovou a superioridade espiritual de Jesus.

A demonstração do poder continuou na casa de Pedro: Jesus curou a sogra de Pedro de uma febre que a acamou. A cura era amor em ação--amor pela vida da senhora e

consideração pela família. Num gesto simpático, para retribuir, o primeiro ato da senhora, já reestabelecida, era servir jantar para todos.

(De interesse: no texto original o mesmo verbo foi usado tanto na repreensão do demônio quanto da febre. O maligno e a doença encontraram seu mestre em Jesus.)

O amor e poder de Jesus continuaram no fim da tarde quando, com o término do sábado, as pessoas podiam trazer-lhe seus doentes. Curou todos, sem distinção, com a imposição de mãos, um gesto visível para mostrar a bênção de Deus. Veio até homenagem inmcômoda quando demônios confessavam Jesus como Filho de Deus.

Fonte de Palavra e Poder

Com tanta coisa acontecendo, Jesus percebeu a necessidade de ter tempo sozinho com Deus. Retirou-se para orar. O que fez logo depois do batismo, repetiu agora e faria outras vezes em momentos cruciais do seu ministério. Jesus tinha tanto para fazer que precisava passar mais tempo com o Pai para sempre acertar seu passo. Para Jesus, seria a verdade dizer: "Mais a fazer, mais tempo com Deus". A fonte da palavra e do poder sempre seria divina.

Jesus levou a mensagem das boas novas do reino de Deus para todo o Israel. Veio para anunciar a mensagem de salvação e cumprir sua missão. Disse textualmente sobre a missão de pregação: "Para isso é que vim". Jesus em comunhão com o Pai pregava o evangelho a muitos para que também pudessem ter comunhão com Deus.

Palavra e Poder Hoje

A igreja, que é o povo de Jesus, continua a missão do Mestre. Copia seu estilo de vida e repete sua mensagem de salvação. Prega: "venha a Jesus e seja curado", talvez dos males do corpo e sempre dos da alma. Afirma com o Senhor o valor supremo da vida eterna.

PESCADOR DE HOMENS

5.1-11

A pergunta chave para qualquer pessoa é: quem é o senhor da sua vida? Quem tem a palavra final? Quem dá a orientação vital? Essa é a questão primordial de onde vem todas as respostas. O senhor determina a postura básica de vida.

O senhor de todos deve ser Jesus. Pedro disse a Jesus, e nós devemos concordar: "sobre sua palavra" faremos tudo. O resultado surpreendeu Pedro e nos surpreenderá --será melhor que imaginamos!

A Pesca

Como sempre, Jesus estava ensinando. Sabia que a fé vinha por meio da pregação do evangelho. À beira do mar, havia tantos ouvintes que Jesus pediu o uso de um barco de pesca do Simão como pódio.

Quando terminou a sessão de ensino, Jesus deu uma ordem pesqueira para Pedro como compensação pelo uso do barco. Disse para ir e jogar as redes de novo. Houve recusa polida por eles terem trabalhado a noite inteira sem pescar nada.

Contudo, a atitude de Pedro era de submissão, dizendo "por sua palavra" cumpriria a ordem de Jesus. Os pescadores voltaram com suas redes onde não havia resultado anterior. Era o mesmo lago mas que diferença! Foi uma pesca inacreditável--tanto peixe que os barcos quase se afundaram.

Foi um acontecimento que marcou a vida desses pescadores. Aprenderam uma grande lição de fé: a grandeza de Jesus reorganizou suas vidas ao redor dele. O milagre da pesca maravilhosa abriu caminho para o feito maior ainda--a transformação de pescadores de peixe em pescadores de homens.

A Pesca Maior

Pedro viu o que aconteceu, percebendo por completo a diferença entre o esforço humano da noite anterior e o resultado de obediência à palavra de Jesus. Veio correndo e se prostrou perante Jesus. Confessou sua fé e sua condição de pecador. Ele que chamou Jesus de Mestre antes agora não hesitou em usar o termo de Senhor como o mais adequado. Seu encontro com a pureza e poder de Jesus provocou uma crise profunda nele.

Sua reação lembrou a do profeta Isaías quando foi chamado por Deus--os dois se consideravam indignos de estar na presença do Senhor. O efeito do milagre da pesca e a força da palavra de Jesus combinaram para mudar Pedro para sempre. Como Jesus disse,

mudaria de ramo: de pescador de peixe para pescador de homens. Usaria o resto da sua vida para trazer pessoas a Jesus. É claro, o primeiro e maior pescador de homens era Jesus e a atividade de Pedro e os outros seria imitação dele.

De pesca, Pedro e os outros entendiam; sobre Jesus, existia neles só maravilha. Portanto, deixaram tudo para segui-lo, tornando-se seus discípulos. De fato, a única maneira de ser discípulo de Jesus seria deixar e seguir, os dois verbos mencionados quando pessoas aceitavam a chamada do Mestre. Até o dia de hoje, deixar e seguir é a essência de ser discípulo.

Diga: "Sobre sua Palavra"

Como Pedro e os outros pescadores, obedeçamos a Jesus, entendendo ou não tudo que o Senhor exige. Quando a ordem contrariou sua experiência e senso comum, ao invés de contestar, Pedro cumpriu o pedido, dizendo "sobre sua palavra farei". Da mesma forma, façamos a vontade de Deus e não a nossa própria.

Portanto, lance mão da sua segurança pessoal e confie no Senhor. Como Pedro, verá um desfecho maravilhoso. Haverá não só "pesca maravilhosa" mas também a oportunidade de ser "pescadores de homens". O resultado será vida abundante agora e a vida porvir no céu com a Senhor.

SE QUISER

5.12-26

Se quiser.

Quero.

Nesse diálogo entre um leproso e Jesus, resume-se o segredo da vida espiritual. Para ter a vida abundante no Senhor, é preciso abrir a vida ao Mestre e deixá-lo fazer sua vontade bendita, confiando que ele sempre quer o nosso bem.

Quem tem poder, poder para abençoar e perdoar? O evangelho responde: só Deus por meio de Jesus. Procurar outro é fútil; procurar Jesus é achar a resposta definitiva.

Encontro e Cura

O encontro do leproso com Jesus surpreendeu todos pela natureza da situação. O leproso era um morto vivo por ter uma doença incurável e pelo isolamento social para não haver contágio. Ainda mais, pela lei do Velho Testamento, a lepra fazia o homem imundo em termos rituais. Viviam longe de todos: família, amigos e até o culto a Deus.

O leproso se prostrou e pediu a cura, sabendo que a única limitação seria do querer de Jesus (e não do seu poder). Não houve limitação nenhuma porque Jesus respondeu "quero" ao "se quiser" do leproso. Jesus estendeu a mão e num gesto inusitado (e proibido pela lei) tocou o homem. Houve cura imediata. A boa vontade de Jesus se comprovou no toque, na palavra e na cura.

Apesar da fama e com a chegada da multidão para ouvir a mensagem e para ser curada, Jesus se retirou para o sertão para reflexão e oração. Buscou sossego e descanso para refazer-se e preparar-se para mais oportunidades.

Fé e Ação

Na sua volta do retiro espiritual, Jesus continuou seu ministério de ensino (sempre e em todas as situações Jesus estava ensinando). Houve a presença de pessoas de todas as regiões da Palestina. Contudo, a presença mais marcante era de quatro homens anônimos que trouxeram numa maca um paralisado para Jesus curar. Não podendo entrar na sala lotada, subiram a escada externa e baixaram o homem na maca pelo buraco que fizeram na laje. Jesus viu e aceitou a demonstração de fé dos quatro e curou o paralisado e ainda, exercendo sua autoridade divina, perdoou os pecados do homem.

Os observadores ficaram chocados porque só Deus poderia perdoar pecados. Ao invés de entender que Jesus seria o Filho de Deus, começaram a acusá-lo de blasfêmia (usurpação de prerrogativas divinas).

Jesus sabia que curar e perdoar vinham do mesmo poder divino. Só Deus poderia curar e só ele poderia perdoar pecados. Para demonstrar sua autoridade absoluta e divina, Jesus trocou inesperadamente os verbos: quando todos esperavam ele repetir as palavras sobre perdão, ele anunciou a cura completa do homem. Seu direito divino de perdoar foi autenticado pela cura.

O resultado foi glória dada a Deus pelo curado e pelas testemunhas. Jesus provou sua identidade--fez o que só Deus poderia fazer. Sem dúvida, Jesus, o "filho do homem" profetizado no Velho Testamento era o Filho de Deus, trazendo perdão, o sinal do Novo Testamento.

Hoje, ainda ficamos maravilhados observando essa cura e ouvindo as palavras de Jesus. Percebemos com clareza a divindade de Jesus. Experimentamos em nossas vidas a resposta à pergunta "quem pode perdoar pecados?"--só Deus por meio de Cristo Jesus!

ESPIRITUALIDADE SEM RELIGIOSIDADE

5.27-39

Por que veio Jesus ao mundo? Era para fundar mais uma religião? Era para felicitar os já religiosos?

No lugar de confirmar a religiosidade, Jesus revolucionou o relacionamento dos homens com Deus, trazendo a verdadeira espiritualidade. Nas palavras dele, veio chamar pecadores ao arrependimento, perdidos para a salvação. Em outras palavras, veio para ser o Salvador do mundo inteiro, abrindo o caminho a Deus para todos.

Jesus veio trazer o reino de Deus na sua própria pessoa. O reino seria comunhão com ele e, por meio dele, com o Pai. O reino nunca seria rituais religiosos ou práticas ascéticas, como se o ser humano pudesse fazer ou sofrer o suficiente para merecer a bênção de Deus. Só Jesus poderia transformar e salvar pessoas; mais nada teria esse poder.

Vitória da Espiritualidade

Jesus se arriscou ao máximo por chamar o cobrador de impostos Levi. Como tais homens era tido como pecadores corruptos, a coragem de Jesus era grande por pensar com até esses pudessem ser filhos de Deus. O risco de Jesus foi compensado pela obediência imediata de Levi: como todos os discípulos, ele deixou tudo para seguir Jesus. Deixando sua segurança financeira, aceitou a ordem do Mestre: "siga-me". A autoridade total de Jesus se completou na fé e confiança de Levi, que não deixou redes e barcos como os outros mas renegou seu lucro financeiro fácil e garantido.

A prova da conversão de Levi se viu no banquete de comemoração que deu. Ao invés de estar triste por perder sua riqueza, celebrou a nova vida espiritual e chamou seus colegas a fazer o mesmo. Juntou Jesus e aqueles que precisavam ouvir a mensagem.

Ataques Religiosos

Os religiosos acharam ruim essa aproximação entre Jesus e pecadores, demonstrando seu desconhecimento do amor de Deus para todas as pessoas. Pressionaram os discípulos de Jesus com dúvidas sobre o Mestre que queria ajudar os perdidos ao invés de segregar-se, como fariam os religiosos.

Jesus mesmo respondeu: sua missão era para chamar e salvar pecadores, os "doentes espirituais." Nenhuma crítica o desviaria--o Salvador salvaria apesar da censura da elite religiosa. Sua associação com pecadores não era maligna mas salvadora. Jesus não estava participando do mal porém estava chamando as pessoas a arrependerem-se do mal.

O próximo ataque atingiu Jesus pessoalmente--os críticos falaram que os discípulos dele

comiam e bebiam enquanto os de João Batista e dos fariseus jejuavam e oravam. A comparação seria desfavorável se Jesus pensasse de uma forma religiosa e não espiritual. Ele abraçou a diferença, dizendo que sua presença na terra era uma festa, tempo de alegria e não de tristeza. Trouxe o evangelho ao mundo, uma autêntica boa notícia; jejum por seus seguidores aconteceria só na sua ausência.

Dilema Espiritual

A revolução provocada por Jesus gerou impasse: ou ficar com a religiosidade conhecida e venerada ou partir para novidade de vida. Não seria ficar com os dois, o velho e o novo. Os seguidores de Jesus sempre seriam diferentes por aceitar a vida nova no Senhor. Jesus contou duas parábolas para explicar a diferença entre o novo (espiritualidade verdadeira) e o velho (a religiosidade tradicional). Salientou a impossibilidade de convivência entre os dois sistemas--ou seria um ou o outro.

Na primeira, contou sobre remendo de uma roupa velha e gasta com um recorte de pano novo. Estragaria a roupa velha porque, na primeira lavagem, o pano novo encolheria e rasgaria a roupa. O resultado final seria uma rotura maior do que foi consertada inicialmente. Em termos espirituais, a novidade do evangelho não daria certo com o sistema de leis do Velho Testamento; necessário seria ficar só com o Novo Testamento de Jesus.

A segunda parábola destacou a necessidade de aceitação do novo. Como vinho novo arrebentaria vasilhas velhas e secas pelo processo de fermentação, também a vida nova em Jesus acabaria com o sistema antigo e tradicional. Como vasilhas novas de peles de animais aguentariam a pressão interna e se expandiriam com a fermentação,, assim seriam homens abertos ao novo ensino, como os presentes na casa de Levi. O resultado seria salvação sem os danos provocados por tradições humanas.

Jesus incentivou a aceitação do novo porém percebeu a tendência humana de preferir o velho e o conhecido . (mesmo o novo sendo superior). Haveria necessidade de muito amor e paciência até as pessoas fizessem essa mudança difícil. A missão de Jesus nunca seria fácil porque incluiu a aceitação individual das boas novas (e não as "boas velhas"). Hoje, resolvemos o dilema espiritual por deixar de lado as tradições humanas e receber com alegria a novidade de vida em Jesus. Para nós, não será a nostalgia dos tempos antigos e sim o compromisso com a nova aliança com Deus por meio do nosso Mestre.

A PRAGA DE LEGALISMO

6.1-11

Legalismo é repeito demasiado por lei, especialmente as formas externas e visíveis da lei. Pessoas legalistas se prezam por sua conformidade absoluta à letra da lei. Na vida espiritual, legalismo é uma praga porque entende que a lei é mais importante que as pessoas e assim desvirtua o plano de Deus para salvar a humanidade. O que Deus pretende ser uma nova vida se torna escravidão a formas rígidas de normas religiosas. Não surpreende que legalistas e Jesus entraram em conflito. Não que Jesus desprezasse a vontade de Deus expressa na lei do Velho Testamento, mas que ele entendesse o propósito maior das leis. Sob a lei, ele mesmo, até sua morte cumpriu tudo, sabia que a lei seria para o benefício do povo de Deus.

Por ser contra legalismo, houve uma onda crescente de oposição contra Jesus. Contudo, a perseguição não mudou seu rumo: Jesus era e fazia exatamente o que o Pai queria, apesar dos ataques.

Presunção Humana

Atuando como um tipo de polícia religiosa para apontar defeitos, os fariseus tinham a arrogância de criticar os discípulos de Jesus e, por tabela, o próprio Jesus. Tinham feito uma "cerca" ao redor da lei para nunca chegar perto de infringi-la. Assim, eram mais rigorosos do que o próprio Deus. Nesse episódio, os discípulos fizeram o que era lícito sob a lei mas que quebrou um dos artigos legais dos fariseus. Sendo assim, Jesus não repreendeu seus seguidores porque sua lealdade era para Deus e a lei divina e não para interpretações humanas.

O Mestre citou o exemplo de Davi que fez pior que os discípulos de Jesus, duas vezes comendo comidas consagradas para sua sobrevivência e a dos seus soldados. Ninguém condenou o rei Davi; por que fariam com aquele que é maior que Davi? Enfatizou que o fim espiritual era o alvo, não os meios menores. Os críticos inverteram essa ordem e se perderam nos detalhes, esquecendo a meta maior.

De repente, Jesus surpreendeu todos com uma declaração bombástica: ele, o Filho do homem, era senhor do sábado, não vice-versa. Jesus como Senhor controlava tudo; não era controlado. Tudo seria para sua glória e nunca para glorificar um mandamento ou sistema religioso. Ele com o Pai fez a lei dada a Moisés--ele que deu a lei não seria julgado por ela. Jesus sabia que o propósito do sábado era para honrar Deus, nunca para onerar o povo de Deus. Deus estava presente em Jesus e, portanto, o fim da lei e seu cumprimento

total era Jesus. Assim, era senhor do sábado, de toda a lei e, de fato, do mundo inteiro. Jesus não podia ficar confinado por regras legalistas. Toda a honra e o respeito iam para ele. Não seria dizer a ele o que ele devia fazer; seria sempre fazer o que ele mandou.

Prova Viva

No próximo sábado, Jesus, como sempre, estava ensinando e apareceu uma oportunidade para todos entenderem o senhorio de Jesus. A prova era dupla: um homem com mão atrofiada para ser curado e o fato de ser um sábado, dia no qual ninguém podia trabalhar (e cura era considerada trabalho). Jesus aceitou o desafio e incentivou todos presentes a entender o alvo divino, perguntando o parecer de todos sobre fazer o bem (salvar vida) ou fazer o mal (destruir). Qual seria a coisa certa para o Filho de Deus: curar ou não no sábado? Demonstrar o amor e poder de Deus ou prender-se aos pontos técnicos da lei? Para os inimigos de Jesus, não houve saída: ou ele quebraria o lei do sábado ou reteria a misericórdia divina.

Não intimidando-se, Jesus chamou o homem para o meio e, com grande dramaticidade, pediu para ele estender a mão. Devolveu a questão aos agressores: se era para fazer o bem ou o mal; ele faria somente o bem. O homem confiou em Jesus e obedeceu, estendendo sua mão inútil que, sem dúvida, sempre tentava esconder do olhar dos outros. Fez o impossível--estendeu a mão milagrosamente restaurada. Jesus possibilitou o impossível: uma mão encolhida ganhou força e movimento normais.

Jesus tinha perguntado: o que parece a vocês? Com o milagre, o veredito era dividido. O homem com a mão restaurada confirmou seu fé; os observadores ficaram maravilhados; e os inimigos legalistas se enfureceram, perguntando como parar Jesus.

E nós? O que nos parece? Olhemos, avaliemos e tenhamos fé em Jesus. Saibamos que ele é capaz de fazer o impossível. Quantas bênçãos não recebemos porque o Senhor pede de nós o que nos parece improvável?

OS APÓSTOLOS

6.12-16

O plano de Deus é para o mundo inteiro. Deus ama tanto todos os povos que deu seu único Filho para salvar todos que têm fé, sem distinção de nacionalidade, língua e raça. Contudo, a missão pessoal de Jesus era só para Israel. Como haveria a transição do povo de Israel para todos os povos do mundo? No plano divino essa ponte seria pela participação dos apóstolos de Jesus. A escolha do doze entre todos os discípulos assegurou a continuidade e expansão da obra de Jesus.

Duas preposições gregas chamam atenção no texto original: *prós* e *apó*. Jesus chamou os discípulos *prós* ele, i.e. *a* ou *para* ele. Em seguida, enviou-os *apó*, i.e., *de* ou *para fora*. Chamou os apóstolos para enviá-los ao mundo. Da mesma forma, discípulos modernos são chamados e salvos para chamar e salvar outros.

Oração

Jesus passou a noite inteira antes da escolha em oração a Deus. Sabia que a decisão era tão importante que tinha de ter a sabedoria divina. Essa nomeação monumental teria impacto para o mundo inteiro e, portanto, não podia ser equivocada--eis, a necessidade de oração.

Literalmente, o texto diz que Jesus passou a noite em "oração de Deus". Passou a noite em comunhão com o Pai, na presença do Pai. Não eram só pedidos mas também meditação nos conselhos divinos. Terminou a noite com a lista de nomes prontos e seu próprio coração preparado para esse dia importante.

Escolha

No dia seguinte, Jesus chamou os discípulos para ele. Felizmente, já houve muitos homens (e mulheres) que tomaram a decisão de seguir Jesus e fazê-lo seu Senhor. A vinda de Jesus não era em vão; seu trabalho estava dando resultado.

Entre os muitos discípulos, Jesus escolheu doze. Esse número, que formou um grupo substancial de obreiros, foi, sem dúvida, influenciado pelas doze tribos de Israel. Como o povo de Deus no Velho Testamento tinha doze tribos (ou patriarcas que deram seus nomes às tribos) também o povo de Deus do Novo Testamento, a igreja de Jesus, teria doze apóstolos.

Os homens escolhidos, Jesus chamou de apóstolos. Literalmente, apóstolo quer dizer "enviado" e, sem dúvida, todos os discípulos eram apóstolos neste sentido--enviados para fazer outros discípulos. Contudo, os doze eram enviados de uma forma especial,

representantes do próprio Jesus. De acordo com esse uso especial, todos os apóstolos eram discípulos, mas não todos os discípulos eram apóstolos--só os doze.

Os nomes dos apóstolos eram conhecidíssimos pelos leitores do evangelho de Lucas. Apareciam sem grandes comentários, denotando grande notoriedade. Nós leitores modernos ficamos sem saber mais detalhes porque vários deles não eram mencionados mais no Novo Testamento.

A lista dos doze começa com os quatro pescadores: Simão Pedro, André, Tiago e João. Houve também Filipe, Bartolomeu, Mateus, Tomé, Tiago (filho de Alfeu), Simão (chamado Zelote), Judas (filho de Tiago) e Judas Iscariotes. Sem dúvida, todos eram homens de grande fé e capacidade que levariam o evangelho aos quatro cantos do mundo. A intriga do último traiu a confiança e esperança que Jesus tinha nele. Enviados para trazer almas à salvação, os apóstolos atuavam até sua morte. Sua fidelidade a Jesus era total e sua pregação mudou a história do mundo.

A CURA MAIOR

6.17-26

A mentalidade moderna dificulta ter fé. A modernidade com sua base em ciência enfatiza o material, o visível e o empírico. A fé assegura a existência espiritual e invisível que fica além das investigações científicas.

Jesus desafia a visão materialista de vida e ensina que o invisível supera o visível. Lança o paradoxo do evangelho que o que parece não é, e o que não parece realmente é.

Salienta, não a dificuldade de ter fé, mas a necessidade de crer nele como Senhor e Salvador.

Portanto, a maior cura de Jesus não é do corpo porém do coração e mente. A cura maior é espiritual: a conversão a Jesus com perdão do passado e garantia de vitória no presente e futuro. Jesus mesmo é a grande diferença, a razão de fé e a esperança de vida eterna.

Percepção Espiritual

Aproveitando a presença de muitos discípulos e de uma grande multidão Jesus começou a pregar as boas notícias do reino de Deus. Estando numa planície com acesso fácil, pessoas de todos os cantos da Palestina vieram para ouvir a mensagem e para ser curado. Talvez fosse a auge da popularidade de Jesus.

Surpreendentemente, Jesus usou esse momento da presença de tantas pessoas entusiasmadas para mostrar a realidade espiritual. Surpreendeu porque seu ensino confundiu o senso comum: o que recomendou todos queriam evitar e o que proibiu todos achavam positivo nas suas vidas. Era uma reviravolta completa que exigia percepção espiritual que só Jesus seria capaz de ensinar.

Como costume, Jesus deu o ensino para seus discípulos, mas permitiu a multidão ouvir também. A formação completa dos seus seguidores era o alvo principal, contudo a mensagem também poderia atrair novos discípulos da multidão. Em síntese, Jesus pregou a inversão de valores na qual a bênção de Deus mudaria tudo. Haveria aparentemente grande perda aqui na terra, porém grande ganho no céu, mesmo sendo invisível no momento. O mundo ensinaria o contrário: lucrar no visível e esquecer o invisível. Contudo, Jesus frisou que a percepção humana era falsa, não tendo os valores de Deus. Por exemplo, naquele momento, muitos estavam procurando cura física enquanto precisavam de salvação espiritual.

Jesus declarou o que seria bem-aventurado, abençoado e feliz no serviço a Deus. Até o pior possível seria bom tendo ele como Senhor. Prometeu abençoar pobres, famintos,

tristes e odiados-- os "infelizes" desta vida achando felicidade em Jesus. Com ele haveria sempre a vitória. Bem melhor que aqueles que por meios humanos seriam ricos, satisfeitos, rindo à toa e sempre elogiados porém vazios e perdidos, longes de Deus. Sem Jesus, até o melhor seria inadequado porque o bem imediato nunca igualaria o eterno.

Conforto Desconfortável

A inversão de valores por Jesus continuou quando alertou contra os alvos mais cobiçados, as coisas que levariam a conforto e satisfação material. O alvo da vida seria espiritual, com as coisas materiais sendo secundárias. Em outras palavras, Jesus disse: "Coitado do materialista; pensa que tem tudo mas não tem nada".

Jesus usou a palavra "ai" (palavra universal para dor e sofrimento) para descrever a vida dos bem-sucedidos aos olhos humanos. Foi a inversão das bem-aventuranças com a condenação no lugar da salvação. A razão seria que, tendo tudo nesta vida, não haveria a busca do reino de Deus e, portanto, haveria a perda do mais importante, aquilo que viria só do Senhor.

Como sempre, Jesus falou a verdade. Seus maiores inimigos eram os ricos e poderosos. Tendo tudo, cometaram suicídio espiritual, opondo-se ao Mestre. Excluíam-se a si mesmos do reino por perseguir o Senhor e Rei.

Reflexão

A escolha para nós é bênção ou ai; é acreditar no evangelho ou confiar nas coisas materiais. Jesus continua alertando: quem tem agora, não terá depois; a perda agora será o ganho eterno.

AMOR PARA TODOS

6.27-36

Amor é tudo e para todos. Esse ensino de Jesus revolucionou o mundo. Seus discípulos seriam conhecidos, não por sua religiosidade ou pureza de doutrina, mas por seu amor uns aos outros. O amor de Deus, tão visível em seu Filho, seria copiado por todos os seguidores do Mestre.

Jesus ensinou que quem ama faz para o outro o que gostaria de receber. Esse princípio prático orientou sua vida pessoal e todo seu ensino. Era implacável na prática e ensino do bem.

No mundo, há distinção entre o ideal e o real, o discurso e a prática. Não houve essa discrepância em Jesus e ele não permitiria que houvesse nos seus discípulos. Os seguidores de Jesus o imitariam em tudo e principalmente no amor.

Amor Faz o Bem

O princípio prático de amor dado por Jesus exigiu dos seus ouvintes novas atitudes e ações. Não era para debater amor aos outros; era para pô-lo em prática. Jesus disse que amor era boa vontade em ação--seria a regra de ouro: tratando os outros como gostaria de ser tratado. Enquanto os outros grandes da história ensinavam não fazer mal ou tratar como estava sendo tratado, só Jesus levou o preceito para proatividade: fazendo o bem primeiro.

Jesus deu uma série de ordens positivas: amar, tratar bem, falar bem, orar, oferecer, deixar levar, dar e apaziguar. Esse tratamento dado até para os malvados distinguiria o povo de Jesus. Amar era fazer o bem, surpreender por fazer o que o outro precisava ao invés de vingar-se. Seria a atitude e decisão de bondade ativa, não sendo um mero sentimento mutável. Jesus se tornou Senhor até das atitudes dos seus seguidores, porque esses deixariam de lado seu revanchismo para buscar ativamente o bem-estar dos outros. Para Jesus, o amor iria muito além do esperado--iria até a cruz. Esse mesmo amor transformaria seus discípulos em pessoas cuja boa vontade não conhecia limites. Todos teriam o alvo da salvação do mundo. Nem violência nem maus tratos poderiam desviá-los do seu caminho rumo ao céu.

Que Graça Há?

Três vezes Jesus perguntou qual seria a graça em tratar bem aqueles que devolviam os bons tratos. A graça residiria em amar os não-amáveis, como Deus amou o mundo inteiro. Imitando o amor de Deus, os discípulos seriam filhos de Deus ("tal Pai, tal filho")

e demonstrariam a graça divina.

Enquanto o mundo diria "amor com amor se paga", Jesus chamou para altruísmo elevado. Definiu amar como fazer o bem e simplificou mais ainda dizendo que seria dar o que outros precisavam. Como Deus amou o mundo de tal maneira que deu seu único Filho, assim fariam os filhos de Deus: sem pensar em mérito, seria fazer o bem, irradiando para outros o amor recebido do Pai.

A pregação de amor por Jesus se inspirou no próprio Deus. Não haveria como Jesus pregar o reino de Deus sem insistir no amor. Como misericórdia motivou Deus para fazer seu plano de salvação, misericórdia daria o impulso a sua igreja de levar essa salvação a todos. A imitação de Deus sempre destacaria o amor.

Hoje há a mesma graça em amar como Deus ama. Não diga "que bonito!" para depois esquecer; diga "que alvo elevado" para depois assumi-lo na sua vida. A vontade de Deus se torna o princípio da nossa conduta. Não desconte as palavras de Jesus sobre amor, dizendo "eu não posso"; obedeça por completo, dizendo "Tudo posso naquele que me fortalece."

COMO O MESTRE

6.37-42

Além de ser Salvador, Jesus ocupa a posição de Senhor e Mestre. Ensina com perfeição o caminho certo e oferece seu próprio exemplo para ser imitado. Seus discípulos, sendo bem instruídos e equipados, serão como ele é. Os discípulos seguem e imitam o Mestre e suas vidas transformadas testemunham da verdade e poder do evangelho.

Paz na Terra

Pela ocasião do nascimento de Jesus, os anjos anunciaram: "Paz na terra e boa vontade entre os homens." Jesus cumpriu essas palavras por sua vida pessoal, seu ensino esclarecedor e sua morte redimidora. Jesus trouxe paz entre as pessoas por providenciar perdão e reconciliação. Ensinou que o bem recebido deveria ser repassado: os perdoados perdoariam e os reconciliados se reconciliariam. Mostrou que seria sempre certo perdoar e dar o que o outro precisava e nunca certo, julgar e condenar.

O Mestre alertou contra a tendência humana de julgar os outros e motivou a generosidade. Haveria medida justa de julgamento: quem perdoasse por causa de Jesus, receberia o perdão; entretanto, quem condenasse seria condenado também. Quem veio para salvar e não condenar exigiu que seus seguidores fizesse o mesmo. A falta de perdão, tão frequente entre os religiosos, poderia destruir a causa de Cristo.

Jesus destacou que ninguém poderia dar mais que Deus: perdão, amor e até bênçãos materiais. Ser generoso significaria ser como Deus e receberia dele recompensa também generosa. O discípulo de Jesus nunca poderia ser mesquinho, pois sempre vale o princípio espiritual: "o que o homem semeia também ceifará."

Jesus desafiou: "Ame, perdoe e dê; será como Deus e verá resultados bonitos."

Generoso em Dar, Abundante em Receber

Jesus usou a figura de pesagem de cereais para ensinar amor e perdão: a medida (o peso) dada seria a medida recebida. Amar, perdoar e não julgar outros traria o mesmo peso e mais ainda. Ninguém daria mais que Deus que por meio de Jesus amou, perdoou e não condenou.

O Senhor mostrou que seus discípulos o seguiriam em tudo e teriam a mesma vida dele. Sem medo de ser generosos, sem necessidade de criticar e culpar outros, receberiam mais que imaginável. Dariam sua vida ao Senhor e receberiam a vida eterna com ele.

Cegueira e Visão

Para ilustrar a grande diferença entre a vida com ele e sem ele, Jesus descreveu a cena

tragi-cômica de dois cegos passando no campo aberto, um guiando o outro. O primeiro caindo, o segundo fatalmente cairia. Assim, seria a vida sem visão espiritual, sem Jesus. Seria julgar-se espiritual sem obedecer a Deus, criticar outros sem ter auto-crítica, e, pior, guiar outros sem amá-los. O resultado seria desastre, queda total do mestre e seguidores. Entretanto, houve outra opção: seguir Jesus, o Mestre com visão perfeita. Ele nunca caiu e seus seguidores teriam a mesma segurança. Aprender de Jesus, ver como Jesus, estar preparado como Jesus--tudo viria da sua instrução e a imitação dele.

Jesus chamou para uma vida sem distorções, sem preconceito. Com humildade e certeza do juízo divino, os discípulos de Jesus se esforçariam para cuidar das suas próprias vidas e ajudar outros a fazerem o mesmo. Nas palavras de Jesus, sem uma trave no próprio olho, haveria facilidade em ajudar outros se aliviar dos ciscos em seus olhos--auto-crítica permitiria ajuda a outros sem críticas nem condenação.

Como Jesus, o guia com percepção total, seus discípulos teriam condições e boa vontade para ajudar outros a enxergar com perfeição e também seguir o Mestre. Ser como Jesus seria a chave de uma vida produtiva no reino de Deus.

FALAR OU FAZER?

6.43-49

É fácil falar; é difícil fazer. Quantas pessoas têm o discurso mas não a prática. Jesus quer que tenhamos fé operante--provamos a existência da nossa fé por meio da obediência. Então, é ouvir, crer e obedecer.

Árvores e Frutos

Notando a semelhança entre o mundo físico criado por Deus e a vida espiritual, Jesus comparou a espiritualidade a uma árvore frutífera. Enquanto a prova de uma árvore seria a qualidade do seu fruto, a prova de espiritualidade seria seu efeito não só no discípulo mas também nas pessoas ao redor. Seria fé vertical (para Deus) com resultados horizontais (para outras pessoas).

Mesmo que as aparências pudessem enganar e houvesse confusão sobre quem realmente fosse de Deus, o fruto nunca enganaria. Boa influência viria só de uma pessoa boa (a bondade definida por Jesus como obediência a ele). O exemplo perfeito era o próprio Jesus, cuja vida produziu fruto para a vida eterna.

Corações e Atos

Segundo Jesus, o bom homem tiraria do bom tesouro do seu coração o bem, enquanto o homem mau tiraria do seu coração mau o mal. Assim, ajuda espiritual nunca viria de pessoas carnis, pessoas sem espiritualidade. Perdão e generosidade sempre viriam de pessoas arrependidas do mal e obedientes a Jesus. Como figos e uvas não vinham de plantas sem valor, atos valiosos viriam só de corações convertidos a Jesus. Haveria sempre correlação entre o estado de coração e os atos de uma pessoa.

Corações e Palavras

Da mesma forma, Jesus ensinou que palavras eram indicadores fiéis do estado do coração. A fala indicaria o conteúdo do coração, se estivesse cheio de bondade e pureza ou veneno e podridão. Jesus disse que palavras não saíam por acaso; a expressão verbal seria resultado do estado espiritual. Palavras sujas escapulariam porque estavam dentro da pessoa, da mesma forma que saíam palavras de estímulo e incentivo do coração do seguidor do Mestre. Sem dúvida, o bom tesouro se derivaria de Cristo no coração.

Duas Casas

Jesus proclamou que a chave seria obediência total a ele, englobando os atos e as palavras; seria fazer a vontade do Mestre. Numa parábola memorável, Jesus mostrou a necessidade de ouvir e cumprir. A pessoa, ouvindo e pondo em prática o evangelho, seria o

homem construindo sua casa (vida) num alicerce firme de rocha. A pessoa, mesmo ouvindo mas não obedecendo, contruiria suas casa (vida) na terra sem alicerce. Com a vinda de tempestades, haveria resultados completamente diferentes: uma vida firme em Jesus e a outra em ruína.

Jesus veio do céu para revelar o caminho certo, caminho esse rumo ao céu. A reação de cada pessoa mostraria a condição do seu coração: ou obediência ou indiferença. Os atos e as palavras demonstrariam o tipo de vida construída. A salvação viria para aquele com fé e obediência:

Crer e observar

Tudo quanto ordenar,

O fiel obedece

Ao que Cristo mandar!

TANTA FÉ

7.1-17

Fé é confiar e cumprir.

Fé é respeitar e obedecer.

Fé não é saber e explicar tudo.

Como diz a Escritura, fé é a certeza da esperança em Deus e convicção da existência da vida espiritual.

Quando Jesus viu a fé de um comandante do exército romano, ficou maravilhado, declarando que nem entre os israelitas havia alguém de tanta fé. Como seria bom se Jesus falasse a mesma coisa sobre nós!

Um Pagão com Fé

Terminando o sermão na planície, Jesus voltou para a cidade de Cafarnaum onde recebeu o pedido de um centurião romano viu anciãos judeus. Falaram tão bem dele que talvez fosse prosélito ao judaísmo. De qualquer forma, pediram a ação urgente de Jesus para curar um empregado do romano.

A chegada de Jesus provocou uma cena inédita. Com grande humildade e fé, o centurião se disse indigno de receber a visita de Jesus e que só uma palavra do Senhor seria o necessário para a cura. Usou seu próprio exemplo como comandante: seus soldados obedeciam prontamente suas ordens. Entendeu que as ordens de Jesus seriam mais que suficientes. Entendeu bem o princípio de autoridade, aquilo que Jesus tinha sobrando. Com tal demonstração de boa vontade espiritual, houve a cura e mais ainda. O poder de Jesus curou o empregado sem Jesus entrar na casa, mas a maravilha maior, pelo menos para Jesus, foi a fé do comandante. A combinação de fé e humildade, de confiança e aceitação, abriu a porta para Jesus agir sem ter que abrir a porta literal para ele entrar naquela casa. O poder de Deus em Jesus veio ao encontro da fé do centurião e aconteceu uma cura a longa distância sem a necessidade da presença física do Mestre.

Uma Mãe sem Esperança

Jesus saiu da cidade com uma comitiva numerosa de discípulos e de interessados.

Caminharam uma certa distância até a cidadezinha de Naim. Perto da entrada da cidade o grupo alegre de Jesus se encontrou com um cortejo fúnebre. Que contraste: vida eterna em Jesus e o triste fim da existência humana (a turma da vida e a turma da morte!).

A tristeza redobrou-se porque o morto foi o filho único de uma viúva. Quanto mais ela poderia aguentar: já perdeu o marido e agora o filho faleceu, deixando-a só. Além da

solidão, haveria o espectro de pobreza, por não existir na antiguidade a previdência social e estar agora sem alguém para sustentá-la na sua velhice.

O desespero total da mulher notivou pena e ternura da parte de Jesus. Com compaixão, ordenou "Não chore". Se fosse qualquer outro, senão Jesus, seria crueldade dizer não chorar--que mais restava à mulher a não ser suas lágrimas? Entretanto, sem qualquer pinguinho de crueldade e com um coração cheio de amor, Jesus mandou parar o cortejo e deu ordem para o corpo morto. Incrível que parecesse, o corpo morto obedeceu a sua ordem e assim voltou à vida. Aconteceu milagre tremendo de ressurreição: com provas visíveis (sentando e falando) o filho foi entregue à mãe!

A tristeza da mulher se tornou uma grande alegria, o efeito de Jesus na vida de muitas pessoas. Tudo mudou por causa do amor e poder do Senhor: morte para vida e solidão para vida em família mais uma vez. O milagre de Deus revolucionou a vida da mulher, sem mencionar a vida do filho ressuscitado.

O milagre mostrou Jesus como Senhor, com tudo que esse título queria dizer. Ele era maior que todos os profetas. Com a mescla de medo e louvor, a multidão o chamou do Grande Profeta, aquele que viria, o Messias, o Cristo! A ressurreição do filho único da viúva de Naim comprovou a identidade de Jesus como único Filho de Deus.

Hoje--com Fé e com Esperança

Os dois milagres, a cura e a ressurreição, continuam na atualidade de mostrar quem é Jesus e reforçar a nossa fé. Tenhamos tanta fé quanto o centurião e tanta alegria quanto a viúva.

Nós também entendemos a autoridade de Jesus, obedecendo prontamente. De fato, cumprir a ordem do Senhor é o nosso prazer maior.

Nossa tristeza vira alegria em Jesus. O sofrimento de pecado some e aparece o alívio de perdão. Quando o Mestre diz: "Não chore", sabemos que ele não só seca nossas lágrimas mas também nos dá motivo de alegria permanente.

A IDENTIDADE DE JESUS

7.18-35

A chave para a fé cristã se acha na identidade de Jesus. Ele, sendo o Senhor e Salvador, influencia todo o pensamento espiritual. De fato, o apóstolo João chamou de anticristo quem negava a divindade de Jesus. Não há quetão maior do que quem é Jesus.

Essa era a pergunta feita por João Batista através dos seus enviados: "é aquele?" (aquele profetizado e tão esperado). Daria para acreditar em Jesus ou seria necessário esperar outro? Quem mandou perguntar era o precursor, aquele que cumpriu com perfeição o papel lhe dado por Deus. Agora preso e isolado, talvez estivesse deprimido e confuso com a reputação de Jesus como alguém que tinha mais interesse em ensinar do que julgar e de curar do que vingar.

Quem era João Batista? Diferente que qualquer outro--o maior e o último de todos os profetas. Era mais que um profeta porque era ele mesmo cumprimento de profecia.

Trouxe a nação de Israel para a época messiânica, assim sendo superior a todos os do Velho Testamento por causa da sua obra estratégica.

A Pergunta, as Provas e a Resposta Bíblica

Do interior da prisão veio a pergunta chave, usando a linguagem do Salmo 118 sobre "aquele que vem em nome do Senhor". Jesus era o Messias ou meramente outro igual a João? A dificuldade de ver características messiânicas em Jesus levou João a mandar perguntar (talvez revelando dúvidas da sua parte).

Ao invés de ficar sentido pelo questionamento desnecessário, Jesus aceitou a oportunidade para esclarecer tudo. De fato, antes de responder, deu provas que forneceriam base para a resposta. Deixou seu trabalho responder, citando as obras maravilhosas que só o Messias podia fazer. Suas ações falaram alto, dando sustento às palavras.

A resposta verbal veio de uma citação bíblica do profeta Isaías. A profecia escrita 700 anos antes de Jesus se leu como reportagem do ministério do Mestre. Eram sinais da época messiânica. Jesus deu uma resposta forte e comprovada: "Sim, sou!" Acrescentou uma bênção (e alerta): "bem-aventurado quem aceita essa verdade e não se escandaliza."

A Superioridade do Novo Testamento

Depois de mandar sua resposta inequívoca, Jesus perguntou três vezes à multidão sobre João Batista: quem saíam para ver? Jesus o elogiou, chamando-o o maior dos profetas e o maior dos seres humanos. Destacou sua importância no plano de Deus, por preparar o caminho para Jesus. João cumpriu sua missão com a prova sendo o fato da multidão, que

seguia João, estar agora seguindo Jesus o Cristo.

Jesus, o Messias, era superior a João, o preparador do caminho. Tão superior, declarou Jesus, que qualquer seguidor dele seria maior que João (ou qualquer outra figura do Velho Testamento). A superioridade do Novo Testamento de Jesus trouxe esse destaque a seus discípulos. O menor do reino seria maior do que a expressão máxima dos tempos anteriores. Seguir João seria retrocesso; seguir Jesus seria o acerto.

Essa comparação com João Batista lembrou Jesus da criança espiritual dos críticos dele. Esses "sabidos" pareciam crianças brincando, achando João severo demais e Jesus mundano demais. Nada lhes agradava por não entender a diferença entre os dois, com seus propósitos diferentes. Assim rejeitavam o plano de Deus. Tais reações infantis impossibilitavam uma aceitação de Jesus como Senhor. Citando um ditado sobre sabedoria, o Mestre frisou que o resultado mostrava a verdade--a sabedoria seria divina com a aceitação dele porém humana e falha com a rejeição.

Hoje, longe de brincadeiras infantis, tenhamos certeza que Jesus é o único--ele é "aquele" prometido. Sua identidade sustenta a nossa fé. Dessa forma, como participantes do Novo Testamento, podemos ser maiores que João Batista, seguindo Jesus. Ou, infelizmente, podemos brincar com a vida e perder tudo.

MULHERES NO REINO

7.36-8.3

Uma idéia falsa porém difundida é que não há trabalho para mulheres na igreja. Talvez essa impressão se baseie na premissa errônea que o trabalho da igreja se restringe aos cultos que, de fato, Deus ordena que os homens liderem.

Entretanto, a verdade é que há mais compo de trabalho para mulheres do que para homens. O alvo do povo de Jesus é fazer mais discípulos e há mais mulheres na população mundial que homens, oferecendo maior oportunidade feminina. Mulheres fazem discípulas de Jesus de outras mulheres, num trabalho crescente até a volta do Senhor. É usar a vida no reino, indiferente do sexo.

Por isso, havia discípulas de Jesus durante sua vida, como havia discípulos. Mesmo dando destaque para os apóstolos (todos homens), as mulheres tinham vez, servindo em várias funções, até na parte de sustento material. Um episódio surpreendente mostrou essa participação..

Ato Espontâneo

Como seria possível alguém mostrar amor a Jesus? Especialmente, como seria possível se esse alguém fosse uma mulher? E para complicar ainda mais, se a mulher fosse uma pecadora de má fama na cidade?

Uma mulher (anônima no texto) aproveitou uma oportunidade quando Jesus foi convidado para jantar na casa de um fariseu chamado Simão. Descartando seu jeito anterior no qual atrairia atenção masculina por meio de favores sexuais, a mulher agiu de uma forma simples, humilhante e cara. Chegando de surpresa na sala onde Jesus e os outros estavam reclinando à mesas de jantar com seus pés para fora, passou um perfume caro nos pés de Jesus, beijou-os e, no lugar de uma toalha, usou seus cabelos para secar os pés. Seu ato inesperado revelou o amor no seu coração e seu desejo de mudar de vida.

Duas Reações

As pessoas presentes reagiram de formas diferentes ao gesto da mulher. Houve a reação dos religiosos, tendo o anfitrião como exemplo principal, e a reação de Jesus, que surpreendeu tanto quanto o ato da mulher.

A reação de "religião" desprezou tudo por tratar de uma mulher pecadora. Simão condenou tanto a mulher (por ter ousadia para entrar onde não devia) quanto Jesus (por não rechaçá-la). Quis humilhar a mulher porque era pecadora conhecida e questionar Jesus porque deixou ela tocá-lo.

A outra reação foi do amor de Deus e foi enunciado por Jesus. Ele viu a sinceridade e pureza do gesto da mulher e providenciou perdão. O amor de Deus foi ao encontro da busca da mulher por uma nova vida.

Como de costume, Jesus esclareceu a situação e ensinou uma grande lição por meio de uma parábola. Contou sobre dois devedores de somas de dinheiro (um deveu dez vezes mais que o outro) que foram igualmente perdoados. À pergunta de quem amaria mais veio a resposta que seria aquele que foi o mais perdoado. Eis a diferença entre Simão (que se julgava um fariseu bom sem necessidade de perdão) e a mulher (que não tinha nada de bom para apresentar); ele com a ilusão de salvação e ela com a consciência de perdição e a necessidade de perdão.

Como na parábola assim na vida real, a maior devedora foi perdoada por Jesus e demonstrou sua fé e amor. Amor a Deus levou a humildade e obediência, enquanto religiosidade levou Simão a auto-justificação e condenação dos outros. Jesus enfatizou mais o perdão (e mais percepção dele) e mais amor.

Depois de perdoar, Jesus disse à mulher que sua salvação veio por sua fé.

Adicionou:(literalmente no texto original) : "Vá para paz", paz sendo o dom de Deus para aquele com fé e amor.

Missão Feminina

A missão de Jesus de pregar o evangelho e treinar os apóstolos recebeu o apoio material de várias mulheres também curadas e perdoadas pelo Senhor. Sendo pobre, Jesus não tinha recursos próprios e, às vezes, nem onde deitar sua cabeça. Esse grupo de mulheres, além de serem discípulas, contribuiu voluntariamente para o sustento financeiro da missão. Para Jesus, não havia distinção entre homens e mulheres em termos das suas possibilidades espirituais.

A mulher que ungiu os pés de Jesus não era a única. Várias outras usavam seus recursos para o bem de outros, também sendo exemplos do princípio: muito perdão, muito amor.

CORAÇÃO BOM E BONITO

8.4-18

Como agradar a Deus e ser salvo?

Como ter sentido de vida?

Como ser uma bênção para outras pessoas?

Jesus ensinou por meio da parábola do semeador que a chave seria a condição do coração.

Enfaticizou a necessidade de ouvir o evangelho, aceitar e guardar os mandamentos e perseverar, dando fruto. Essa parábola era uma de várias que o Mestre contou para uma grande multidão, vinda de muitos lugares diferentes.

A Parábola

Jesus começou a parábola com três variações da mesma radical: semeador, semear e semente, mostrando que a chave da vida cristã seria a mensagem pregada. A mensagem sendo sempre a mesma, a variante seria a condição de coração dos ouvintes. Listou quatro tipos de solo ou quatro possibilidades espirituais: terra à beira do caminho, terra rochosa, terra com espinhos e terra boa. Só a terra boa chegaria a produzir fruto, porém a produtividade seria alta (cem vezes a quantidade de semente). Alertando para o ponto principal, Jesus avisou que quem tinha ouvidos teria de prestar atenção para ser boa terra.

Explicação

Normalmente Jesus deixou a interpretação das parábolas a cargo dos ouvintes. Contudo, por ser a primeira numa série, ele mostrou como entender. Acolhendo o pedido dos discípulos, revelou o que chamou "o mistério do reino de Deus." O que era misterioso antes agora se revelou em Jesus e tudo ficou claro para quem tinha ouvidos para ouvir. Para os "sabidos", tudo revelado continuou oculto nas parábolas que consideravam histórias simples demais.

Seguindo o paradigma de ouvir, aceitar e obedecer e perseverar (dando fruto), Jesus fez a análise da parábola. Todos os solos ouviram a palavra. Todos menos o primeiro aceitaram. Contudo, no quesito mais importante, somente o quarto tipo perseverou até dar fruto.

No chão batido, o coração duro, o diabo tirou do coração, sem crer e sem ser salvo. No solo rochoso, houve receptividade e aceitação sem profundidade, sendo insuficiente para evitar desvio e queda por provações. A terra com espinhos teve um começo sem chegar ao fim, ficando sufocado com preocupações, riquezas e prazeres. O coração bom e bonito, a terra boa, cumpriu sua razão de existir, produzindo fruto abundante. Claramente,

Jesus veio ao mundo para que houvesse esse quarto tipo.

Aplicação

O ensino de Jesus serviu para iluminar a vida humana. Como a função de luz seria sempre de possibilitar a visão, Jesus veio como a luz para fazer visível o reino de Deus. Cumpru seu propósito de ser a luz do mundo. Como a lâmpada seria para iluminar e alguém entrando na sua presença veria a luz, também o ensino de Jesus serviu para iluminação da alma humana.

Jesus ensinou para a revelação total, primeiro da verdade de Deus e depois dos "segredos" dos homens, expostos pela luz do evangelho. Pela parábola, o Mestre começou o processo de mostrar a todos a vontade de Deus, processo esse continuado em todo o Novo Testamento.

Os ouvintes precisavam urgentemente aproveitar a luz dada por Jesus. Num princípio que parecia estranho inicialmente, frisou cuidado com a recepção do evangelho--seria necessário ouvir bem para ganhar tudo e não perder nada. O ouvinte atento e obediente receberia mais ainda, o caso da boa terra produzindo cem por um. O ouvinte relaxado e desobediente teria menos ainda, ficando sem o que tinha como a terra batida perdendo a semente para os pássaros.

O que fazer com a luz de Cristo? O discípulo fiel a deixaria iluminar sua própria vida e a transmitiria para muitos outros. Assim, haveria mais e mais--mais luz e mais iluminação.

A FAMÍLIA DE DEUS

8.19-25

A família de Deus tem Deus como Pai e Jesus como Filho; e nós? podemos fazer parte? Jesus respondeu que sim e explicou e exemplificou como seria possível.

Ser Família

Entre tantas pessoas procurando Jesus eram sua mãe e seu irmãos. Entretanto, não conseguiram entrar no recinto e mandaram avisar sua presença e seu desejo de falar com ele. Ao invés de parar tudo para atendê-los, Jesus continuou seu ensino, aproveitando a presença da família física para ensinar sobre a família espiritual. Proclamou que sua família verdadeira seriam as pessoas ouvindo e praticando a palavra do evangelho. Reforçou em termos vivos o ensino da parábola do semeador sobre ouvir, guardar e perseverar até dar fruto. Sua família seriam seu discípulos. Pelo reino de Deus, Jesus constituiu a família da fé.

A boa notícia foi que todos poderiam fazer parte da família de Deus. Sem preconceito e aceção de pessoas, Jesus aceitaria todos os crentes obedientes como sendo da família espiritual. Não seria mais nacionalidade ou parentesco físico; o Senhor constituiria parentesco espiritual de todos os obedientes--estes seriam sua mãe, irmãos e irmãs. Sem desprezar sua família terrestre, Jesus valorizou mais ainda sua família da fé.

Teste de Parentesco

Logo depois ocorreu uma crise para testar o grau de parentesco dos discípulos com Jesus. Eram realmente da sua família?

Jesus ia com os outros de barco para o outro lado do Mar da Galiléia para pregar o evangelho. Cansado fisicamente de tanta atividade, ele dormiu. Surgiu uma tempestade repentina que assustou os discípulos que, em desespero, acordaram Jesus, gritando: "Mestre, Mestre, nós vamos morrer!" Qual seria a reação de Jesus? O pavor dos discípulos era necessário?

Com poder milagroso do maior grau possível, Jesus repreendeu o mau tempo como se fosse uma criança mal-criada. Mandou no vento e na água e os dois obedeceram, gerando uma calma total.

Depois de repreender a natureza, mostrando-se Senhor da criação, repreendeu também seus discípulos com a pergunta cortante: "Onde está a sua fé?" ou, nas palavras de parentesco: "De que família são?" A agitação e ansiedade dos discípulos eram demonstrações de falta de fé, certamente não marcas de membros da família do Senhor.

A reação foi de uma mescla de medo e maravilha: "Quem é este?" Até a natureza se mostrou atenta, ouvindo e obedecendo--exatamente os requisitos de fazer parte da família de Jesus. Se fosse assim no mundo natural, quanto mais deveria ser entre os discípulos? O que aconteceu foi sinal da divindade de Jesus, sendo sobrenatural a única explicação possível. A reação moderna deve ser de fé. Devemos ouvir e obedecer ao Mestre, assim tornando-nos partes da família dele. O que ele fez com o vento e água hoje faz conosco com perdão e paz. Como os primeiros discípulos, ficamos maravilhados com o que ele faz. Quando parece que estamos quase perecendo, vem dele a bonança.

Jesus é Senhor de tudo, até da natureza. Seu poder que acalma a tempestade é mais que suficiente para cuidar de nós.

O QUE DEUS FEZ

8.26-39

Jesus ordenou ao homem: "Volte para casa e conte o que Deus fez por você".

Da mesma forma, o que Deus faz por nós, devemos aceitar e anunciar a outros. O objetivo é apreciar a bondade de Deus e expressá-la adequadamente para outras pessoas para incentivá-las a receber a mesma bênção.

Sem Esperança

A história começou com uma cena deprimente: um homem totalmente sem condições e sem esperança. Jesus tinha ido para a terra dos gerasenos, na fronteira de Israel. Lá, veio ao seu encontro um homem louco e fora de controle, dominado por espíritos malignos. O mal tinha destruído a vida do homem, deixando-o selvagem.

Incrivelmente, houve um tipo de controle e atração que Jesus exercia sobre os demônios. Impulsionado pelo mal, o homem chegou a Jesus e os demônios numerosos dentro dele confirmaram a identidade divina do Mestre e, ao mesmo tempo, externaram sua repulsa e repugnação. Chegaram reclamando, receosos sobre o que Jesus faria com eles. Era um exemplo claro do que seria escrito mais tarde na carta de Tiago: "Até os demônios crêem e tremem". A autoridade de Jesus era total (e vitorioso sobre o mal).

Grande Milagre e Maravilha Maior

A reação atordoada dos espíritos malignos no homem (tantos que eram chamados "Legião") ocorreu por causa da ordem de Jesus de sair do homem. Jesus operou outro grande milagre, expulsando os demônios. Claramente, o bem, na pessoa de Jesus, venceu o mal mesmo sendo hoste numerosa.

O resultado foi duplo: o louco agora sereno ouvindo o ensino de Jesus e os demônios provocando histeria e perda total de uma manada de porcos. Mesmo sendo uma perda material substancial, o ganho humano foi bem maior. O milagre foi impressionante; a volta do homem a seus sentidos e saúde, maior ainda.

Gratidão e Ingratidão

A notícia chegou rápido à cidade e os habitantes saíram para ver o que aconteceu.

Deparam-se com uma cena difícil de acreditar: o terror da região, o maluco do cemitério, tornou-se um homem arrumado e sensato! Viram um homem lúcido e pacífico, exatamente o que Deus (e não o diabo) queria para qualquer pessoa.

Mesmo ouvindo o relato do milagre, a reação da população local foi negativa. Pensando no prejuízo material da perda dos porcos e temendo que houvesse mais perdas, as pessoas

pediram que Jesus fosse embora. Ao invés de gratidão e apreço pelo bem tremendo feito para o homem, reinou ingratidão e medo do desconhecido (nesse caso o que mais Jesus seria capaz de fazer).

Por outro lado, a gratidão do homem curado foi total. Quis ir com Jesus, acompanhando seu salvador. Apesar da rejeição mal-educada dos outros, almejou estar sempre na presença daquele que lhe trouxe os efeitos do amor e poder de Deus.

Contudo, a demonstração da sua gratidão não seria ir com Jesus; seria ir em nome de Jesus. O Mestre lhe deu ordem missionária de voltar a seu povo (que ficava fora do território da Palestina) para testemunhar a grandeza de Deus. Sua missão seria voltar para casa e contar o que Deus lhe fez; seria um tipo de pre-evangelismo, preparando os ouvintes para a missão mundial dos seguidores de Jesus depois da sua morte e ressurreição.

Em tempos modernos, nossa reação à graça de Deus deve ser gratidão, como o homem liberto do mal. Nosso tema será sempre as maravilhas de Deus. Abramos nossas vidas para receber as bênçãos e nossas bocas para proclamar a bondade e poder do Senhor. Cumpriremos também nossa missão com a comunicação de tudo que Jesus fez e faz e fará!

A BOA VONTADE DO MESTRE

8.40-56

Duas histórias de sofrimento e desespero se entrelaçaram ao redor da pessoa de Jesus. Pessoas de situações diferentes chegaram implorando a ajuda do Senhor. Como responderia? Com impaciência e chateação por ser incomodado? Ou, com amor e interesse genuíno em todas as pessoas envolvidas? Quem conhecia Jesus já sabia a resposta--sua boa vontade permanente atraiu pessoas de todos os tipos e até o dia de hoje nos atrai.

No meio de uma multidão esperando ouvir e ver grandes coisas, duas necessidades urgentes se convergiram e Jesus resolveu as duas. Um caso era uma menina de doze anos à beira de morte e o outro, uma mulher com um mal incurável. Com nada em comum e, ao mesmo tempo, tudo em comum, os dois pedidos chegaram quase simultaneamente a Jesus. Sua reação e ação comprovaram para sempre a boa vontade do Mestre.

O Chefe Humilde

Diferente que a maioria dos líderes religiosos, o chefe da sinagoga chegou com humildade a Jesus para pedir sua ajuda. Com sua filha quase morrendo, deixou de lado questões religiosas e possível arrogância de cargo elevado e pediu a cura que só Jesus podia dar. Arriscou sua posição proque qualquer associação com Jesus poderia levar à excomunhão.

Sua esperança dissipou com a notícia triste da morte da criança. Seu esforço pareceu estar em vão. Contudo, Jesus lhe ordenou a não temer e só crer. Assim, a menina seria salva. O que fazer: acreditar em Jesus apesar da notícia de morte ou entregar-se ao desânimo?

Jesus estava pedindo para ele ter fé para abrir a porta: a porta literal da sua casa e do quarto da menina e a porta figurada do seu coração.

O homem tomou o caminho de fé e levou Jesus para sua casa. Para os de luto, o Senhor da vida e morte assegurou que a mocinha não estava morta e sim só dormindo. Seus risos nervosos e irônicos desestimulariam qualquer um, menos Jesus. Levou resolutamente os pais e seus três discípulos mais chegados e entrou no quarto. Chegou à cama, pegou a morta pela mão, deu ordem para voltar a viver e aconteceu o grande milagre. Ocorreu ressurreição, maravilha inigualável que aumentaria mais ainda a fé dos presentes.

E se o pai tivesse aceito os conselhos dos outros de não incomodar o Mestre? E se não tivesse acreditado e levado Jesus para sua casa? A fé do homem não fez o milagre mas possibilitou a ação de Jesus.

A Desenganada

Um outro drama se desenrolou durante esses acontecimentos. No meio da multidão ao redor de Jesus, uma mulher doente por doze anos procurou do Senhor a cura do seu mal. Pelo mesmo número de anos da idade da menina, sofreu de uma hemorragia incurável. Desesperada e depois de ter gasto tudo inutilmente com médicos chegou a Jesus como sua única e última esperança.

Sem alarde, tocou a roupa de Jesus e foi curada. Agiu assim por causa da boa fama de Jesus e pensou que poderia ser curada se só tocasse sua roupa. Ninguém percebeu nada; isso é, ninguém menos Jesus e a mulher, quem curou e quem foi curada. Jesus perguntou quem o tocou, pergunta aparentemente fútil com tantas pessoas ao redor, porém a mulher teve coragem e disse que foi ela porque sabia o que tinha acontecido.

O Mestre, com carinho, declarou, não só a cura física, mas também a cura espiritual: "sua fé a salvou". Acrescentou, como em outros momentos, "*vá para a paz*" (no lugar do costumeiro "*vá em paz*"), indicando que conversão seria deixar a vida anterior para começar uma nova vida seguindo Jesus.

Da mesma forma do chefe da sinagoga e da mulher enferma, cheguemos a Jesus--ele não se incomoda, ele nos acolhe. Com confiança total, entreguemos nossas vidas a ele e dele teremos tudo necessário para vida agora e sempre.

MULTIPLICAÇÃO

9.1-17

Jesus veio ao mundo com o alvo de multiplicação. Sua mensagem e salvação seriam compartilhadas por pessoas do mundo inteiro. Jesus fez discípulos que fariam mais discípulos que fariam mais, uma cadeia sem fim até a volta do Senhor.

Como antegosto e até treinamento para a missão mundial Jesus enviou os doze apóstolos para fazer o mesmo trabalho dele. E, na sua volta, pediu sua participação em outro tipo de multiplicação: essa vez, de pão e peixe.

O Envio

Como Jesus foi enviado pelo Pai, enviou os doze para aumentar o alcance da sua obra. Como ele fazia, deu-lhes a ordem de pregar o reino de Deus e curar. Como ele tinha, também deu-lhes poder e autoridade sobre demônios e doenças. As maravilhas seriam suas armas na luta contra o mal, e, ao mesmo tempo, provas da verdade da mensagem pregada. Foi uma comissão limitada em termos de distância e tempo, quase um ensaio para a Grande Comissão depois da ressurreição que seria para o mundo inteiro.

Os apóstolos iriam com dependência total de Deus, não levando nenhuma provisão mas confiando na hospitalidade das pessoas visitadas. Em reconhecimento do valor da missão, mereceriam cuidados físicos. Era para proclamar o evangelho, não rogar favores da população.

Cumpriram a missão, efetivamente multiplicando a obra de Jesus. Por meio deles, a influência do Mestre estava em vários locais ao mesmo tempo. Era a primeira experiência do que seria o trabalho permanente da igreja. Na volta, houve relatórios, depois dos quais, Jesus levou-os para um local retirado.

Tanta atividade chamou a atenção do Rei Herodes. Teve curiosidade de conhecer Jesus. Depois de matar João Batista, queria fazer a mesma coisa com o carpinteiro de Nazaré? De qualquer forma, Jesus não o temeu e nem diminuiu sua atividade como precaução.

Pão e Peixe

A tentativa de fazer um retiro com os doze fracassou com a chegada da multidão, ávida de ter contato com Jesus. Como costume, o Senhor ensinou sobre o reino e fez curas (ou, em outras palavras, cura espiritual e cura física).

Os discípulos ficaram preocupados com a presença da multidão naquele deserto sem comida e pediram para Jesus mandar todos embora. O método participativo de ensino do Mestre devolveu a questão para eles com uma ordem aparentemente impossível: "Dêem

vocês comida para eles". Nunca pensando sobre a possibilidade de ação divina, responderam que acharam só cinco pães e dois peixes e perguntaram como comprariam o resto. Sem fazer cálculos nem pensar em fundos, Jesus resolveu tudo com mais um milagre magnífico. Multiplicou os cinco pães e dois peixes até alimentar a multidão de cinco mil homens, além de mulheres e crianças. Orou, partiu a comida e deu aos discípulos para distribuir a todos presente. A multiplicação era tão grande que todos ficaram satisfeitos e doze cestos de restos foram recolhidos. A ação de Deus satisfez e sobrou.

Jesus multiplicou o número de obreiros (enviando os doze) e a quantia de alimentos. Multiplicação fez parte do plano de Deus no envio de Jesus. Seria um Salvador para o mundo inteiro, porém um Salvador que se multiplicava vez após vez por meio dos seus seguidores. Essa multiplicação continua em tempos modernos no envio dos discípulos de Jesus para fazer mais discípulos em todas as nações do mundo.

QUEM SOU EU?

9.18-27

Jesus tinha uma vida constante de oração. Procurava sempre contato com o Pai. Esses momentos frequentes de comunhão e reflexão orientavam sua atuação. De um tempo de oração surgiu a pergunta sobre sua identidade--quem sabia o que ele sabia sobre quem era?

Identidade Certa

Quando Jesus perguntou, ficou sabendo que sua fama geral era muito boa. As multidões certamente achavam que era alguém de Deus: ou João Batista ou Elias ou outro profeta ressuscitado. Mesmo sendo identificações positivas, eram inadequadas porque todos esses eram precursores do Messias, não o Messias em si.

Virando a pergunta para os próprios discípulos, veio a resposta certa dada por Pedro: "o Cristo de Deus". Cristo queria dizer escolhido e ungido por Deus, sendo a forma grega da palavra hebraica Messias. Com essa afirmação os apóstolos demonstraram saber muito mais que as multidões. Jesus, sem dúvida, era o Messias profetizado no Velho Testamento. Essa confissão se tornou a verdade básica da fé cristã--a identidade certa de Jesus seria sempre o alicerce da vida espiritual.

O Significado para Jesus

Uma confissão magnífica trouxe reação aparentemente estranha da parte de Jesus. O acerto da parte de Pedro e os outros suscitou um pedido de silêncio--ao invés de pregar o fato nas praças, Jesus quis que mantivessem isso em segredo. O pedido de silêncio foi por causa das idéias ufanistas correntes entre os judeus. Em termos populares, ser Messias queria dizer ser vencedor, especialmente a favor da nação de Israel (rei e general). Jesus era o Messias, contudo totalmente diferente das expectativas populares.

Portanto, Jesus anunciou pela primeira vez a natureza sofredora do Cristo: sofreria, morreria e seria ressuscitado. Essa revelação chocante nos moldes de profecia de Isaías 53 precisaria ser entendida antes de anunciar ao mundo que Jesus foi o Messias. O pedido de silêncio seria para ouvir toda a verdade e perceber o grande custo da salvação humana. Ser o Messias quis dizer que Jesus morreria pelos pecados do mundo.

O Significado para os Discípulos

A identidade certa de Jesus determinaria para sempre a identidade dos seus seguidores. O tipo de Messias indicaria o tipo de discípulo. Jesus ordenou seus seguidores a imitar seu próprio exemplo de abnegação e negar-se a si mesmos, tomar suas cruzes diariamente e

seguir Jesus como Senhor das suas vidas.

O querer de Jesus motivaria o querer dos discípulos, querer até o ponto de negar-se. Jesus deu sua vida e exigiu as dos seguidores em serviço a ele.

A cruz de Jesus levaria à cruz dos seguidores, à morte do "eu". Perder a vida mundana por causa do Senhor seria ganho total. Perder a vida eterna por não pagar o preço seria perda total.

A ressurreição de Jesus proporcionou vida eterna para ele e, por extensão, a todos seus seguidores. A vitória de Jesus seria a de todos. O dom de Deus, visto na ressurreição, faria possível para todos participarem do reino.

Para nós hoje, a vida em Jesus ainda é possível e as condições são as mesmas. Quem tentar ser esperto e levar vantagem nesta vida, perderá a salvação, porém quem entregar tudo a Deus, terá a vida eterna. O paradoxo do evangelho quer dizer que perder é ganhar e vice-versa. Não faz sentido ter ganho material mas perda espiritual porque é o espiritual que durará. O grande perigo é sucumbir às pressões deste mundo e envergonhar-se de Jesus e sua palavra espiritual. Contudo, Jesus garante que tudo acontecerá exatamente como previu.

Jesus perguntou: "quem sou eu?" e a resposta veio dele mesmo: o Cristo que daria sua vida pelo mundo. Perguntemos nós: "quem somos?" e a resposta deve ser: discípulos salvos pelo Cristo.

MEU FILHO, MEU ESCOLHIDO

9.28-45

Qual o parecer de Deus sobre Jesus? O que é que o Pai achava da sua pessoa e sua atuação? Por meio de um milagre, não deixou qualquer dúvida: Jesus seria o único, o profetizado, o escolhido. A voz celestial proclamou: "Meu Filho, meu escolhido".

Meu Filho

Jesus subiu com seus três discípulos mais chegados (Pedro, Tiago e João) num monte para orar. Como Filho de Deus, queria sempre estar na presença do Pai por meio de oração e quis ensinar os discípulos a fazerem o mesmo, eles sendo feitos filhos de Deus através de Jesus. Enquanto orava, aconteceu um grande milagre: seu rosto e roupa foram transformados. Na transfiguração, Jesus teve um pouco da glória que teria de novo no céu. Foi uma maneira de Deus mostrar a unicidade do Filho--só Jesus ficou transformado, demonstrando a aprovação do Pai.

Meu Escolhido

De repente, houve o aparecimento de Moisés e Elias, duas figuras importantes do Velho Testamento, que conversaram com Jesus sobre sua volta ao céu (literalmente, seu "êxodo" da terra, como houve o êxodo dos israelitas do Egito). Ambos, Moisés e Elias, tiveram fins de vida inéditos e, pelo jeito, incentivaram Jesus para passar todos os eventos à sua frente, confiando na promessa da ressurreição.

Os três discípulos testemunharam tudo e atônitos mal sabiam o que pensar. Sem jeito, Pedro propôs fazer três tendas de homenagem. Porém, foi interrompido por mais ação divina. Foram encobertos numa nuvem (símbolo da presença de Deus no Velho Testamento) e ouviram a voz celestial determinar que haveria só um Senhor e Mestre para ouvir e servir: Jesus! De repente, só Jesus continuou presente, os outros dois desaparecendo tão rápido quanto tinham aparecido. Não houve três escolhidos de Deus mas um só. Não haveria igualdade entre personagens bíblicos--Jesus era o único Filho e o único escolhido (exatamente o significado dos termos Messias e Cristo).

O efeito em Jesus da transfiguração foi ânimo e certeza de propósito. Nos três discípulos, foi mescla de espanto e fé. Pelo menos, aprenderam a grande lição de seguir Jesus e somente ele.

Outro Filho Único

A transfiguração mostrou Jesus como o Filho único de Deus, aquele que mereceu toda a atenção. A descida da sublimidade no monte levou à confusão lá em baixo. O filho único

de um pai desesperado sofreu convulsões provocadas por um espírito imundo. Os discípulos que permaneciam em baixo ficaram inertes por sua falta de fé. O pai do filho reclamou a inatividade dos discípulos e essa confusão levou a um desabafo por Jesus: "Até quando!" Parecia que ninguém estava enxergando a realidade espiritual, ou, em outras palavras, que a maravilha do monte deveria continuar mesmo no meio da incerteza do vale. O contraste era total entre a certeza e bondade de Jesus e a maldade do mal e a infeliz incredulidade dos presentes.

O desespero do pai se encontrou com o poder e amor de Jesus. Mesmo convulsionado mais uma vez pelo demônio, o filho foi curado por Jesus e entregue ao seu pai. O Filho de Deus deu de volta o filho ao pai.

Vendo a confusão e incredulidade, Jesus percebeu a necessidade de mais uma vez declarar qual seria a solução definitiva para a situação humana. Não seriam curas e milagres; seria a morte do Filho de Deus. No meio da incompreensão, Jesus compreendeu! O único Filho de Deus seria o único sacrifício capaz de salvar a humanidade.

Alerta para Nós

Ouvindo Deus dizer a Jesus, "Meu Filho e meu escolhido", que haja entre nós maravilha e apreço de quem ele é e o que faz. Até hoje, existe fascínio por curas e milagres visíveis, enquanto a morte de Jesus na cruz é relegada a segundo plano. Demos valor à vida eterna e fiquemos cheios de admiração, fé e amor por Jesus.

APTOS PARA O REINO

9.46-62

Moramos num país praticamente ingovernável., que está sempre em crise de um tipo ou outro. Contudo, cada eleição presidencial atrai vários candidatos que gastam "mundos e fundos" para ser o próximo presidente. Moro na cidade de São Paulo onde morar é impraticável porque cresceu demais e, portanto, possui todo tipo de problema urbano, inclusive trânsito quase parado. Entretanto, candidatos a prefeito prometem tudo numa corrida enlouquecida para serem eleitos.

A razão de todo esse contra-senso? A mania humana de ser o maior e o melhor! O mundo moderno se baseia nessa ambição que se vê na competição capitalista e consumismo desenfreado. Porém, não é só agora que haja essa sede de grandeza--até os discípulos de Jesus discutiram entre si quem seria o maior. Felizmente, o Mestre ensinou um caminho bem diferente e construtivo, rumo certo à verdadeira grandeza.

O Maior

Jesus revelou uma vida de serviço no lugar de ambição. Como Jesus veio para servir a humanidade, assim também agiriam seus seguidores. A idéia de um discípulo maior que os outros procederia de conceito errado do Messias: se fosse rei ou general, haveria príncipes e comandantes. Contudo, sendo o Cristo sofredor, haveria lugar somente para compartilhar esse sofrimento. A verdadeira ambição seria de seguir os passos de Jesus em sofrimento remidor e servidor.

O debate sobre quem seria grande acabou rapidamente com o ensino de Jesus que o menor seria o maior e que receber mesmo uma criança seria a mesma coisa de receber Jesus (e receber Jesus seria receber Deus). Servir o menor (uma criança) seria a maneira de ter comunhão com o maior (Jesus). A entrada no caminho do Senhor viria pelo repúdio de grandeza material e pela aceitação de serviço humilde (e até anônimo).

Fogo do Céu

Como era difícil para os discípulos assimilar a revolução moral e espiritual trazida por Jesus. Pouco depois dessa lição sobre verdadeira grandeza ocorreram dois episódios que demonstravam pouca sintonia com o Mestre.

O primeiro era de um homem, admirador de Jesus que tentava imitar os atos de poder. Os discípulos o proibiram porque não era do seu grupo, até demonstrando ciumes porque eles queriam toda a atenção de Jesus e da multidão. Entretanto, a proibição era desnecessária porque o homem não era inimigo do Senhor. Essa demonstração de

generosidade de espírito de Jesus também reforçaria a tarefa de fazer discípulos e não a de ser fiscais espirituais dos outros.

O segundo episódio era mais grave ainda. O alvo de Jesus era ir a Jerusalém para dar sua vida pela humanidade. Sendo assim, estava passando por Samaria, vindo da Galiléia. A recusa de hospedagem da parte dos samaritanos serviu de estopim--Tiago e João queriam a destruição divina da vila como vingança. Qual seria a reação correta: castigar os maus ou procurar os meios de salvação? Vencer o mal pelo mal ou pelo bem? Jesus insistiu no propósito salvador e assim frisou que seu povo (sua igreja) existiria para pregar a salvação, não para julgar. Os alvos do Mestre nunca poderiam ser desvirtuados por motivos de "justiça" humana.

Três Casos

Quem seria apto para o reino? Haveria a inclusão do próprio Jesus, que daria sua vida para salvar outros, e os discípulos de Jesus, que semelhantemente dariam suas vidas em serviço a Deus e outros. Três homens vieram a Jesus, cada um representando uma tendência:

- 1) *Homem bem-intencionado.* Chegou com declaração espontânea de desejo de seguir Jesus, melhor seria impossível. O Mestre alertou sobre o alto preço de abnegação.
- 2) *Homem chamado por Jesus.* Como os quatro pescadores, recebeu convite individual. Infelizmente colocou uma qualificação desabonadora, a de cuidar do seu pai antes de seguir a Jesus. O desafio de Jesus foi de confiar tanto em Deus que outros fariam as tarefas normais da vida porque só discípulos seriam capazes de pregar o reino de Deus.
- 3) *Seguidor condicionado.* Quis ditar os termos da sua aceitação do evangelho, porém seria sempre o Senhor que daria as condições de ser discípulo. O homem pensando em convenções sociais esqueceu a natureza radical do reino: entrega absoluta de vida a Jesus e obediência sem olhar as opções mundanas. No ensino de Jesus, nunca seria possível servir dois senhores: ou seria ele ou não seria.

Seguir Jesus deveria ser uma decisão bem pensada e definitiva. As pessoas aptas para o reino seriam aquelas decididas a usar suas vidas no serviço do Rei.

ALEGRIA ESPIRITUAL DE JESUS

10.1-24

O que alegraria Jesus? Seria um prazer material, uma conquista pessoal? Uma façanha da nação de Israel? O que daria felicidade para ele?

Fazer a pergunta é praticamente respondê-la. A alegria de Jesus sempre veio de fontes espirituais. Seu contentamento veio de cumprir a vontade de Deus. Maior o grau de cumprimento, maior sua alegria. Num desses momentos, a sinceridade e espontaneidade de Jesus fizeram-no exultar-se, uma expressão expansiva de satisfação.

Não há dúvida que nós também devemos buscar na espiritualidade a fonte de alegria. Como Jesus, nossa felicidade precisa vir da constatação que nós e outros estamos cumprindo o plano de Deus.

A Missão dos Setenta

Numa multiplicação de obreiros, Jesus enviou primeiro os doze e depois setenta (uns manuscritos dão o número como 72) para pregar o reino de Deus. Seria a extensão da obra do próprio Jesus. Os alvos do Mestre eram claros: comunicação do evangelho e treinamento prático dos discípulos.

O envio dos setenta foi uma missão preparativa para onde Jesus iria mais tarde. Ofereceu grande oportunidade de salvação para toda a região da Galiléia. Primeiro, os doze e agora, os setenta, Jesus percebeu a necessidade de mais comunicadores do evangelho. De fato, proclamou a grandeza da colheita espiritual e a escassez de trabalhadores. Devido ao fato de ser obra de Deus, o recurso indicado seria oração, pedindo o Todo-poderoso a levantar e enviar mais obreiros. Na missão dos setenta, Jesus mostrou que Deus já estava respondendo à oração.

O envio por Jesus demonstrou que tudo seria pelo poder de Deus--sem provisões materiais, em desigualdade aparente com os opositores, com confiança em Deus e sem qualquer desvio de propósito (como costumeiras saudações orientais). Os setenta saíram com mensagem única: a proximidade do reino de Deus. Partilhavam a paz de Deus e esperavam hospitalidade, como presente do Senhor. A paz de Deus trazida pelo evangelho, eles já tinham e compartilhavam na sua chegada nas vilas.

A mensagem era única e não mudava com a recepção dos ouvintes; com aceitação ou rejeição todos ficaram cientes da vinda do reino. Com certeza, a aceitação traria salvação e a rejeição, consequências sérias. A humanidade teria uma chance para salvação (ocasionada pela vinda de Jesus) e não poderia desperdiçá-la.

Terminando sua volta de pregação, os setenta regressaram eufóricos. Jesus lhes deu poder para fazer curas e expulsar demônios como sinais da verdade da mensagem e eles voltaram maravilhados porque os espíritos malignos foram derrotados. Jesus concordou, declarando que na pregação do reino havia o início do fim de Satanás--vitória total esperaria o juízo final. O Senhor acrescentou que, muito além dos milagres praticados, houve o valor da salvação eterna de todos, pregadores e ouvintes obedientes.

O Preço da Rejeição

Com a vinda de Jesus, aceitar o evangelho seria aceitar Deus. Contudo, rejeitar a mensagem seria rejeitar não só o pregador mas aquele por trás dele, Deus. Rejeição era o grande azar dos ouvintes por não ter nada de positivo no julgamento final. Seriam como os habitantes de Sodoma, destruídos pela ultraje cometida aos mensageiros de Deus. A menção de Sodoma levou Jesus a lamentar o pouco caso que muitos estavam dando ao evangelho. Advertiu que cidades pagãs teriam prestado mais atenção do que as de Israel. Declarou que o tratamento dado aos mensageiros seria, no fundo, destinado para ele mesmo, o Mestre, e mais ainda, para Deus que o enviou.

Para dar ênfase, Jesus repetiu a palavra "ai", frisando a seriedade da missão. Mesmo os milagres não estavam convencendo as pessoas. Se fossem feitos em cidades pagãs, certamente haveria grande impacto e arrependimento. Jesus falou "ai" porque, ao invés de salvação, a pregação estaria levando à morte espiritual.

A Alegria Espiritual

No lugar de depressão devida à rejeição, Jesus focalizou no progresso feito pela pregação dos setenta. Compartilhou a alegria deles e levou tudo a Deus em oração, louvando-o pela vitória sobre o mal. Pela inspiração do Espírito Santo, exultou-se pelo fato que gente simples estavam entendendo e seguindo o evangelho, prova da universalidade do plano divino. A revelação era para todos, não só os sábios.

A alegria de Jesus era ver o sucesso da obra de Deus. A presença do Espírito Santo também era para essa finalidade. Hoje, pelo Espírito, podemos ter a mesma alegria, a mesma empolgação espiritual. Pelo Novo Testamento de Jesus, estamos vendo e participando de realidades espirituais que os reis e profetas do Velho Testamento gostariam de ter visto mas não podiam. Pensando bem, é possível alguém alcançar tais vantagens e depois abandoná-las? Que não seja assim conosco.

FAÇA ISTO

10.25-37

Fazer, verbo de ação. Esse era o verbo central no ensino de Jesus. Vez após vez, o Mestre enfatizava a necessidade de ação. Perguntando sobre como ter a vida eterna, respondeu sem hesitação: "Faça isto e viverá". E qual era "isto" da sua resposta? Amor a Deus e a outros.

A Pergunta Mais Importante

Um escriba veio a Jesus com a pergunta certa e o motivo errado. Perguntou sobre como ganhar a vida eterna, certamente a questão mais importante possível e a pergunta que todos deveriam fazer. Porém, fez a pergunta para tentar pegar Jesus numa contradição. Sendo especialista na lei do Velho Testamento, pensava que poderia apanhar o Mestre numa ênfase errada ou até num ponto técnico. É claro, com Jesus e com a verdade de Deus, nunca seria possível pegá-lo numa armadilha.

Como de costume, Jesus não respondeu a essa pergunta boa mas com fundo malicioso. Devolveu-a ao interprete da lei, dando-lhe oportunidade para mudar de atitude.

A Resposta Eterna

O escriba deu a resposta certa, a resposta correta da lei do Velho Testamento. Sem saber, deu a resposta eterna dos dois testamentos: amor ficaria acima de tudo, amor a Deus e ao próximo. Deus e o ser humano sendo os mesmos, ainda com mudança de alianças, haveria continuidade com o maior mandamento e o segundo. O que daria a salvação seria amor, amor total para Deus e amor generoso para os outros.

A resposta à pergunta (e também do ser humano a Deus) seria amor total. Repetiu-se a palavra "todo" ou "inteiro" com coração, alma, poder e mente, mostrando que nada ficaria fora do amor a Deus. No ensino de Jesus, amor seria querer e fazer o bem para o outro, o outro sendo Deus ou outras pessoas. Seria sempre uma decisão, atitude e atividade (boa vontade em ação) e nunca uma mera emoção (como se usa a palavra em tempos modernos). Sendo assim, Jesus afirmou: "Faça e viverá" -- decidir agir a favor de Deus e outros seria o caminho de salvação.

O Exemplo Clássico

Infelizmente, o intérprete da lei não desistiu do seu propósito maligno de comprometer Jesus. Para desviar-se das demandas de amor total, não querendo aceitar a resposta que ele mesmo deu, fez outra pergunta, esta vez filosófica, de quem seria o próximo. Levaria a um debate sem fim para estabelecer se fosse próximo geográfico ou próximo emocional

ou próximo de parentesco ou próximo de vizinhança, etc. Contudo, Jesus não entrou num debate árido e sem rumo. Como costumava fazer, deu uma parábola que respondeu uma vez para sempre sobre amor aos outros.

Contou a história sobre um homem assaltado durante uma viagem. Passaram três pessoas que poderiam ajudá-lo. Eram um sacerdote que fazia sacrifícios no templo de Jerusalém, um levita que ajudava com os cuidados materiais do templo e um samaritano, alguém desprezado pelos judeus. Na ordem que Jesus contou seria a ordem de quem deveria ajudar, em termos religiosos. Porém, o sacerdote e o levita viram o homem semi-morto e passaram sem ajudar. Foi o samaritano que parou e ajudou porque olhou e teve compaixão do homem ferido. Cuidou pessoalmente e financeiramente, demonstrando na prática boa vontade. Fez para alguém que, por preconceito racial, não faria para ele. Para Jesus, amar seria agir para o bem do outro; não seria debater se outro merecesse ajuda e outras questões tais.

No fim, Jesus virou a pergunta do escriba de "quem é meu próximo" para "de quem eu sou próximo". Deu ênfase pessoal, não filosófica. Nesse trecho, o verbo "fazer" foi utilizado quatro vezes, significando a ação benéfica de amor verdadeiro ("fazer" em vez de "sentir"). A conclusão de Jesus ao escriba foi o que já lhe disse: "Vá e faça igual."

Três Modos de Viver

Na parábola que Jesus contou, podemos ver a diferença que amor faz na maneira de enxergar a vida. A parábola revela três modos de viver:

- 1) "O que é seu é meu". Essa é a atitude dos assaltantes e tão presente nesse mundo de criminalidade, corrupção, fraude e guerras.
 - 2) "O que é meu é meu". O sacerdote e o levita mostram essa maneira de ver a realidade. Não fazem mal a ninguém, mas na sua inatividade se mostram egoístas.
 - 3) "O que é meu é seu". O herói da história, o samaritano, compartilha tudo que tem com o homem assaltado: óleo, vinho, animal, tempo, dinheiro e, especialmente, amor.
- Quando Jesus terminou dizendo "Faça igual" daquilo que o samaritano fez, o Mestre determinou a agenda dos seus seguidores para todos os tempos e, é claro, sua própria agenda em dar até sua vida para salvar a humanidade.

MARTA E MARIA

10.38-42

Todo mundo precisa ter equilíbrio--não é bom viver de um extremo ou do outro. Cada pessoa precisa de equilíbrio entre o material e espiritual, quebrando a ditadura moderna de consumismo materialista. Contudo, Jesus exige a supremacia do espiritual, não negligenciando o material mas colocando-o no seu lugar devido.

No encontro com as irmãs Marta e Maria, viu-se claramente a escolha entre as tarefas urgentes do dia-a-dia e a oportunidade singular de ouvir Jesus. De um lado, Marta, agitada, e, do outro, Maria, não perdendo nenhuma palavra do Mestre; Jesus sentenciou: se for uma ou outra, seja Maria.

A Família

Jesus fez uma visita na casa de amigos chegados, Marta, Maria e seu irmão Lázaro (mais detalhes em João 11). Moravam numa vila perto de Jerusalém e Jesus tinha o costume de ficar com eles quando vinha à Capital. Pela linguagem do texto, a casa era da Marta, indicando ela ser a mais velha.

Como fazia em todos os lugares, chegando na casa da família, Jesus começou a ensinar. Nunca perdeu tempo porque sabia que fê vinha de ouvir o evangelho e queria o número maior de pessoas salvas por sua fé nele.

Marta

Marta, dona da casa e anfitriã de Jesus, se ocupou muito nos arranjos físicos de como servir bem o Senhor. Encarregou-se de todos os detalhes e não parou por nenhum momento. Sua agitação chegou ao ponto de não aguentar ver sua irmã Maria sentada para ouvir o ensino de Jesus. Pediu para o Mestre dar uma descompostura na sua irmã, no sentido dela levantar-se imediatamente para ajudar no serviço da casa. Sua atitude se descreveria com a frase "tudo eu!" como se fosse a única pessoa responsável e competente.

Em tudo isso, Marta escolheu o *bom* mas não o *melhor*. Demonstrar hospitalidade e ser boa dona de casa eram qualidades, não defeitos. Preparar e servir boas refeições sempre seria bem-vindo. Contudo, quantas vezes Jesus, o próprio Filho de Deus, estaria na sua casa e quantas vezes Marta teria o privilégio pessoal de ouvir as palavras de vida eterna? Não ficaria o Senhor feliz com menos conforto material e mais atenção espiritual?

Marta estava em perigo de ser o terceiro solo da parábola do semeador--o tipo que ficou sufocado com as preocupações deste mundo. As palavras de Jesus para Marta serviram

como alerta e, ao mesmo tempo, como convite para ouvir o Mestre, reorganizando suas prioridades.

Maria

Maria, a outra irmã, ficou sentada aos pés de Jesus, ouvindo cada palavra dele. Ela escolheu o *melhor*, não só o *bom*. Deu primazia à vida espiritual: ao invés de cuidar dos arranjos físicos da casa. Parou tudo para ouvir o ensino.

Eram momentos dourados que não podia perder. Dessa forma, Maria se tornou exemplo para todos os tempos: deixando o espiritual ganhar seu lugar devido.

Resposta de Jesus

À demanda da Marta, Jesus surpreendeu--a correção veio para Marta e não Maria. Não era Maria que tinha prioridades trocadas, mas Marta. O Mestre respondeu: "Marta, Marta"--destacando sua inquietação e preocupação. Estava pensando sobre *muitas* coisas porém *poucas* realmente teriam importância e só *uma* seria imprescindível.

A única coisa necessária seria a da vida espiritual, a do reino de Deus. Portanto, Maria escolheu o melhor e fez a escolha do eterno, não só um bem passageiro como na insistência de Marta. Assim, Jesus exaltou para sempre a busca prioritária do reino de Deus.

ORANDO COMO JESUS

11.1-13

Jesus estava orando--algo diferente? Não, seu costume era de orar sempre e em todas as circunstâncias. Incluindo esta, Lucas já citou no seu evangelho seis vezes que Jesus orou. Oração fazia parte integral da sua vida. Tanto que os discípulos vendo sua prática pediram que os ensinasse como orar.

O pedido dos discípulos refletia uma noção humana sobre oração que talvez houvesse uma fórmula fixa. Pediram ensino semelhante ao que João deu a seus seguidores (que talvez fosse semelhante às invariáveis orações da sinagoga dos judeus). Contudo, no lugar de um padrão rígido, o Mestre deu um exemplo de oração que era para ser seguido com espontaneidade porque as pessoas e as circunstâncias fariam as orações sempre diferentes uma da outra. Por exemplo, Jesus mesmo nunca repetiu a oração que ensinou mas orava de acordo com sua situação. Aprendendo de Jesus como orar, os discípulos orariam sempre consoante o momento que passavam.

Duas lições sobressairam dessa conversa de Mestre e discípulos: a importância de oração (se Jesus orava tanto, quanto mais seus discípulos) e o poder de exemplo (Jesus em oração dava vontade aos seguidores de ter a mesma vida de oração). Nunca poderia haver oração demais.

Como Orar

Jesus deu um modelo de oração com seis frases, cada uma cheia de significado:

- 1) Oração seria para o *Pai*, Deus sendo Pai e os discípulos, seus filhos. Nunca antes havia tanta intimidade com Deus e o espírito filial já indicaria o tipo de petições feitas, de filhos para o Pai. Além de ousadia, chamar Deus de Pai mostraria submissão e confiança em Deus como Pai bondoso.
- 2) Existiria sempre *louvor* a Deus, antes de qualquer pedido. Santificado para Jesus queria dizer separado para os propósitos divinos e puros, que Deus sempre seria Deus, sem mistura com o mal ou com finalidades mesquinhas. A atitude de oração incluiria invariavelmente adoração e reverência para Deus.
- 3) *Pedidos espirituais* teriam preferência pelo fato que sobrevivência espiritual valeria mais que sobrevivência física. Para Jesus, o reino de Deus, Deus reinando nas vidas de homens e mulheres, vinha em primeiro lugar. Essa petição da vinda do reino demonstraria sintonia entre Mestre e discípulos, todos querendo ver a humanidade obediente ao Senhor. Orar assim concordaria por completo com a razão da missão de

Jesus.

4) Seguiria *pedido material do dia*, com confiança em Deus e sem preocupação sobre o futuro. O discípulo pediria o suficiente para sobreviver fisicamente tendo como o propósito da vida servir a Deus. Pediria o necessário, não o supérfluo e muito menos o luxo. Seria para "hoje", deixando "amanhã" nas mãos do Senhor.

5) Jesus prosseguiu ao *pedido de perdão*, pedindo o que só Deus seria capaz de fazer: perdoar pecados. Chamando pecado de dívida, mostrou que o ser humano sempre seria devedor de Deus, devendo pelos erros cometidos e pelos acertos omitidos. Seria pedido de sobrevivência espiritual, pois sem perdão ninguém teria a salvação. Por coerência, esse pedido pressuporia perdão do discípulo de outros, sem o qual não existiria a possibilidade de convivência.

6) Por fim, Jesus ensinou pedir *proteção espiritual*, contra os ataques de tentação e provação. A defesa espiritual seria divina, pois sem Deus o discípulo ficaria vulnerável às artimanhas do Inimigo. A petição incluiria ambas: libertação do mal e vitória sobre o mal.

Orar sem Cessar

Oração funciona; quem disse isso? Jesus! Tanto que incentivou a prática de oração insistente. Numa parábola, frisou que o que seria impossível atender aconteceria por causa da persistência em oração. Contou sobre dois amigos--um necessitado e o outro, já deitado, dormindo com sua família. O primeiro, insistente, perseverante, sem vergonha de pedir--o outro finalmente atendendo por causa da importunação.

O ponto feito por Jesus seria a necessidade de fé para orar sem parar. Não que Deus fosse fuim ou relutante como o segundo amigo mas que a já boa vontade de Deus se ativaria mais ainda por demonstração persistente da dependência dos seus filhos por meio de oração.

Pedir e Receber

O incentivo dado por Jesus a favor de oração se intensificou por meio de três frases de efeito, usando três verbos de ação. Definindo oração como atividade, algo feito, o Mestre incitou a "pedir", "buscar" e "bater", com a certeza que haveria os resultados de "dado", "achado" e "aberto". Tudo ficaria fácil por causa da boa vontade de Deus. Para os discípulos seria só insistir em oração, com fé e expectativa.

Jesus apelou para o exemplo de um pai humano que somente daria coisas boas para seu filho. Quanto mais o Pai Celestial! Esse argumento do menor para o maior frisou a bondade e sabedoria de Deus, que daria tudo necessário para seus filhos. Orando de acordo com o modelo dado (usando suas próprias palavras e fazendo seu pedidos do

momento), os discípulos teriam certeza de serem atendidos.

Falando em coisas boas, Jesus mencionou a melhor: a presença do Espírito Santo que seria o presente dos presentes. Não poderia haver algo melhor e a generosidade divina em dar o Espírito garantiria todas as outras dádivas.

No lugar de fatalismo ou depressão, Jesus ensinou oração incessante com os melhores resultados já garantidos. A ênfase do Mestre não recaiu sobre a pessoa orando (como se a atuação humana fosse determinante) mas sobre aquele atendendo a oração (sabendo que a atuação divina faria toda a diferença).

VITÓRIA DE DEUS, DERROTA DO MAL

11.14-28

Um mudo falou por causa de um milagre de Jesus. Tal façanha extasiou a multidão presente, entretanto acirrou a oposição dos líderes religiosos.

Foi um exorcismo e não uma cura porque foi um espírito maligno que afetou a fala do homem. Com a expulsão do demônio o homem falou e também as pessoas ao redor não conseguiram conter-se por causa da admiração e maravilha provocadas pelo milagre do Senhor.

De Deus ou do Diabo?

Infelizmente, nem todos ficaram felizes; os opositores de Jesus tentaram tirar o brilho do feito do Senhor. Primeiro, repugnaram a origem divina do poder manifesto e o tacharam de ser de Belzebu ("Senhor das Moscas"), outro nome dado a Satanás. Depois, pediram um sinal milagroso para provar a divindade de Jesus.

A primeira investida denunciou a ação de Jesus como mágica ou feitiçaria, arruinando sua influência espiritual. Beirou blasfêmia por chamar Deus (e o uso do seu poder) como sendo do diabo. O pedido seguinte reeditou as tentações de Jesus no deserto "Se é o Filho de Deus, faça milagre", ignorando por completo o que Jesus acabou de fazer.

Jesus respondeu que a denúncia seria ilógica porque colocaria Satanás contra ele mesmo e que tal divisão o destruiria (contudo o diabo permanecia na luta contra Deus). Citou exorcistas judeus que não receberam a censura que Jesus recebeu (o perfeito criticado mas os imperfeitos sem censura). O Senhor também frisou sua origem divina clara por estar contra o domínio do mal: o "dedo de Deus" indicaria que Deus venceria o maligno facilmente, que o reino de Deus superaria em muito o reino das trevas. Sendo de Deus, a expulsão do demônio por Jesus provou a fonte óbvia do poder e autoridade--era divina. Mais ainda, a presença e atuação de Jesus daria início ao reino que seria consolidado pela morte e ressurreição e pela pregação mundial. Em outras palavras, começou a clara vitória de Deus e a derrota total do mal.

Por ou Contra

Com a certeza que o "dedo de Deus" seria mais que suficiente para derrotar o diabo, Jesus contou uma parábola sobre exorcismo: homem forte com bens seguros; outro mais forte ainda, bens levados embora. O diabo seria o homem forte resistindo a chegada do reino de Deus; os bens, as pessoas dominadas pelo mal; o mais forte, Jesus; os ataques irresistíveis, a pregação e as curas e as expulsões de demônios. Nunca haveria dúvida

sobre o vencedor, apesar da ilusão do domínio maligno do mundo.

Com a chegada do reino na pessoa de Jesus, não haveria neutralidade--ou seria a favor ou seria contra. Escolheria Deus ou Satanás, o bem ou o mal, a luz ou as trevas. Jesus ensinou o princípio de aceitação total do evangelho.

Nem o próprio Jesus poderia ficar neutro, ficando dos dois lados, ao mesmo tempo. Por isso, a denúncia sobre Belzebu caiu por completo. Se fosse por Belzebu, haveria vazio total: o mal se livrando do mal porém sem o bem para preencher a lacuna. Sendo pelo poder de Deus, a ação de Jesus enche todos de coisas boas.

Mais uma vez, o Mestre recorreu a uma parábola--esta vez sobre um homem livrado de um demônio mas que ficava vazio, sem encher-se do bem. Seria o caso do diabo expulsando demônios: tudo ficaria pior com a presença de sete demônios no lugar de um só. Enfatizou a necessidade de fazer o bem (e encher-se do amor de Deus) e não somente de não fazer o mal. Sabendo da vitória de Deus sobre o diabo, o discípulo deveria ficar totalmente a favor de Jesus e permitir o Espírito Santo tomar conta da sua vida.

Nosso Senhor ou Nossa Senhora?

Uma exclamação espontânea de uma mulher, embora positiva a respeito de Jesus, revelou a seriedade da luta entre o bem e o mal. Vendo e ouvindo tudo, tomada de grande entusiasmo, uma mulher da multidão declarou sobre a felicidade da mãe de Jesus, de ter um filho tal. Mesmo sendo um grande elogio, uma exclamação de teor messiânico, Jesus percebeu a presença de um erro fatal: o de engrandecer seres humanos e esquecer que o mal seria derrotado somente pelo poder de Deus. Pior que isso, talvez a mulher tivesse gritado para chamar atenção a si mesma, como se sua bondade e avaliação fossem preponderantes.

De qualquer forma, Jesus rechaçou o elogio sobre parentesco físico para afirmar a superioridade do espiritual. A parte importante não seria o parto natural mas o novo nascimento, não a família terrestre mas a família da fé. O Mestre declarou que os verdadeiros abençoados seriam aqueles ouvindo e guardando a palavra do evangelho e não somente falando coisas bonitas.

Ficou nitida a diferença entre Jesus e qualquer outro, inclusive sua mãe. Maria era uma mulher abençoada porém não uma autoridade sobre outras pessoas. Jesus sempre seria o único Senhor e Salvador.

SINAIS

11.29-36

Havia nas pessoas ao redor de Jesus uma mania de querer ver sinais e prodígios porém sem querer aceitar o evangelho. Jesus não fazia maravilhas para provocar admiração geral; os sinais tinham a função de apontar para a verdade da pessoa e missão dele. Era como Jesus não tivesse feito nada para provar sua identidade. As pessoas diziam querer ver sinais messeânicos, contudo, vendo-os, ainda não acreditavam. Nesse clima, Jesus apelou a exemplos do Velho Testamento e depois contou outra parábola na tentativa de abrir os olhos dos presentes.

O Sinal de Jonas

O Mestre prometeu somente o sinal de Jonas, uma alusão à ressurreição no terceiro dia como Jonas ficou no grande peixe três dias. Também como Jonas, Jesus fazia pregação da verdade de Deus. Jonas pregou aos ninevitas e eles se arrependeram. Agora Jesus estava pregando a Israel da sua geração; e o resultado? Mesmo sendo pregador melhor e maior que Jonas, a mensagem de Jesus não estava suscitando a mesma resposta. Os israelitas, preparados para a vinda do Messias, não estavam o reconhecendo, certamente uma grande falha.

Entretanto, a indiferença humana não parou o plano divino. Haveria um sinal dado-- exatamente aquilo de que somente Deus seria capaz: a ressurreição e segunda vinda de Jesus. A descrença humana não pararia a ação de Deus.

Lembrando o exemplo de Jonas, Jesus também citou a vez a Rainha de Sabá visitou o rei Salomão e ficou maravilhada com sua sabedoria. A reação do povo em relação a Jesus deveria ser do mesmo tipo e melhor ainda porque o Senhor era bem maior que Salomão, sua sabedoria sendo divina e eterna.

Infelizmente, essa rejeição contemporânea de Jesus levaria a condenação no juízo final. Ainda mais, haveria a humilhação de ter desperdiçado tal oportunidade, maior e melhor que das épocas de Joans ou Salomão.

Luz e Trevas

O que fazer com o melhor pregador e o maior sábio de todos os tempos? Aceitar ou rejeitar? Nas palavras da parábola contada por Jesus, deixar a luz brilhar ou esconder a luz?

Para mudar a mentalidade das pessoas presentes, Jesus deu a parábola da lâmpada, frisando que luz sempre teria a função de iluminar, nunca para encobrir. Fez a

comparação do olho com a lâmpada, sendo a visão o que deixaria a luz entrar: visão correta, vida iluminada; visão falha, vida escura. Percepção espiritual deixaria a luz de Jesus iluminar a vida inteira, Jesus sendo a lâmpada brilhando para todos. A tragédia ocorrendo com as pessoas ao redor de Jesus era confundir luz e trevas e fechar os olhos (pedindo sinais e não percebendo a identidade do Mestre).

Aceitando a luz de Jesus, haveria iluminação abundante. Ele forneceria tudo necessário, sendo a luz do mundo. Deus fez essa luz acessível e depois colocou num pedestal. Jesus veio do céu até a terra para revelar o caminho de salvação e hoje está entronizado à direita do Pai. Dessa forma, nunca faltará luz para seus discípulos: o espírito e entendimento deles ficarão satisfeitos por completo e para sempre.

O desafio moderno se iguala ao do tempo de Jesus: ao invés de pedir mais, é aceitar e obedecer. Mais é melhor que Jesus seria impossível.

AIS

11.37-54

Ai! O grito de dor, o som de sofrimento. Foi a única palavra adequada para Jesus expressar sua reação à falsa espiritualidade dos líderes judeus. Seria também o som de choque quando esses religiosos descobrissem sua perdição longe de Deus.

A situação surgiu com um convite de um fariseu para uma refeição. Aparentemente, foi dado o convite com a má intenção de achar algo errado em Jesus. Não demorou quase nada: para o espanto do fariseu, Jesus não fez a lavagem tradicional antes de comer. Não pecou e não transgrediu qualquer mandamento divino, porém ofendeu as sensibilidades religiosas dos judeus. Assim, abriu-se a oportunidade de explicar a diferença entre verdadeira e falsa espiritualidade.

Males Religiosos

O Mestre respondeu incisivamente, expondo a diferença entre limpeza externa e interna. Denunciou a incoerência entre ter o exterior visível correto enquanto o interior invisível estivesse corrupto. Por exemplo, o dízimo exigido pelo Velho Testamento era cumprido até nas folhinhas da horta, enquanto havia negligência da vontade de Deus nos princípios maiores. Para Jesus, devia existir coerência: entre o externo e o interno, entre as coisas grandes e as coisas pequenas. Que houvesse equilíbrio entre os detalhes e as questões maiores como justiça e amor, que o maior fosse visto no menor e vice-versa.

O Senhor condenou a mania vaidosa dos religiosos ocuparem os primeiros lugares nas suas reuniões. Exigiam não só os lugares de honra mas também saudações respeitadas para mostrar sua importância. Em tudo isso, esqueciam que toda a honra deveria ser para Deus.

Usando a contaminação ritual por contato com corpos mortos ensinado no Velho Testamento, Jesus os denunciou como sendo túmulos não marcados, contaminando as pessoas ao seu redor sem as outras perceberem. Os supostos modelos espirituais seriam, de fato, transmissores de males religiosos. Sua influência, ao invés de ser boa, era ruim. Tal tragédia fez Jesus declarar repetidas vezes: "Ai!"

"Isso nos ofende"

Ouvindo essas verdades contundentes, um escriba falou: "Isso nos ofende", como se tal declaração inibiria Jesus. O Mestre continuou seus alertas para o bem de todos, mesmo aqueles que se sentiam ofendidos. Declarou que impunham fardos desnecessários, tornando devoção a Deus algo pesado.

O literalismo dos profissionais da lei levou a inúmeros regulamentos, um peso enorme sobre a servo sincero de Deus. Enfatizavam saber no lugar de fazer, debatendo exaustivamente os pontos mínimos sem qualquer pensamento para os danos desse legalismo.

Jesus desmascarou o cinismo deles: fizeram túmulos e monumentos para os profetas mortos por pessoas em tempos anteriores iguais a esse escribas. A oposição à pregação de Jesus seria somente a continuação da prática antiga, como seria também a perseguição contra os apóstolos e a igreja depois.

Suas ênfases equivocadas obscureceram o entendimento da vontade de Deus. A chave de conhecimento, que deverai abrir a porta para Deus, infelizmente estava fechando o acesso.

Seis Vezes "Ai"

A situação era tão negativa que Jesus pronunciou a palavra "ai" seis vezes. No lugar de arrependimento, os alvos dos ais se endureceram e procuraram como deacreditar Jesus. Essa oposição levaria finalmente ao grito insano: "Crucifica-o."

Hoje qualquer semelhança com os opositores de Jesus deve levar-nos a gritar "ai". Ou será o "ai" agora de vergonha e arrependimento ou será o "ai" mais tarde do afastamento eterno da presença de Deus.

CONSELHOS AMIGOS

12.1-12

Jesus fez uma pausa nas suas atividades para avaliar o que estava acontecendo e repassar essa avaliação aos discípulos. Treinou seus seguidores por mostrar-se em plena ação como Senhor e Mestre e depois explicar o significado e implicações de tudo. Nesse momento, sua avaliação tomou a forma de seis conselhos (ou advertências ou estímulos).

Primeiro Conselho

Jesus começou aconselhando os discípulos a não copiar a hipocrisia dos fariseus e assim evitar o perigo de religiosidade falsa. Com a popularidade crescente, evidenciada pela presença das multidões, haveria perigo também crescente de hipocrisia, de tentar aparentar espiritualidade para impressionar todos. No lado negativo, seria a tentação de não pregar toda a verdade, para não desagradar e afugentar os populares.

O Mestre chamou de fermento negativo a hipocrisia dos fariseus. Como fermento, permearia tudo, estragando o amor e a fé sinceros. Ser espiritual, e não só aparecer ser, deveria ocupar a atenção dos discípulos.

Segundo

O Senhor assegurou o sucesso da pregação do evangelho. A verdade seria revelada e não poderia ser escondida. Apesar das aparências da vitória do mal, o bem não ficaria sufocado e calado.

Jesus mesmo veio para revelar essa verdade e sua voz não calaria (e nem a dos seus seguidores). O processo da pregação mundial seria bem-sucedido, apesar das tentativas ostensivas do mal. Também, fingimento espiritual não adiantaria nada à luz da verdade. Da mesma forma, medo de repressão não deveria calar os discípulos, pelo fato dos repressores serem já julgados e condenados pela verdade revelada. Nesse cenário, ao invés de ter medo dos homens violentos, seria inteligente reverenciar mais ainda a Deus, o justo juiz de todos, o conhecedor de todos os segredos do coração humano.

Terceiro

Sendo a percepção humana falha, seguidores de Jesus poderiam desanimar-se, achando-se esquecidos por Deus. Entretanto, Jesus afirmou com todas as letras a importância de ser discípulos dele. Falou do conhecimento divino, tão vasto que seria capaz de rastrear pardais ou contar fios de cabelo. Contudo, Deus dedicou toda sua atenção ao ser humano, valorizando-o acima de tudo.

Discípulos de Jesus, mesmo atacados e desprezados por inimigos do evangelho,

receberiam do Pai todas as condições para esta vida e a vida eterna no porvir. Essa seria a grande diferença entre os muitos inimigos visíveis e o invisível Deus--só ele poderia julgar e salvar ou condenar. Portanto, a presença de Deus ficaria valorizada e a oposição humana, minimizada.

Quarto

Jesus incentivou a confissão de fé sem receio das represálias. Prometeu confessar perante a Pai qualquer que confessou sua fé em Jesus perante os homens. Confissão levaria à salvação (entendendo confissão ser palavras e ações coerentes). Por outro lado, advertiu que quem o negou seria negado por ele diante de Deus (literalmente, diante dos anjos, os servos de Deus). Negação levaria à perdição (entendendo que sempre haveria possibilidade de arrependimento).

Portanto, o resultado de afirmação ou negação seria eterno. Não seria uma ação momentânea na presença somente de seres humanos; seria a decisão entre vida eterna e afastamento da presença de Deus, por ser ratificado também pelo próprio Jesus.

Quinto

O Mestre alertou contra o engano de chamar Deus do diabo e de confundir a ação divina com a ação diabólica. Esse perigo rondava a pessoa de Jesus, porque seus opositores, não aceitando a verdade dele, tentavam achar fontes malignas para explicar o ensino e atos de Jesus. Detestavam a beleza de Deus em Jesus até o ponto de dizer que era inspirado pelo Satanás.

Portanto, Jesus advertiu que para tal pecado não haveria perdão. Alguém dizendo que a fonte do bem seria, de fato, o poder do diabo nunca quereria aceitar o plano de Deus revelado pelo Espírito Santo por meio de Jesus. Jesus entendeu a possibilidade de alguém opor-se a ele temporariamente por percepção falha (por ele estar em forma humana). Haveria perdão por essa rejeição inicial com o arrependimento da pessoa. Entretanto, não poderia existir perdão para aquele rejeitando toda a iniciativa divina, porque nunca haveria arrependimento.

Sexto

O Senhor assegurou aos discípulos a bênção do Espírito na hora de falar, na hora de defender o evangelho. O Espírito garantiria o quê e o como falar, dando segurança aos seguidores de Jesus, mesmo no meio de perseguição. O livro de Atos contou vez após vez o cumprimento dessa promessa. Para os discípulos identificados com Jesus e inspirados pelo Espírito, viriam as palavras certas nas horas certas, apesar de condições adversas. No fim, sobressaiu a necessidade de confessar Jesus como Senhor em todos os momentos

e em todas as circunstâncias. Mesmo na face de oposição, seria afirmá-lo sempre

TODA E QUALQUER AVAREZA

12.13-21

Quase metade do ensino de Jesus foi sobre bens materiais. Alguém poderia perguntar por que o Salvador do mundoalaria tanto sobre possessões. O Mestre mesmo respondeu: "Ninguém pode servir dois senhores . . . Ninguém pode servir Deus e o dinheiro." Numa época tão materialista, precisamos ouvir com atenção o ensino de Jesus sobre dinheiro e bens.

A Ocasão

Surgiu o assunto de finanças quando um homem da multidão chegou a Jesus pedindo que o Senhor agisse como árbitro na divisão de uma herança. Como era comum, havia desavença entre irmãos sobre a partilha dos bens deixados pelo pai falecido. Era costume oriental ir a autoridades religiosas para decidir tais casos.

O homem errou a função de Jesus: no lugar de arbitrar, Jesus como sempre ensinou. O Mestre não veio ao mundo para ser partidor de bens; veio para revelar a vontade de Deus. Rejeitou o pedido, mas aproveitou a oportunidade para ensinar um princípio fundamental. (Também, demonstrou que Jesus era quem era, não quem o homem quis que fosse.)

O Princípio

Jesus declarou com todas as letras que riquezas não garantiriam o sucesso na vida. A questão maior seria sempre o relacionamento da pessoa com Deus. Alertou contra avareza, o desejo de ter mais e mais coisas. Essa vontade materialista poderia cegar espiritualmente uma pessoa por achar que a vida fosse somente o acúmulo de bens. O Mestre avisou que a vida humana seria muito mais que os bens possuídos. Bens não definiriam o homem (como na frase "aquele homem vale . . ." completado por uma cifra monetária). A definição correta seria a fé e o amor, vistos em obediência a Deus. O contrário, a cobiça, desejo sórdido de ter mais, e confiança na abundância material, militaria contra a espiritualidade.

O Exemplo

Como praxe, Jesus exemplificou seu ensino por uma parábola marcante. Pintou o quadro ideal em termos populares: um homem tão rico que não sabia o que fazer com tanta riqueza. Fuzilou no fim com a declaração que, de fato, o homem era paupérrimo, sem qualquer riqueza para Deus.

O fazendeiro rico da parábola teve abundância excessiva, tanto que quase não podia guardar tudo. Porém, nunca cogitou em dar aos pobres, pessoas que realmente

precisavam desses bens. Para ele, as coisas boas eram só coisas materiais, sem qualquer pensamento em Deus e outros.

Chegou ao máximo--uma aposentadoria luxuosa. Contudo, tendo tudo, não tinha nada. Seus erros eram egoísmo, hedonismo e presunção. Sua existência era o exato oposto do princípio que Jesus acabou de ensinar. Deus o julgou como sendo "sem juízo". Toda sua fortuna era em vão; nada seria levado além do túmulo. Era rico para si, mas não rico para Deus.

Dilema Moderno

Provavelmente, nenhuma ensino de Jesus mexe tanto com pessoas modernas do que seu ensino sobre dinheiro. O exagero de consumismo controla quase todos os aspectos da vida do século 21. Entretanto, a indagação do Senhor continua válida: sou rico para mim ou rico para Deus? Minha riqueza é material ou espiritual? Minha fortuna é temporária ou eterna?

TUDO PELO REINO

12.22-34

Quando você morrer, o que quer ouvir de Deus no juízo final: "louco" ou "meu filho"? Sua atitude a dinheiro e coisas materiais fará a diferença. Jesus enfatiza que a maneira de enxergar a realidade, especialmente o que se valoriza, terá peso total no julgamento divino. Quem confia em Deus agora terá o privilégio de viver com o Senhor eternamente.

Confiança sem Ansiedade

Num ensino especial para os discípulos, Jesus mostrou o caminho espiritual num mundo material. Discípulos não deveriam ter só alvos materiais, nem preocupação sobre sua sobrevivência física. O amor de Deus cobriria todas as necessidades. Uma vida sem ansiedade material seria uma vida com atenção total para o espiritual.

Para provar seu ponto o Mestre apelou às verdades evidentes que a vida era maior e mais importante do que a comida que a alimentava. E que o corpo, da mesma forma, tinha mais significância que a roupa que o vestia. Portanto, a ansiedade sobre as coisas materiais nem resolveria essas questões fundamentais.

Depois, no seu estilo de parábolas e comparações, Jesus usou exemplos de natureza. Enquanto o rico fazendeiro morreu sem recursos espirituais, os passarinhos sobreviviam sem pensar sobre o futuro. E seres humanos valeriam muito mais que pássaros e, portanto, teriam menos motivo ainda para preocupar-se.

Depois, o Senhor questionou a razão de ansiedade--se preocupação não prolongaria a vida, porque ficar ansioso? Os lírios lindos existiam, não por seus próprios esforços mas pelo poder criador e sustentador de Deus. Mais uma vez, seres humanos teriam muito mais importância do que plantas e a vontade de Deus valeria mais ainda do que os bens deste mundo. A inútil preocupação humana seria vencida por confiança em Deus, a fonte de tudo bom e bonito.

A Prova Material da Fé

Ao invés de militar contra a fé, Jesus ensinou que o conceito correto de coisas materiais poderia fortalecer a fé em Deus. O reino de Deus sendo o domínio do Senhor na vida do discípulo, a vontade de Deus se tornaria também a vontade do seguidor. Inquietação sobre a vida física era coisa de pagãos; crentes em Deus confiariam no Pai, o conhecedor de todas as necessidades humanas.

A fé se exercitaria no ato de dar a outros. No lugar de escravidão materialista, haveria alegre despreocupação e despreendimento libertador--libertação pessoal do domínio dos

bens e a demonstração de amor ativo a outros. Dinheiro (dado e ofertado), não sendo mais senhor indigno, se tornaria servo no reino de Deus, unindo o discípulo ao coração generoso de Deus. Valores espirituais orientariam sempre no caminho para o céu.

Coisas Eternas em Primeiro Lugar

Prioridades certas sempre guiaram a vida de Jesus e ele incentivou seus seguidores a imitá-lo na questão de valores espirituais. Determinou a ordem certa: primeiro o reino de Deus, depois coisas materiais. Também, diferenciou as atitudes corretas--seria *buscar* o reino, enquanto as coisas materiais seriam *dadas* (não buscadas). Enfatizou a vontade de Deus de dar o reino de graça, tirando qualquer motivo de ansiedade; com o principal prometido como poderia alguém andar inquieto e preocupado? O bem-estar espiritual precederia e garantiria bem-estar total, inclusive material.

O Mestre ousou em levar o despreendimento material até o nível de generosidade extravagante, de ajudar outros sem receio sobre esgotar os recursos. Certamente, ninguém poderia dar mais que Deus. O uso correto de bens materiais reverteria em riquezas espirituais. Com confiança em Deus, medo de pobreza nunca inibiria a generosidade dos discípulos de Jesus.

Jesus soube que a prova infalível da espiritualidade seria sempre a relação entre tesouro e coração--o tesouro da pessoa, o que ocupava seu tempo e pensamento, indicaria a condição espiritual do coração. A "carteira" seria um bom indicador do estado de coração. Ou Deus ou dinheiro--a escolha demonstraria onde estaria o coração. Somente Deus mereceria tanto destaque.

VIGILANTES

12.35-48

A volta de Jesus é certa e incerta. Com certeza, voltará, porém ninguém sabe quando. De fato, o Senhor promete que será num momento descontraído, quando ninguém espera. Por isso, a postura espiritual correta é a de vigiância, sempre preparados para a volta dele. O discípulo vigia por cumprir em todos os momentos a vontade do Mestre. No contexto anterior do perigo de riquezas, o seguidor vigia usando, mas não abusando, seus recursos materiais.

Estado de Alerta Espiritual

De pé, luz acesa, provisões preparadas--assim Jesus descreveu a postura correta para esperar a volta dele, o fim do mundo e o juízo final. Não em termos físicos literais mas em termos figurados espirituais: o alvo seria estar sempre ativo e fiel no serviço ao Senhor.

Usando expressões militares, Jesus exigiu prontidão para batalha, incluindo mobilidade e visão. Mudando a figura para uma casa da antiguidade (com escravos), deveria existir prontidão para servir que englobaria vigiância para detectar oportunidades e principalmente prontidão para o momento da volta do Senhor.

Jesus prometeu uma boa surpresa: para o servo vigilante: o Senhor viria à mesa e em amor o serviria, como recompensa de tanto tempo servindo seu Mestre. Nunca haveria uma má surpresa da não-volta do Senhor, somente a boa do Senhor servindo os servos, tão grande seu grau de satisfação. Valeria tudo estar entre os fiéis naquele momento.

A vigiância varreria a madrugada, simbólica dos momentos difíceis de ser fiel. O aparente atraso do Senhor testaria a fidelidade dos seguidores e a exigência de vigiância perpétua.

Senhor Bondoso ou Ladrão?

Por causa da natureza repentina da sua volta, Jesus a comparou à chegada de um ladrão. Como o ladrão chegava sem aviso, assim voltaria Jesus. Sabendo a hora da sua chegada, nenhum ladrão furtaria porque a casa estaria bem protegida. Da mesma forma, sabendo da volta iminente de Jesus, não haveria qualquer discípulo despreparado.

A comparação feita por Jesus teve outro significado ainda: sua volta como Senhor bondoso e salvador para seus seguidores seria de terror para os desobedientes. Como ladrão levava tudo de valor, também na volta de Jesus, tudo que o mundo julgava bom e bonito (seus "tesouros") seria destruído, nada restando para a eternidade.

Servo Fiel ou Infiel?

O Mestre contrastou o servo fiel com o infiel. O fiel sacrificaria seus próprios desejos para ser vigilante e leal a seu Senhor. Com essa atitude, receberia mais oportunidade e responsabilidade.

Por outro lado, o servo infiel esqueceria seu propósito--ao invés de servir seu Mestre, começaria a pensar nas suas próprias vontades e aproveitar pessoalmente a ausência do Senhor. Não só não ficaria em prontidão como também começaria a maltratar os outros servos, tentando levar vantagem sobre todos.

Pedro perguntou a Jesus para quem seria destinada essa comparação? No lugar de responder a essa pergunta, o Mestre fez outra e pertinente para todos: quem seria suficientemente fiel para ajudar outros a também estarem prontos para sua volta?

Fidelidade na espera traria bênção e felicidade, não deixando a demora desanimar ou iludir. Ao contrário, infelicidade e condenação cairiam naqueles perdendo o rumo na espera do Mestre (até duvidando da sua volta).

Jesus continuou e ilucidou graus de castigo e galardão nessa questão de fidelidade dos servos na espera da volta do Mestre. Saber o que fazer e não cumprir traria castigo grande, porém ignorância não desculparia ninguém. No outro lado, o fiel ganharia mais e mais--muita responsabilidade agora no serviço do Rei e muita recompensa eterna. Servos fiéis receberiam mais recursos para servir melhor ainda e com grandes expectativas dos resultados positivos do seu serviço.

O discípulo moderno deve evitar o castigo, seja muito ou pouco, e receber o galardão que virá por causa de fidelidade. É só esperar no serviço ativo do Senhor.

FOGO SOBRE A TERRA

12.49-59

Se um pregador declarasse que Jesus trazia paz, todos os presentes diriam: "amem". E quem não concordaria? A resposta chocante veio do próprio Jesus--disse que, no lugar de paz, trouxe fogo sobre a terra! A presença de Jesus na terra incendiava com a chama de justiça chamando todos a arrependimento. Paz era o resultado final do trabalho de Jesus mas não o efeito imediato da sua presença na terra.

Imersão em Fogo

Fogo na Bíblia quase sempre simbolizava o juízo divino e, nos lábios de Jesus, certamente trouxe esse significado. Ao mesmo tempo, para Jesus, fogo também representaria ânimo espiritual. Para seus ouvintes, seria ter o mesmo ânimo dele ou enfrentar o fogo da justiça de Deus.

Para ter fogo haveria necessidade de combustível e calor; no caso de Jesus, seria ele, o Filho de Deus, morrendo na cruz. Haveria batismo (imersão) em sofrimento em todos os sentidos. Nesse processo radical, não haveria paz fácil, somente paz comprada com seu próprio sangue. O desejo forte de Jesus de enfrentar tudo, de imergir-se no sofrimento provou sua autenticidade. Não era fantoche fingindo passar pela situação humana; era o Filho de Deus em forma humana passando por todo tipo de sofrimento, inclusive morte cruel de cruz. Previu sua paixão, seu sofrimento indescritível.

Fogo Compartilhado

Jesus seria a tocha para pôr fogo no mundo inteiro. Primeiro seria o fogo do zelo por Deus da parte dos discípulos e depois o fogo de juízo para os rebeldes. Os processos radicais de combustão e imersão declarados por Jesus eram indicativos do seu desejo forte de cumprir completamente a vontade do Pai. Sabendo da resistência da parte de muitas pessoas, Jesus previu divisão e não paz.

Seria o fogo de decisão em cada nação e cada lar. Seria divisão entre aqueles que aceitariam e aqueles que rejeitariam. Não haveria nada de paz barata. Além disso, o fogo espalharia pela pregação do evangelho, incendiando os ouvintes como incendiou primeiro o Senhor.

Quem deixaria o fogo de Jesus arder em sua alma e vida teria a paz verdadeira. Não haveria paz fácil e artificial mas paz autêntica pelo perdão de pecados alcançado pela morte de Jesus.

Sol, Chuva e Salvação

Jesus virou para a multidão que provavelmente entendia pouco do que acabou de dizer e reprovou sua falta de entendimento. Disse que sabiam prever o tempo por sinais visíveis mas alegavam não perceber que a hora do Messias chegou. Chamou essa incongruência de hipocrisia, o povo fingindo não saber o que era muito visível na presença de Jesus. Na Palestina as chuvas vinham do Mar Mediterrâneo por ventos do oeste. O vento sul do deserto trazia calor seco. Disso, todo mundo sabia e podia prever o tempo com certa exatidão.

Entretanto, a presença de João Batista e depois a atuação do próprio Jesus não eram suficientes para entender esse momento único da história, mesmo com tantas profecias sendo cumpridas e tantos milagres feitos. Estavam perdendo sua oportunidade de conversão e salvação. Desconheciam a urgência de reconciliação com Deus.

Além de previsão de tempo que todos entendiam, Jesus deu outro exemplo de sabedoria popular: o sábio buscava o acordo antes de ir ao tribunal. Num acordo, podia ainda ganhar certos benefícios enquanto no tribunal imperaria a lei, sem qualquer outra possibilidade. Seria sábio acertar as contas antes de ser julgado.

Da mesma forma (e mais ainda), a pessoa sábia obedeceria a Deus quanto antes--não tentaria pecar para ver o limite do perdão divino. Jesus apelou para arrependimento imediato para fazer as pazes com Deus sem demora. Seria o caminho sensato ao invés da tolice de chegar culpado ao juízo final, quando não haveria mais oportunidade para perdão. Seria agir segundo a justiça de Deus e não de acordo com a esperteza humana. Jesus sacudiu todos na tentativa de acordá-los da sua mesmice religiosa. O alvo do Mestre era fazer todos conhecedores profundos do reino de Deus. Conhecimento das coisas deste mundo passaria, porém só o conhecimento do reino levaria à vida eterna.

O RESULTADO DE ARREPENDIMENTO

13.1-17

No tempo de Jesus, os judeus acreditavam que desastres e desgraças eram sinais da desaprovação divina e que Deus estava castigando as pessoas envolvidas. Algo ruim acontecendo sempre levaria a população a perguntar: "O que essa pessoas fizeram para merecer tal punição?" Subentendida era a idéia que as vítimas eram pecadores e piores que seus vizinhos. O outro lado da questão era a sensação de quem escapava de uma desgraça sobrevivia porque não devia nada a Deus. Em outras palavras os infelizes mereciam o mal recebido e os bons, seu salvamento.

Jesus rejeitou por completo essa noção. Todos eram pecadores e todos precisavam arrepender-se. Todos estavam longe de Deus e necessitavam converter-se por completo ao Senhor. Desastres e desgraças aconteciam, mas não eram julgamentos divinos. Seria somente no juízo final o veredito de Deus.

Arrependimento

O Mestre proclamou a necessidade universal de arrependimento. Para agradar a Deus, todos precisariam acreditar no evangelho e mudar de vida, independentemente das suas vidas anteriores. Religiosos ou descrentes, sortudos ou azarados, vidas fáceis ou desastradas, não haveria distinção--a raça humana teria de mudar seu pensamento, atitude e ação (arrependimento sendo mudança de mente levando à mudança de vida).

Jesus reforçou a necessidade universal de arrependimento com o anúncio de perdição universal por causa de pecado. As palavras idênticas dos versículos 3 e 5 enfatizaram que fora do evangelho não haveria salvação. Portanto, não haveria distinção entre pessoas da parte de Deus, pois todos, sem exceção, precisariam de perdão divino. Sem perdão, haveria só condenação e nada de salvação. Os apóstolos presentes naquele momento entenderam e mais tarde pregaram: "Arrependem-se e cada um seja batizado em nome de Jesus para o perdão dos seus pecados e receberão o dom do Espírito Santo."

Figueira e Figos

O fruto de arrependimento seria conversão a Jesus e consequente mudança de vida. O Mestre ilustrou essa realidade por meio de uma parábola, como era seu costume. Contou sobre uma figueira sem figos, um contrasenso, por produzir figos ser a razão de existir da figueira. Da mesma forma, a razão de existência do ser humana se resumiria em agradar a Deus, possível unicamente por meio de arrependimento. A pessoa que não agradava a Deus seria igual a uma figueira não dando figos.

A figueira que já gozava do privilégio de estar plantada no solo fértil da vinha receberia cuidados especiais e mais prazo para produzir fruto. Semelhantemente, a raça humana, que residia no mundo perfeito criado por Deus, teria oportunidade dada por Jesus para deixar o mal e obedecer a Deus. A história posterior da morte e ressurreição do Senhor, da pregação mundial do evangelho e da longanimidade de Deus até o dia atual deveria ser enxergada como a possibilidade real dada por Deus a toda a humanidade para receber a salvação e usar sua vida para Deus e outros.

Jesus enfatizou a produção de fruto, alertando sobre as consequências de ficar infrutífero. Se fosse para cortar a figueira sem figos, como ficaria a pessoa inerte espiritualmente? A meta maior da vida humana se definiria em agradar por atuação espiritual.

Sete Dias por Semana

O discípulo seguiria Jesus, glorificaria a Deus e daria fruto todos os dias sem exceção. Jesus deu exemplo concreto por fazer um milagre num dia de sábado ("trabalhando" no dia de descanso). Curou completamente uma mulher que por 18 anos andava curvada devido a um espírito mau. Jesus falou e deu-lhe a mão; ela se endireitou e deu glória a Deus. Nessa cura, o Mestre mostrou fruto.

Imediatamente veio a crítica de ortodoxia cega por ele fazer a cura no sábado. Houve apelo à lei do Velho Testamento, como se Deus só trabalhasse seis dias por semana. Porém, Jesus chamou essa reação de hipocrisia porque qualquer dos críticos livraria seu animal de perigo físico mesmo no sábado. Quanto mais o Senhor deveria libertar essa mulher do domínio maligno.

O fruto produzido por Jesus rendeu mais fruto ainda: uma reação dupla das pessoas presentes--vergonha dos oponenets e alegria da multidão. Demonstrou que o poder do reino não seguia as regras humanas e, sim, a vontade do Rei.

MULTIPLICAÇÃO

13.18-21

Quando Deus agiu para salvar o mundo, enviou uma pessoa só, Jesus. Poderia ter mandado um exército, porém preferiu demonstrar seu poder e glória na salvação de todos, começando com um homem. Contudo, não seria para Jesus ficar só; o plano era para ele multiplicar-se por fazer discípulos. E esses discípulos fariam outros que fariam outros e assim por diante até o dia de hoje, numa multiplicação sem precedentes na história do mundo.

Para descrever esse fenômeno, Jesus contou duas parábolas curtas, cada uma ilustrando o efeito multiplicativo do reino de Deus. Ao invés de usar termos técnicos complicados, falou sobre sementes e fermento, algo conhecido por todos. Nos versículos 18 e 20, declarou que estava fazendo comparações e falando de coisas semelhantes para explicar o que seria o reino de Deus.

O reino chegou na pessoa de Jesus, no seu ser, seu falar e seu fazer. No contexto imediato, era possível ver o reino em ação pelos milagres de Jesus e por sua chamada para todos arrependem-se e darem fruto. O reino, sendo de Deus, seria o Senhor reinando nas vidas e corações de homens e mulheres.

Semente Poderosa

"O reino de Deus é como . . ." e o Mestre surpreendeu todos por dizer: como uma semente semeada. O poderoso reino de Deus chegaria como semente de mostarda (todos os presentes perguntariam: o que?). Porém, seu começo pequeno levaria a resultados enormes. Como a semente pequenina de mostarda produzia a planta maior da horta, também a pregação do evangelho, aparentemente sem importância, mudaria para o melhor a vida de milhares (e milhões) de pessoas. A pregação de Jesus na Palestina (um homem simples num país sem importância) viraria a força maior no mundo inteiro (e no mundo porvir).

Jesus focou na transformação de "pequeno" para "grande". Era um provérbio popular: "tão pequeno quanto um grão de mostarda". Contudo, crescimento levava a tanto aumento que passarinhos poderiam fazer seus ninhos nos ramos fortes. Em pouco tempo, a planta ficava totalmente fora de proporção ao tamanho inicial da semente. Jesus não pregava uma mensagem insignificante para salvar poucas pessoas; anunciava o início da nova era da humanidade com Deus que nunca terminaria.

Seria ter fé como um grão de mostarda para experimentar o poder e salvação de Deus. Os

pássaros abrigados no pé de mostarda exemplificaria a utilidade da fé na vida diária, sustentando a existência e abençoando as vidas de outras pessoas. No fim plantar a semente significaria a pregação e recepção do evangelho, o grande crescimento pessoal e a expansão fenomenal no mundo inteiro.

Fermento do Reino

Jesus enfatizou que o crescimento do reino seria gradual mas implacável quando o comparou a fermento. O reino seria igual ao ato de colocar fermento na massa de pão; quantia pequena e ação simples, porém a massa nunca seria a mesma, tão certo o crescimento. Influência transformadora mas quase invisível marcaria o aumento do reino (i.e. de Deus reinando nos discípulos de Jesus).

Nessa parábola o Senhor frisou a pequena quantidade de fermento em relação à quantidade grande de massa. Mesmo assim, haveria capacidade de modificar tudo, de fazer toda a massa crescer. De modo igual, Jesus veio para transformar o mundo, um para milhões porém capaz de atingir seu alvo. A difusão da fé em Cristo mudou a história do mundo, tão grande sua influência para o bem.

O segredo de crescimento espiritual se acharia no verbo "esconder": o fermento escondido na massa, perdendo sua identidade; o discípulo unido com o Mestre, deixando o amor de Deus brilhar na sua vida. Não seria o discípulo chamando atenção para si, mas chamando todos a também seguir Jesus. Assim, o fermento do reino levedaria toda a massa, toda a sociedade tendo a oportunidade de regeneração e crescimento.

NO CAMINHO PARA JERUSALÉM

13.22-35

Duas atividades ocuparam esforços de Jesus: ficou ensinando como era seu costume e começou sua viagem a Jerusalém. O ensino era sobre o reino de Deus e o propósito da viagem foi de dar sua vida como sacrifício. Em outras palavras, sua viagem daria condições para cumprimento do ensino--a morte redentora faria possível perdão e nova vida.

Quantos Salvos?

Nesse clima surgiu uma pergunta anônima porém pertinente: quantas pessoas seriam salvas, muitas ou poucas? Com o ensino de Jesus e o propósito sacrificial da sua ida a Jerusalém, qual seria o resultado? De fato, a questão veio com um certo pessimismo: haveria poucos salvos?

Como era do seu feitio, Jesus não respondeu imediatamente à pergunta. Com efeito, deu resposta a uma questão maior: não quantos, mas como alguém poderia ser salvo? Veio a resposta imediata de esforçar-se, de fazer de tudo para entrar pela porta estreita que seria a porta de salvação. A salvação exigiria tudo que uma pessoa tinha de arrependimento e entrega e ainda seria possível só pelo poder de Deus.

Além de esforço, Jesus frisou a necessidade de aproveitar a oportunidade que sua presença na terra estava dando. Entrar enquanto havia possibilidade levaria à bênção messiânica ao invés do desespero da perdição. Muitos tentariam entrar mas não conseguiriam. Um dia fecharia a porta para sempre. Portanto, ninguém deveria perder a chance dada por Jesus.

Pela figura da porta fechada, o Senhor indicou o rigor do juízo final. Deus não daria um "jeitinho" e salvar todos. Mera associação com Jesus ou verbagem religiosa não bastaria--no vocabulário do Mestre não obedecer e fazer o mal eram sinônimos.

Obediência consciente, imediata e total daria as condições para entrar pela porta estreita. Com essa explicação Jesus acabou respondendo à pergunta inicial: em relação a população mundial sim, haveria poucos que valorizariam tanto o reino de Deus.

Anunciou uma reviravolta surpreendente: gentios chegariam antes de muitos judeus, pecadores arrependidos e não pessoas religiosas fariam companhia celetial com os grandes nomes do Velho Testamento. Essa inversão total mostraria que ser de Israel não bastava, seria preciso obedecer de coração.

Hoje, Amanhã e Depois

Central na mensagem e atuação de Jesus foram a morte e, no terceiro dia, a ressurreição. Ninguém poderia parar o propósito de Deus, mesmo matando o mensageiro.

Tudo veio à tona com o aviso (amigável?) a Jesus que o Rei Herodes quis matá-lo. A resposta do Mestre voltou sem hesitação que não ficaria intimidado. Os mensageiros deveriam voltar ao palácio mas com outra mensagem: no pouco tempo restando, Jesus continuaria pregando e cumprindo o plano de Deus.

Sendo a vontade de Deus, ninguém tiraria Jesus do seu caminho. Mesmo a morte não o pararia porque viria a ressurreição, como expressou poeticamente sendo "hoje, amanhã e depois". Os três dias que mudaram a história do mundo não difeririam em qualidade espiritual com aqueles que estava vivendo, tão elevado seu alvo de cumprir toda a justiça de Deus. Continuou seu ministério, rumo a Jerusalém, que era para Jesus sua "porta estreita".

Jerusalém que deveria recebê-lo de braços abertos, por ser capital de Israel e sede do templo, estava prestes a pedir sua morte. Ciente de tudo isso, o Mestre não se desviou, mesmo sabendo que suas tentativas seriam rejeitadas. Jesus lamentou sinceramente o que aconteceria e previu a destruição de Jerusalém como resultado de resistir a graça divina. Mesmo nesse lamento, o Senhor aceitou a aclamação dele como rei, na entrada triunfal em Jerusalém e futuramente na sua volta triunfal no dia final.

A perdição aconteceria por causa da rejeição de Jesus. Por outro lado, a salvação viria a qualquer pessoa entrando pela porta estreita e obedecendo ao Senhor.

REFEIÇÃO INDIGESTA

14.1-14

Um fariseu convidou Jesus para uma refeição na sua casa num dia de sábado. Infelizmente, o prato principal seria o próprio Jesus--apareceu estranhamente um homem doente evidentemente para ver o que o Senhor faria. Ao invés de ser gesto de hospitalidade e amizade, a refeição foi pretexto para achar algo errado em Jesus. Porém, como sempre, Jesus virou a mesa e falando a verdade e agindo de acordo com a verdade transformou a armadilha em triunfo para Deus. Demonstrou a todos o valor de confiança em Deus, que exaltaria os humildes, opondo-se aos orgulhosos.

Duas Perguntas

O que faria Jesus num sábado com o homem doente que apareceu (provavelmente trazido pelo anfitrião)? Essa era a pergunta na mente de todos os presentes.

Entretanto, foi o próprio Jesus que fez não só uma mas duas perguntas: qual era o propósito do sábado e qual a deturpação humana daquele propósito?

O Senhor perguntou se, de acordo com o alvo divino, seria lícito curar num sábado, de fazer o bem? A segunda pergunta foi sobre a prática corriqueira de resgatar uma pessoa ou até um animal que caísse num buraco ou poço num sábado; se pudesse fazer essa exceção, poderia ajudar qualquer pessoa e em qualquer circunstância?

Às duas perguntas de Jesus, houve duas respostas mudas. Os presentes mostraram falta de boa vontade por manter-se em silêncio, não deixando o raciocínio de Jesus esclarecer suas mentes. Demonstraram a ascendência de conceitos humanos sobre o propósito original de Deus.

Também, sem palavras, Jesus respondeu às suas próprias perguntas: curou o homem! Mostrou com clareza o propósito divino de amor para o ser humano, até nos mandamentos do Antigo Testamento. Sim, era lícito curar no sábado e, sim, sempre fazia bem ajudar outros. Agora, sem sombra de dúvida, os presentes souberam o que faria Jesus--faria invariavelmente o bem, sem intimidar-se por tradições e pressões humanas.

Humilhado e Exaltado

O ocorrido abriu para o Mestre a oportunidade de ensinar o princípio de obediência humilde a Deus. A controvérsia sobre o sábado não era uma questão isolada--fazia parte de um cenário maior. Havia sempre a tendência de colocar interpretações humanas acima da vontade de Deus e confundir todos, declarando que a primeira (humana) fosse a segunda (divina). A chave seria humildade que seria colocar-se corretamente perante

Deus e outros.

À mesa com os outros convidados, Jesus contou mais uma parábola. Dramatizou um provérbio, contando o caso do convidado ambicioso que buscava os primeiros lugares mas estava rebaixado vergonhosamente para os últimos. Na parábola, a vergonha seria de dar lugar para alguém mais ilustre, enquanto a exaltação seria subir do último lugar para um de destaque. Em termos espirituais, o protocolo mostraria que não o ambicioso mas o humilde diante de Deus receberia aprovação divina.

Jesus enunciou o princípio: exclusão de exaltação própria, promessa de exaltação por Deus. A avaliação divina teria importância total. Seria confiar sempre em Deus e nunca em si. Essa inversão de valores, valorizando o invisível sobre o visível, o espiritual sobre a popularidade entre pessoas, garantiria o veredito de glória celestial no juízo final.

O Mestre exemplificou o princípio numa alusão ao contexto daquele momento de refeição: amor do reino de Deus convidaria pessoas não "convidáveis", fora dos limites de sociedade aceitável. O ato de convidar quem não poderia retribuir receberia recompensa por Deus; os convidados não teriam condições para repagar, mas Deus faria muito mais que isso. No lugar de práticas previsíveis e interesseiras, surgiriam gestos audaciosos e amorosos.

Jesus não proibiu convidar familiares, amigos e colegas de trabalho, entretanto abriu possibilidades enormes para relacionar-se com pessoas excluídas e dedicar-lhes o amor vindo de Deus. Humildade sem busca própria de glória permitiria essa revolução em relacionamentos interpessoais. Amar e dar sem esperar receber de volta levaria à recompensa espiritual e eterna da parte de Deus, justamente aquele que começou o processo todo por amar o mundo tanto que deu seu único Filho.

A GRANDE CEIA

14.15-24

"Felizes os que irão sentar-se à mesa no Reino de Deus," declarou um dos presentes na refeição na casa do fariseu. Jesus, que sempre estava falando bem-aventuranças, ouviu uma. Era uma frase "beata" sobre o banquete messiânico. Impressionado pelo que viu e ouviu de Jesus, a pessoa anônima falou uma verdade sem ser *a* verdade.

Para esclarecer tudo, o Mestre contou uma parábola explicativa. Por meio da história, denunciou sentimentalismo, i.e. boas intenções, que não se traduziam em obediência. Nos termos da parábola, seria não entrar na festa do reino mesmo sendo convidado.

O Banquete Celestial

A história contada por Jesus descreveu uma cena comum na Palestina: um banquete com muitas pessoas convidadas para um certo dia, sem especificar o horário. Havendo tudo pronto para a festança, o anfitrião enviaria seus servos para avisar os convidados do início do banquete. Os convidados viriam imediatamente porque já aceitaram o convite e estariam só esperando a chamada.

"Tudo pronto," o aviso dado aos convidados, implicaria muito em termos espirituais. A vinda de Jesus sinalizou a possibilidade do reino de Deus entre as pessoas. Os convites estavam sendo dados pela pregação do evangelho. A graça generosa de Deus e a presença imediata do reino em Jesus se uniram para chamar toda a humanidade, declarando "tudo pronto".

Com a indicação do início iminente da festa, começaram os motivos ou as desculpas das pessoas convidadas para dizer por que não iriam ao banquete. Foram terras, bois e esposas que impediram a participação dos convidados--motivos importantes porém não de suma importância. Apesar da aceitação inicial do convite, houve desvalorização (para não dizer desprezo). Quantas pessoas em todas as épocas se enganaram dessa forma, deixando de lado as coisas de Deus para cuidar de assuntos urgentes mas passageiros. Especialmente, quantos judeus presentes com Jesus, mesmo preparados pelos profetas e João Batista, não entraram no reino anunciado pelo Filho de Deus.

A reação raivosa do anfitrião correspondeu ao descaso dos convidados. Não querendo cancelar o banquete, mandou chamar pessoas normalmente não convidadas para eventos sociais. Essas pessoas, sem posses para tirar sua atenção, aceitaram com alegria o convite. Os normalmente excluídos finalmente tiveram sua chance. Tanto que, o dono da casa declarou "ainda há lugar" e mandou chamar mais pessoas porque queria a casa cheia de

gente.

Repercussões

O amor imenso de Deus teria a função de convidar e persuadir. A reação negativa ou indiferente de seres humanos não poderia cancelar a festa celestial. Mesmo o convite original desprezado, nada impediria a casa de Deus de ficar lotada. Sem vingança porém com justiça, os primeiros convidados perderam seu lugar e os novos entraram com alegria.

Essa parábola explodiu como bomba na mesa do fariseu. A oposição dele e dos outros convidados a Jesus cegou-os, privando-lhes a oportunidade de salvação. O próprio Salvador do mundo estava à mesa e eles somente tentavam achar defeitos nele. Jesus trouxe o convite, contudo os homens religiosos o desprezaram com seus outros interesses. Entretanto, o convite sairia para outros, para os "publicanos e pecadores" e até para os gentios.

A cena moderna continua igual: enquanto os religiosos brigam entre si e competem-se um com o outro, vem o anúncio que tudo está pronto para a vida eterna. Ao invés de rejeitar ou menosprezar o convite de Jesus, devemos aceitá-lo com corações alegres e agradecidos. Nada mais importa para o Senhor do que a salvação das pessoas. Por isso, sua grande comissão continua em funcionamento: seus discípulos levando o convite a mais e mais pessoas.

RENÚNCIA

14.25-35

Popularidade poderia enganar uns, mas não Jesus. Exatamente quando havia uma grande multidão congregada, quando parecia que finalmente estava havendo entendimento pleno, o Senhor desafiou duramente todos presentes. Não queria que achassem fácil ser seu discípulo só por causa da grande afluência de gente. Quis esclarecer uma vez por todas o custo de ser seu seguidor.

O Mestre acabou de dizer na casa do fariseu que ninguém recusando o convite poderia participar do banquete messiânico. E a multidão (que obviamente não estava sentada à mesa para ouvir a explicação)? Para todas as pessoas, enfatizou a natureza radical de aceitação do reino, deixando de lado todas as desculpas e acabando com o possível clima de "oba-oba" (que tanta gente devia saber o que estava fazendo).

Três Vezes

O Senhor setenciou três vezes: "não pode ser meu discípulo." Sem renúncia, sem arrependimento, sem valorização da vida espiritual, ninguém poderia ser seu seguidor. Ficou claro na mente de Jesus: haveria a impossibilidade de segui-lo enquanto a pessoa ainda tentasse dirigir sua própria vida. Sobressaiu a natureza exclusiva da chamada de Jesus. Ou o discípulo seguiria ele como Senhor ou nada feito.

A primeira vez que Jesus falou "não pode ser meu discípulo," enfatizou a necessidade de colocá-lo acima de todos e tudo: família, lar e até si mesmo. Usou a dupla de verbos amar e odiar para mostrar a impossibilidade de fazer média. Alvos menores precisariam ser removidos e assim alguém poderia ser discípulo.

A segunda vez, o Mestre destacou o sofrimento para aguentar para ser discípulo. Não havendo nada mais doloroso que a cruz, Jesus declarou a necessidade de auto-negação e fidelidade até o ponto de sofrer numa cruz.

A terceira vez, o tema foi renúncia total. O valor de Jesus sendo absoluto, o resto ficaria sem importância real. Havendo algo ou alguém mais precioso, não haveria condições de ser seguidor do Senhor. Perdas (até da vida em martírio) ficariam absorvas por essa decisão.

Cálculo do Custo

A repetição tríplice reforçou a noção da seriedade da decisão de seguir Jesus. Porém, antes de alguém tomar a decisão, o Mestre exigiu que a pessoa calculasse o custo, sobre quanto custaria seguir e qual seria o risco de não seguir. Usou as imagens de construção e

batalha para ilustrar a necessidade de começar e terminar, de converter-se e ficar fiel até o fim.

O homem construindo uma torre precisaria calcular os materiais e mão de obra necessários para não ficar o ridículo de uma torre de um ou dois metros de altura (por falta de planejamento e recursos). O rei ou general de exercito veria com toda atenção os riscos da batalha, especialmente se seus soldados fossem suficientemente valentes para derrotar um exercito duas vezes maior. Nos dois casos, o cálculo do custo evitaria o fracasso: o construtor reuniria os meios suficientes para construir a torre e o general mapearia uma estratégia imbatível ou logo pediria condições de paz.

O que disse para os outros, Jesus exigiu de si mesmo. Soube muito bem do custo da salvação do mundo. Também sabia que, para inaugurar o reino era preciso ter discípulos firmes e fieis; se os iludisse ou pressionasse, não cumpririam o plano de Deus. Contra Satanás, todo cuidado seria pouco devido a seu poder e astúcia.

Para o discípulo, seria construir com firmeza a vida cristã; a queda ou ruína ridicularizaria o reino. Contra Satanás e suas hostes demoníacas, haveria vitória somente com a renúncia total (a morte do "eu") e com o poder vindo da presença do Espírito Santo.

Sal

O Mestre concluiu com mais uma comparação: sal. Sal no mundo antigo temperava e conservava alimentos, contudo sem sabor ou com impurezas o sal não teria utilidade. Sal ou era salgado e útil ou insonso e desprezível; da mesma forma, ou haveria renúncia total em prol do reino ou haveria uma religiosidade medíocre. O sal, ou gosto certo da vida espiritual, seria a capacidade e vontade de sacrificar-se por Jesus. Propiciaria uma cena muito bonita: o cristão fiel na sua vida diária. Por outro lado, sem renúncia, a igreja ficaria insípida como sal sem sabor, não havendo razão para existir.

Em outro momento, Jesus chamou seu povo "o sal da terra", sal saboroso e ativo na pregação do evangelho. Portanto, tendo ouvidos, seria ouvir para não perder a chance de salvação, para sempre valorizar o reino acima de tudo.

PERDIDO E ACHADO

15.1-10

Nunca havia tanta diferença entre Jesus e a elite religiosa dos judeus do que na atitude a pessoas desobedientes e distantes de Deus. Enquanto os religiosos se mantinham separados do povo ignorante e pecador, Jesus tinha como sua missão a salvação de todos e, assim, sempre estava no meio de todo tipo de pessoas para ensinar o caminho certo a Deus.

O "Crime" de Pregar a Pecadores

Qual seria a reação a pecadores conhecidos chegando a Jesus para ouvir a verdade do evangelho? Jesus achou muito bom, mas os fariseus e escribas, ruim. Jesus operava no nível do coração das pessoas (vendo a possibilidade de arrependimento); os críticos pensavam sobre a aparência (vendo a possibilidade de ser condenados por estar no meio de pecadores). Portanto, Jesus foi duramente censurado por não ver que eram pecadores e afastar-se deles. Porém, foi exatamente por eles serem pecadores que Jesus se aproximou deles com o intuito de mostrar-lhes o amor de Deus.

Do lado de Jesus, estava havendo uma maravilha promovida pelo amor de Deus: pecadores perdidos ouviam a mensagem de salvação. Era prova que o plano de Deus estava dando certo. Do ponto de vista de religião, era vergonhosa essa ligação das coisas de Deus com pessoas indignas.

Para tentar esclarecer o propósito verdadeiro de Deus, Jesus contou parábolas gêmeas sobre a alegria divina com a conversão de pecadores. Com detalhes diferentes, as histórias eram iguais: o perdido achado e a subsequente explosão de alegria. Detestar pecado e amar pessoas (o posicionamento divino) seria igual a buscar e achar o perdido (não o deixando na perdição) e a alegrar-se grandemente com seu novo estado são e salvo.

A Natureza de Deus

Como seria Deus? Ao invés de filosofar, Jesus deu parábolas fáceis de entender e com conclusões eternas. As histórias, além de descrever Deus, responderiam às críticas sobre a aproximação de pecadores para ele, afirmando que essa aproximação seria mérito dele como Filho de Deus e não prova da sua falsidade. O evidente desdém, o tom irônico, o desgosto visível, tudo era a reação dos fariseus e escribas, como se soubessem tudo. Entretanto, a pergunta maior deveria ser: que Deus é esse que mandaria seu Filho para salvar o mundo, para associar-se com pecadores? A resposta veio em forma de parábolas,

dizendo exatamente como seria a natureza divina.

O Mestre pegou uma experiência comum naquela sociedade rural e pobre: a perda de uma ovelha. Sabia que todos os presentes faria o que fez o pastor de ovelhas da história--buscariam até achar. Ninguém pensaria em perder uma ovelha, sua única fonte de sustento. Todos fariam o grande esforço necessário.

A surpresa na história seria a grande alegria pelo motivo de achar a ovelha perdida.

Esquecendo noções modernas de porcentagens e margens de lucro, o pastor do rebanho ficou eufórico e com ele, numa alegria contagiante, todos seus vizinhos.

O ponto poderoso da parábola foi que Deus (ou o próprio Jesus) seria o pastor e qualquer ser humano, mesmo o mais errante, a ovelha perdida. No lugar de condenação e punição dos perdidos, afastamento dos pecadores da sua presença, Deus amou tanto que enviou seu Filho para salvar todos. Deus seria assim: felicíssimo com qualquer arrependido, qualquer perdido salvo. Deus seria o Deus de amor e alegria.

Festa no Céu

Na segunda parábola, o Mestre contou a mesma história com outros detalhes (uma mulher, dez moedas, varredura e alegria), chegando mais rápido ao desfecho. Assim a ênfase recaiu sobre a festa com as vizinhas com o achar da moeda perdida.

Deus seria essa mulher, valorizando a pessoa perdida e vibrando com o bom resultado. O céu inteiro entraria em celebração sobre a conversão de pessoas. Querer achar o perdido e querer compartilhar sua alegria seriam frases descritíveis de Deus.

Em tempos modernos, essas parábolas continuam corrigindo idéias falsas sobre Deus e abrindo o caminho para entendimento correto. Devemos correr para Deus com a certeza que nos aceita com satisfação. Nosso conceito de Deus também influi em nosso ministério espiritual--sabendo como Deus é, seremos como ele e faremos tudo para a salvação de outras pessoas. E, com o arrependimento e obediência dessas, entraremos na festa ao lado do Senhor.

O DEUS QUE CORRE

15.11-32

Será que Deus corre? Será que abraça? Será que aceita de volta o arrependido? A resposta a todas essas perguntas é: sim! Como é que sabemos? Porque Jesus contou uma parábola que descreveu Deus e sua atitude diante da perdição humana.

O Pai e seus Filhos

O Senhor contou a história de um pai e seus dois filhos, representando Deus e os homens. O pai amava os dois, dando as mesmas condições e criação. Os dois frustravam esse amor, usando mal a liberdade dada, um com falta de bom senso e o outro dominado por ciúme. O alvo do Mestre foi de mostrar pelo lado errado, como deveria ser a resposta humana a Deus: apreço e obediência, o amor humano correspondendo ao amor divino.

O Filho Errante

O filho mais moço, ignorando os sentimentos do pai, pediu sua parte da herança para possuir e gastar até antes da morte do pai. Seu desejo de ficar independente o levou a grandes erros de juízo, que por sua vez o colocaram na miséria. Sua fortuna gasta e sem qualquer apoio, caiu em si e, em humildade, lembrou as qualidades do pai e o bem-estar ao redor dele. Percebeu a ilusão de riquezas e de amizades interesseiras e amargou as consequências tristes, sem recursos materiais e sem simpatia humana.

Sua lembrança do pai lhe serviu bem porque foi recebido de volta com festa. O pai nem quis ouvir as explicações, muito menos o humilhou com a constatação da sua situação "antes e depois". Felizmente, o filho entendeu que pecou por faltar amor a Deus e ao seu pai. Arrependido, voltou sem exigências, suplicando a misericórdia do pai. Não precisou explicar nada porque seu pai o viu, correu, abraçou, beijou e mandou o preparo da festança--o morto estava vivo, o perdido, achado. A fala ensaiada do filho foi superada pela ação amorosa e decidida do pai.

Jesus ensinou claramente a personalidade de Deus: na sua aceitação paterna, Deus correndo para perdoar. Motivado por amor, nada seguraria a boa vontade divina nem a celebração por todos os envolvidos.

Mais História Ainda

O filho voltou, o pai correu e abraçou e a festa começou, porém a notícia boa produziu no outro filho raiva e a recusa de participar da festa. Com toda razão (ele imaginava), questionou o procedimento do pai. Nessa atitude, representava os fariseus e escribas que achavam ruim a aproximação de pecadores a Jesus. Eles, como o filho mais velho,

precisavam aprender que Deus (o pai) queria aceitar todos, tendo verdadeira compaixão. O contraste entre o coração do pai (que saiu ao encontro dos dois filhos) e do filho mais velho ficou claro, como haveria sempre a diferença entre o coração de Deus e o coração duro do ser humano. Seria preciso enxergar como o pai enxergava, compreendendo a importância do lar e seus valores. O filho mais velho falou do seu irmão como se fosse um estranho, ignorando que quando o pai recebeu o filho, ele deveria também receber seu irmão, cumprindo o segundo mandamento.

O pai declarou a amplitude do amor paternal: "tudo o que é meu é seu". Houve bastante para os dois filhos. Assim, Jesus que recebeu os errantes da sociedade quis receber também aqueles que se consideravam certos. A alegria divina incluiria todos: mortos, agora vivos; perdidos, agora achados.

Os Passos Necessários

A parábola ensinou para sempre o alcance total do amor de Deus. Ao mesmo tempo, mostrou no exemplo do filho pródigo o caminho para arrependimento. Como sair do pecado e voltar para Deus? Nas palavras da parábola:

"caindo em si" reconhecimento da condição desesperada

"vou voltar" decisão para mudar o rumo da vida

"foi" saída definitiva do pecado

"não sou digno" humildade

"pequei" confissão de pecado

Hoje, podemos saber que, se voltarmos correndo para Deus, ele correrá para receber-nos.

Saindo do pecado, podemos ter certeza que há um Pai e um lar eterno à nossa espera.

A VERDADEIRA RIQUEZA

16.1-13

A ovelha perdida, a moeda perdida, o filho perdido--todos os três, achados com festa geral. Na base das três parábolas, qual seria a atitude correta da vida? Jesus surpreendeu por dar mais uma parábola como se fosse resposta à indagação, porém mudou o tema para a administração de bens materiais. E surpreendeu por retratar alguém desonesto, não para incentivar falsidade mas para desafiar seus discípulos a serem tão astutos quanto homens de negócios.

O Bom Uso de Dinheiro

O Mestre entrou num tema muito conhecido seu: Deus nos deu vida e bens para administrar. A boa administração dos bens materiais daria glória a Deus e abriria as portas do lar celestial. No juízo final, o seguidor de Jesus teria uma vida fiel aos princípios divinos para mostrar na sua prestação de contas.

Contou uma parábola de um homem esforçado porém desonesto. Deu um exemplo negativo para estimular seus seguidores de uma forma positiva. O povo de Jesus deveria ter o mesmo zelo e interesse em ganhar almas que o mundo em ganhar dinheiro. Até dinheiro deveria ser utilizado para fins espirituais.

Narrou a história de um administrador demitido por incompetência e infidelidade ao dono da fortuna. Conhecedor das suas limitações, traçou um plano de sobrevivência financeira após a saída da sua posição. Baseando-se na ganância dos outros, fez um complô com os devedores a seu patrão para receber sustento futuro deles. Continuou desonesto até o fim com um tipo de "notas frias" com vantagens para ele e os credores e prejuízo para seu ex-patrão; assim garantiu seu futuro. Quando o patrão ficou sabendo, além de chateado, ficou admirado com o esforço e esperteza do demitido.

Em tom de desabafo, Jesus declarou que pessoas do mundo eram mais espertas que pessoas da luz. Esse desabafo virou desafio, porque os da luz deveriam fazer muito mais por possuírem as verdadeiras riquezas. Quanto mais deveriam esforçar-se aqueles querendo ganhar o céu! Dinheiro, normalmente fonte de corrupção, poderia ser muito bem utilizado no reino de Deus. Embora mau uso de dinheiro separasse a pessoa de Deus, o bom uso daria condições para mais salvos no céu através da pregação do evangelho.

A Aplicação Financeira Certa

Dinheiro não é Deus, contudo dinheiro pode ser usado para a causa de Deus. O bom uso de dinheiro prova que existe a verdadeira riqueza: fé e amor a Deus.

Esse ensino ocupou boa parte da pregação de Jesus (estimativas variam entre 25% e 50%) porque o Senhor sabia que a aplicação certa de dinheiro abriria o caminho ao céu enquanto o mau uso bloquearia o acesso. O uso santo de dinheiro levaria a mais discípulos feitos.

Jesus surpreendeu por afirmar que seria a maneira de usar e não a quantia de dinheiro que importaria mais. O bom uso de "pouco" levaria ao bom uso do "muito". O princípio da fidelidade, independente do valor, eliminaria o tipo de raciocínio "se fosse rico, faria isso ou aquilo" para perguntar o que poderia fazer atualmente com o dinheiro disponível. A parábola do administrador desonesto e a citação de negócios mundanos teve o propósito de mostrar a necessidade de ousadia e planejamento para a conversão do mundo.

Jesus destacou a diferença entre riquezas temporárias e eternas. Sendo o uso de dinheiro indicador de prioridades, o orçamento seria uma declaração de fé: ou na importância de bens materiais ou no valor do reino de Deus.

Outro princípio mencionado foi o da bênção de Deus na base de fidelidade--com bom uso, Deus daria mais para ser usado. Usando bem as coisas materiais, o Senhor apresentaria mais oportunidades espirituais. Aproveitando bem as coisas do mundo, não para pecar, e sim para fazer mais discípulos, não haveria distrações ou impedimentos para cumprir os alvos do reino.

Jesus fez a pergunta básica: quem seria o verdadeiro senhor: Deus ou riquezas? O uso de dinheiro indicaria quem seria o verdadeiro mandante na vida: Deus (com tudo para o reino dele) ou riqueza (com tudo para as vontades pessoais). Sem engano ou auto-ilusão, o discípulo de Jesus sempre escolheria a verdadeira fortuna do lar celestial, uma decisão firme e permanente.

DEUS CONHECE CORAÇÕES

16.14-18

Jesus soube que toda a vida de uma pessoa dependia da sua escolha de senhor--seria Deus ou dinheiro? Sem a possibilidade de ficar com os dois, cada pessoa deveria decidir qual seria a prioridade máxima da sua vida.

O Erro dos Fariseus

Ouvindo o ensino radical de Jesus, os fariseus zombavam, fazendo gozação. Achando que prosperidade material era sinal de bênção divina, não queriam aceitar essa escolha do tipo ou Deus ou dinheiro. Queriam exatamente o que Jesus disse impossível: os dois. Até o dia de hoje, existe em todos os cantos muita resistência à idéia que dinheiro não seria o alvo principal da vida.

O erro dos fariseus era de valorizar bens materiais e equacionar o acúmulo de bens com aprovação de Deus. Seu desprezo aberto do ensino de Jesus demonstraria a cegueira produzida por amor a dinheiro.

O Conhecimento de Deus

A tendência humana de auto-justificação poderia funcionar com outras pessoas e até em situações religiosas. Os fariseus podiam afirmar que eram bons e que Deus estava abençoando-os. Contudo, tais afirmações nunca impressionariam o Senhor Deus, que nunca ficaria iludido.

Jesus declarou que Deus conhecia perfeitamente bem a realidade humana. Enxergando o que mais ninguém podia ver, o Criador conhecia completamente a situação humana. Não à mercê de opinião popular, o conhecimento do Senhor seria perfeito, sem preconceito ou favoritismo.

Diferente que a presunção farisaica, a resposta humana deveria sempre ser obediência. Obediência total, de acordo com a vontade de Deus retratada no ensino de Jesus, e não obediência calçada em tradições humanas. Somente obediência ganharia a aprovação divina.

O fato que o Novo Testamento seria maior que o Velho, o evangelho maior que a lei, enfatizou a importância da revelação de Jesus. Não seria o caso de desprezar o Velho; seria de obedecer a tudo até a entrada em vigor do Novo. Por Jesus, Deus nos abriu as portas do reino dele; deveríamos fazer tudo para entrar. Ao invés de inventar casuísmos e desculpas (como os fariseus), deveríamos priorizar o reino de Deus.

Dessa forma, Jesus destacou o caráter imutável da palavra de Deus. O mundo espiritual

seria mais permanente que o mundo físico--quando o físico não existir mais, a vontade de Deus continuará reinante.

O Caso de Casamento

O Mestre exemplificou a natureza da palavra de Deus com seu ensino claro e direto sobre casamento. Enquanto os mestres da lei argumentavam e dificultavam o entendimento da vontade de Deus sobre o vida de marido e esposa, Jesus declarou a verdade com clareza total. No lugar de discussões, seria o caso de respeito e obediência. Subentendido nesse ensino e todos os outros de Jesus era a imutabilidade da palavra de Deus--casamento sendo de Deus, sua orientação seria única para todas as pessoas.

O Senhor declarou casamento permanente, valendo até a morte. Esclareceu que outros casamentos seriam o pecado sexual de adultério (relações sexuais entre pessoas casadas mas não casadas uma com a outra). Falou tão forte, não por seu carrasco, mas por respeitar tanto a lei de Deus.

Sexo, sendo santo e saudável em casamento, fora de casamento destruiria a espiritualidade por ir contra o plano divino. Portanto, Jesus advertiu contra o engano de aceitação social do mal--só porque a sociedade aceitaria um tipo de comportamento vetado por Deus, não faria passível sua prática por discípulos do Senhor.

O DESCONHECIDO E LÁZARO

16.19-31

Para enfatizar a importância do reino de Deus e da supremacia do espiritual sobre o material, Jesus contou uma parábola sobre um homem riquíssimo e um mendigo paupérrimo. Como costume, o Mestre inverteu os papéis e o herói era o mendigo e o coitado, o rico. Além disso o nome do rico se perdeu mas o do mendigo foi preservado para posteridade: Lázaro. Se fosse qualquer outro contando a história, seria a rico nomeado e o mendigo desconhecido; mas não era qualquer um contando, era Jesus. Assim, a parábola do "desconhecido" e Lázaro demonstrou que somente valores espirituais seriam perpétuos, a verdadeira riqueza.

Duas Cenas

A história retratou duas cenas distintas: uma na terra e a outra no mundo dos mortos. Demonstrou realidades totalmente opostas, porém surpreendentes para observadores alheios.

A cena na terra mostrou um homem rico com roupas elegantes e banquetes diários e o outro em trapos e com feridas abertas, desejando até as migalhas da mesa do outro. Era luxo diário para um e miséria diária para o outro. E havia ausência total de amor da parte do rico: nem enxergava a realidade do outro enquanto persistia no uso egoísta da sua fortuna.

A cena de Hades mostrou uma realidade bem diferente, de fato, uma inversão total. O agora ex-mendigo recebeu todos os cuidados no banquete celestial, ocupando um lugar de honra bem ao lado de Abraão. O ex-rico sofreu horrores sem qualquer alívio. Receberam recompensas opostas: de conforto e de tormento. Um nunca voltaria a sofrer o que sofreu na terra e o outro nunca mais teria nenhuma das inúmeras vantagens da sua vida terrestre, nem a possibilidade de avisar seus irmãos que estavam no mesmo caminho longe de Deus.

Subentendida era a diferença entre os dois na atitude para Deus e para outras pessoas. O rico não levava mais ninguém em consideração, enquanto Lázaro não permitia que sua pobreza material roubasse sua riqueza espiritual.

O Além

Jesus não pretendeu dar uma descrição científica da vida após morte; porém alcançou seu objetivo de mostrar as consequências eternas das atitudes e ações na terra. O Mestre retratou os princípios governadores da vida além.

Primeiro, os homens colheram o que semearam. O pecado de falta de amor levou à condição de tormento sem alívio. Pelo outro, fidelidade apesar das tribulações foi recompensada por condições perfeitas.

Segundo, não houve possibilidade de mudança. O abismo entre os dois simbolizou a vontade imutável de Deus. Enquanto na vida haveria sempre oportunidade de arrependimento, na vida porvir, não houve mais chance. Inclusive houve a impossibilidade de voltar dos mortos para avisar os vivos.

Terceiro, Jesus enfatizou a importância de fazer hoje a vontade de Deus sem protelar. Quando o atormentado quis avisar seus irmãos, escutou o que ele não fez na vida: ouvir e obedecer à palavra de Deus, sua palavra única e suficiente. Mais milagres Deus não faria, já fez tudo necessário para a fé, arrependimento e conversão da humanidade.

A impressão forte deixada por essa parábola é a importância total de esforçar-se por entrar no reino de Deus. Ninguém faz por acaso; faz por obediência ao evangelho. Os resultados dessa decisão serão visíveis nesta vida e na vida eterna.

PERDÃO AMPLO

17.1-10

A nova vida trazida por Jesus surpreendia por suas exigências. A comparação era com Deus, não com outros seres humanos. Como Deus em Jesus trouxe a possibilidade de perdão para todos os seguidores do Mestre, da mesma forma, deveriam perdoar todos. Tanto perdão viria só da fonte divina, portanto a necessidade de ter mais fé. Jesus chamou a atenção dos seus discípulos para eles não caírem, para não provocar a queda dos outros, para crescer em fé e para ajudar outros serem mais firmes.

Obstáculos, Nunca; Perdão Sempre

Como Deus fez tudo para a salvação humana, os homens nunca deveriam dificultar a aproximação de outros e, de forma positiva, deveriam imitar a boa vontade do Senhor Jesus. Por ninguém ser perfeito, tropeços aconteceriam, mas seguidores de Jesus deveriam fazer o máximo para evitá-los.

Jesus avisou sobre a grande responsabilidade de quem prejudicar outros. Morrer afogado (uma das mortes piores imagináveis) seria melhor do que prestar contas a Deus por provocar a queda de alguém.

Por outro lado, o Senhor ensinou o perdão amplo, pois a falta de perdão para outros também afastaria pessoas de Deus, o exemplo perfeito de perdão. Pecado arrependido teria sempre perdão (até sete vezes por dia, querendo dizer sem parar). A atitude espiritual de perdão refletiria a grandeza de Deus. Juntaria a correção do mal pelo ensino correto com o perdão, dando uma nova chance às pessoas.

Tanto desafio chamou a atenção dos discípulos que pediram mais fé para perdoar como deveriam. Só confiança em Deus levaria a perdoar, porque a "justiça" humana sempre exigiria condenação dos outros. Sem fé ninguém evitaria tropeços e obstáculos, nem poderia perdoar outros. O aumento de fé pedido pelos seguidores foi de acordo com a demanda enorme feita por Jesus: de agir como cooperadores de Deus neste mundo, amando e não atrapalhando.

Arrancando Amoreiras

Tanto esforço e tanto perdão, sendo da vontade divina e não da índole humana, exigiria muita fé e confiança em Deus. Jesus sabia que Deus era o único poder verdadeiro no universo, o único criador e o único sem limites por matéria ou por pecado.

Deu o exemplo de arrancar um pé de amora e jogá-lo no mar, algo impossível para seres humanos mas fácil para Deus. Não disse que Deus faria tal ação (qual seria a

vantagem para ele?) mas mostrou que para Deus não haveria impossibilidades. Sem os obstáculos da finitude, pecado e falta de visão dos homens, Deus seria capaz de tudo de bom--tudo possível para Deus e até para aqueles submetendo-se a Deus (inclusive de perdoar vez após vez).

O Senhor mencionou fé do tamanho de uma semente de mostarda para mostrar que o poder não seria a fé da pessoa mas a ação de Deus. Gigante seria o amor e ação de Deus.

Servos Inúteis

Para que não houvesse dúvida sobre a fonte de poder e bondade, Jesus contou outra parábola, esta vez sobre um escravo e seu mestre. O escravo, mesmo cumprindo todos seus deveres, não mereceria qualquer favor por só estar fazendo o esperado. Claramente, Deus seria o mestre e o escravo, seus servos.

Com essa parábola, Jesus frisou que o reino de Deus seria teocracia e não democracia. Serviço fiel seria o esperado e exigido, um dever ao invés de ser um mérito. Em termos de valor, o Senhor teria tudo e o servo, nada.

O alvo sempre seria serviço ao Mestre, sempre sua vontade e seus alvos para serem atingidos. O servo não mereceria qualquer recompensa por esse serviço, por ser simplesmente seu dever. Fazendo aplicação prática, seria para cada discípulo perguntar sobre qual o bem feito para Jesus, qual o benefício conseguido.

Contudo, a parábola surpreendeu por terminar com o servo participando da mesa. Serviu primeiro o patrão,. mas depois pode jantar (não morreu de fome). Assim, Deus, o alvo de todo serviço e louvor, compartilha suas riquezas abundantes com seus servos, por causa da sua graça infinita.

GRATIDÃO

17.11-19

Segundo o ensino de Jesus, depois de fazer tudo, o servo só fez seu dever. Depois de louvar a Deus e de obedecer por completo, o discípulo somente diria que fez o que devia, sem esperar algo em retorno. Recebendo a salvação de Jesus, não haveria mérito próprio do salvo; haveria unicamente gratidão ao Senhor.

Um incidente no ministério de Jesus demonstrou a importância de gratidão, a necessidade de agradecer a Deus por suas bênçãos generosas. O Senhor fez um grande milagre que beneficiou dez homens, mas somente um dos dez voltou para agradecer. Jesus estranhou a falta de gratidão dos nove, pois a ação divina deveria suscitar o reconhecimento humano.

Milagre

Na sua ida a Jerusalém para morrer pelos pecados do mundo (e depois ser ressuscitado), Jesus encontrou uma série de pessoas e situações. O contexto da sua morte e ressurreição transformava todos esses encontros, dando para eles um significado bem maior. Não eram só atos e palavras de um carpineiro de Nazaré; eram as manifestações do Salvador e Senhor.

Dessa forma, Jesus curou dez leprosos e o milagre serviu para ensinar outra lição espiritual. O grito dos leprosos atraiu a atenção de Jesus. Sem mais nem menos (i.e. sem tocá-los ou falar quaisquer palavras "mágicas") ordenou-os a ir a Jerusalém para cumprir o ritual de purificação escrita na Lei. O Mestre conheceu bem o poder divino e sabia que a cura aconteceria. Virando para começar a viagem a Jerusalém, os dez perceberam os primeiros sinais de cura. Sem qualquer contato físico, Jesus fez o impossível: curou uma doença incurável e de uma forma instantânea.

Gratidão

Os dez homens obedeceram à ordem do Senhor e os dez foram curados. Aceitaram a palavra do Mestre e receberam a recompensa. Viraram para ir ao templo em Jerusalém para fazer a purificação e, de repente, tiveram motivo para ir--sendo curados, precisariam da confirmação dos sacerdotes para voltar à vida normal na sociedade judaica. Sua ação demonstrou a essência de fé: agir de acordo com a palavra de Deus mesmo antes de ver o resultado.

Dez obedeceram e foram curados, mas somente um reconheceu a origem da cura e voltou, louvando a Deus, para agradecer a Jesus. Entendeu o que Deus fez por meio de

Jesus e correu para dizer "muito obrigado". Gratidão foi o fruto de receber a graça divina e sempre deveria ser assim--gratidão humana por causa da bondade de Deus.

De fato, Jesus esperou ver todos os dez agradecendo o milagre e estranhou a volta de somente um. Para aumentar a estranheza, quem voltou era um estrangeiro (um samaritano) e os outros nove judeus, que, em tese saberiam melhor, não voltaram em gratidão pela bênção recebida. Nesse episódio, o "herói" era estrangeiro que serviria de lição contra exclusivismo judaico e a favor da missão mundial vindoura.

Salvação

A cura física levou à cura espiritual. Como todos os milagres, essa cura apontou para a divindade de Jesus. Como Filho de Deus, teria condições também para salvar eternamente. Portanto, declarou ao homem que sua fé o salvou--fé em Jesus o levou a voltar para agradecer e acabou em sua salvação eterna.

Houve cura e perdão, saúde física e espiritual. Uma bênção levou a uma bênção maior ainda. Se agradeceu a cura, quanto mais sua gratidão pela salvação? O amor e poder de Deus se encontraram com a obediência e gratidão do homem curado e salvo.

O DIA DO FILHO DO HOMEM

17.20-37

Como viria o reino? A pergunta dos fariseus provavelmente veio de uma noção que o reino de Deus aconteceria por iniciativa humana--por exemplo, quando a nação de Israel seria digna de tal acontecimento.

A resposta de Jesus contradisse esse pensamento: o reino não viria por meios humanos não seria descoberto por observação humana. O reino, sendo de Deus, aconteceria totalmente por ordem divina. Além disso, o Mestre frisou que o reino seria espiritual e interno ao invés de visível e externo. O reino seria o domínio de Deus nos corações e vidas de seres humanos, trazido unicamente por Jesus. Portanto, o reino teria aspecto duplo: "já" (na presença de Jesus e na vida dos discípulos) e "ainda não" (com a volta de Jesus e o juízo final).

O Dia do Senhor

O Senhor Jesus prometeu voltar do céu para terminar o drama humano, porém sem dar previsão de quando. Teria que primeiro voltar ao céu ele mesmo, caminho que o levaria pela morte e ressurreição.

No intervalo, seus discípulos teriam saudades dele, saudades para o fim, para o reino de Deus no céu. Nessa saudade residiria perigo por aceitar boatos falsos sobre a culminação de tudo e sobre a vinda de supostos messias.

A volta dele seria universal e instantânea, visível a todos, tão visível quanto um grande relâmpago indo de uma ponta do céu para a outra. Ninguém perderia--a ordem seria estar preparado. A morte e ressurreição de Jesus garantiriam sua volta, evitando a noção de controle humano sobre o fim. A vitória seria total, porém o preço seria alto: o sofrimento do Mestre.

Paralelos da Antiguidade

Apesar do dia do Senhor ser único em toda a história, Jesus traçou paralelos com duas situações e eventos do Velho Testamento. Em ambos os casos, houve fim repentino, sem aviso imediato e sem tempo para reagir.

O primeiro foi Noé e o dilúvio. A população geral vivia sem preparo espiritual, como se Deus não existisse. E a destruição foi total.

O segundo exemplo dado por Jesus foi o de Ló e a destruição de Sodoma. No meio de imoralidade aterrorizante, Ló demonstrou ser possível crer em Deus e servir seus propósitos. No lado negativo foi o caso da esposa dele que relevou a ordem de Deus e

sofreu a consequência.

O dia do Filho do Homem seria semelhante porque não haveria tempo hábil para fazer o preparo necessário, de cuidar da vida espiritual negligenciada. Aquele dia revelaria para todos o que o evangelho já disse: salvação existiria só em Jesus. Aparente perda nesta vida das "vantagens" do mal levaria ao ganho real da vida eterna. Para ser o Senhor e Salvador no dia final, Jesus precisaria ocupar desde já aquela posição nos corações humanos.

Separação Repentina

O dia final chocaria pela divisão permanente entre salvos e perdidos, entre seguidores de Jesus e rebeldes contra o plano divino. Seria uma separação instantânea, o Senhor levando uns, deixando outros, com o critério sendo o preparo espiritual de cada.

Esse desfecho chocante deveria motivar todos a buscar o reino, preparando-se para o fim. Prontidão espiritual faria a diferença naquele momento quando não haveria mais tempo para arrependimento.

Para aumentar mais ainda a tensão, Jesus usou uma figura esquisita: urubus com carniça. Em outras palavras, a vinda do Filho do Homem aconteceria nos termos descritos pelo Mestre. Não adiantaria outros raciocínios, da mesma forma que toda a filosofia do mundo não poderia afastar os abutres de um corpo morto.

Para hoje fica a realidade: Jesus voltará. Nossa indagação sempre será: estamos prontos? Todas as noções humanistas não mudam a certeza do plano divino.

ORAR SEMPRE

18.1-14

A prática de Jesus era orar sempre. Não deveria surpreender que seu ensino era igual. Se o Filho de Deus orava sem parar, quanto mais seus seguidores.

O Dever

Pensando sobre o fim do mundo (o contexto anterior), o Mestre agora indicou a maneira de estar sempre preparado: oração. Enfatizou persistência e fé em oração. Falou sobre o dever de orar sempre e não esmorecer--tal dever garantiria comunhão constante com o Pai e portanto prontidão espiritual para a volta de Cristo.

Como costume, ilustrou seu ensino com uma parábola; essa vez, uma com dois personagens: um juiz injusto e uma viúva sem amparo. A má vontade do juiz foi vencida pela persistência do viúva. Não tendo qualquer esperança se não pelo julgamento do seu caso, pediu insistentemente. O juiz agiu, não por causa de justiça mas pela importunação da viúva.

Assim, Jesus ensinou o valor de oração constante: se o juiz agiu, quanto mais Deus, o Criador e Sustentador. O argumento foi do menor para o maior--do juizinho ruim para Deus verdadeiro e glorioso! A condição da viúva seria sempre a dos seguidores de Jesus neste mundo, sem defesa senão a ajuda celestial. Deus, sendo fiel, faria tudo por seus filhos. Os discípulos, por sua vez, precisariam de fé e paciência para orar com confiança na resposta divina.

Jesus entendeu que o problema na parábola não seria com o juiz e sim com a viúva: essa poderia cansar e parar de pedir. Da mesma forma, Jesus não se preocupava com a boa vontade de Deus, e, sim, com a possível desistência da igreja dele. Seus seguidores poderiam enganar-se com a aparente demora de Deus e, no lugar de fé e persistência, parar de orar. Fez a pergunta que precisaria de resposta afirmativa da parte dos discípulos: haveria fé na terra no momento da sua segunda vinda?

A Humildade Necessária

Para amplificar o ensino, o Mestre deu mais uma parábola sobre oração. À primeira audição, não parecia ter muito em comum com a história anterior. Era sobre dois homens orando, um religioso e outro afastado de Deus. Contudo, no fundo, houve o mesmo ensino: oração sempre exigiria fé e humildade, acreditando em Deus de acordo com os atributos dele. Orgulho humano impediria qualquer devoção sincera a Deus, bloqueando o canal de comunicação.

Na história, apareceram dois homens para orar: um fariseu, muito bom aos próprios olhos, e um publicano ou cobrador de impostos, humilde e contrito na presença de Deus. Com o exemplo deles, Jesus alertou contra prepotência humana e a favor de confiança total em Deus.

O fariseu aparentemente era um homem bom e muito religioso. Infelizmente, sua religiosidade o enganava porque ele achava que tinha mérito perante Deus. Seus hábitos de jejuar e dar o dízimo iam além dos requisitos da lei, porém criam nele um ar de superioridade que desprezava os outros. Dessa forma, sua oração era dele "para si mesmo", contando para Deus como ele era melhor que os outros, especialmente o cobrador de impostos ao seu lado. Não pedia nada a Deus, por não achar-se necessitado de nada. Portanto, recebeu nada.

Olhando esses dois homens judeus na sua postura normal de oração (de pé), a diferença não seria facilmente visível. Contudo, o segundo nem ousou olhar para cima. Não teve nenhum mérito perante Deus (por ser pecador conhecido) e em humildade só falou uma frase para Deus, pedindo misericórdia e perdão. E, recebeu o que pediu.

Assim, Jesus ensinou oração seria sempre para Deus agir, sem pensar na opinião de outros e muito menos na bondade própria. Como em todas as parábolas, saiu como herói aquele sem qualidades próprias mas com confiança em Deus.

O Princípio de Vida

Concluiu o Mestre com a inversão dos valores do mundo: humildade levaria a exaltação, enquanto exaltação própria traria humilhação. Essa seria a verdade agora e eternamente. O princípio se aplicaria especialmente à oração: o coração humilde receberia resposta, mas o orgulhoso, o repúdio do Senhor. Confiando em si, haveria queda, porém confiando em Deus (e orando dessa forma), haveria condições totais para a vida vitoriosa.

IMPOSSÍVEIS POSSÍVEIS

18.15-30

Cervantes immortalizou Dom Quixote e sua mania de sonhar o sonho impossível. Entretanto, muito antes e na vida real, Jesus possibilitou o impossível, declarando que para Deus tudo seria possível. Essa possibilidade do impossível viria a seres humanos somente por meio do evangelho, seguindo por completo os ensinamentos de Jesus.

Como uma Criança

A maneira de aceitar a ação impossível de Deus seria como uma criança, aceitando sem questionar. Os pais levaram as crianças para Jesus tocá-las. Os discípulos repreenderam a iniciativa, tentando poupar Jesus. E as crianças? Sem ter voz ativa na disputa, acabaram sendo abençoadas por Jesus. Dessa forma, declarou Jesus que o reino de Deus seria das crianças, das pessoas demonstrando a mesma aceitação.

A recepção do reino por adultos deveria ser como se fossem crianças, aceitando as provisões divinas. Com confiança na bondade do Pai, os filhos de Deus entrariam no reino, não por mérito próprio mas por confiança total em Jesus como Senhor absoluto. Nascer de novo, recomeçar a vida, ser como criança: Jesus abriu o único caminho ao céu.

Não Como uma Criança

Logo apareceu o contrário da exigência do Senhor: um homem com tudo, menos obediência à ordem de Jesus. Ao invés de ser como uma criança, mostrou o que não poderia salvar eternamente: posição (autoridade local), riqueza (vantagens materiais) e retidão pessoal (orgulho de obediência aos mandamentos). Rejeitou Jesus e virou as costas triste, porque amou mais sua riqueza do que quis a salvação.

A reação chocada dos discípulos, que igualavam riqueza com bênção de Deus, deu chance para o Senhor explicar de onde (melhor, de quem) viria a salvação. Os fatores positivos seriam confiança em Jesus (e não em si), valorização do reino (e não de dinheiro) e obediência total (mesmo a custo elevado). Quando Jesus ordenou o homem a vender seus bens e dar aos que precisavam, estava indicando a todos o caminho de abnegação radical, de despreendimento completo.

Para crianças, riquezas não seriam nada; para muitos adultos seriam tudo. Observou Jesus a dificuldade espiritual apresentada por ter e valorizar riquezas--o camelo passaria pelo fundo de agulha antes de alguém rico, que não ficasse como crianças, entrar no céu.

Só por Deus

O Mestre mostrou que, felizmente, não seria possível limitar Deus--para ele nunca

haveria impossibilidades. A reação espantada dos discípulos sobre o fracasso do homem rico, importante e piedoso levantou a dúvida: se esse não conseguiu, quem poderia ser salvo? Jesus respondeu com todas as letras: não existiria qualquer dilema por ser Deus a única fonte de salvação. A incapacidade do homem aparentemente tão bem da vida só reforçou a verdade que aquilo que o ser humano não conseguiria Deus providenciaria. A confiança, portanto, não residiria em merecimento humano mas na graça e poder de Deus, aquele que faria o impossível salvando e santificando pecadores. Assim, o Senhor definiu a diferença entre Deus e o homem como quem seria capaz de fazer coisas impossíveis. Pedro não se conteve e adiantou que os apóstolos deixaram tudo para seguir Jesus. Como ficariam? Jesus respondeu com o paradoxo do evangelho. Deixar seria ganhar, não perder--ganhar muitas vezes mais (e de formas diversas) nesta vida e vida eterna no porvir. Enquanto o jovem rico segurou sua fortuna e perdeu sua alma, os apóstolos, como todos os seguidores de Jesus, deixaram tudo e ganharam o privilégio de estar com o Senhor para sempre.

Impossível? Para os homens, sim, mas não para Deus!

GLÓRIA PARA DEUS

18.31-43

Deus criou o homem para louvar ao Senhor. Jesus cumpriu esse propósito: suas palavras e seus atos eram uma adoração ao Pai. Além disso, sua presença na terra motivou as multidões a também louvar Deus. Contudo, o preço de tudo isso foi altíssimo: seu próprio sofrimento e morte.

Sufrimento e Vitória

Mais uma vez Jesus avisou sobre a aproximação do seu sofrimento. Mais uma vez houve falha de entendimento da parte dos seus discípulos, que aumentou mais ainda o sofrimento do Mestre. Depois de avisar sobre a queda de Jerusalém, mostrou que haveria cumprimento total das profecias. O "filho do homem" (título também profético) cumpriria tudo escrito no Velho Testamento. De fato, Jesus fez uma lista de tudo que aconteceria, inclusive a ressurreição.

A falta total de entendimento da parte dos discípulos não anulou a validade do trabalho messiânico. Já estavam de caminho a Jerusalém e estava na hora de entender o que custaria a ele ser o Salvador.

Contudo, não haveria só sofrimento. Viria a ressurreição, a vitória sobre o mal e a morte. O poder de Deus se mostraria maior que o poder maligno. A única possibilidade de derrota surgiria se os discípulos não fizessem a parte deles: proclamar ao mundo a boa notícia de salvação. O Senhor já avisou três vezes; essa foi a quarta. Estava na hora deles entenderem "tudo" sobre Jesus (versículo 31) no lugar do "nada" (versículo 34) de antes (e ainda agora). Precisavam acabar com sua cegueira espiritual e enxergar a realidade messiânica.

Cegueira e Visão

Exemplo de entendimento amplo veio de uma fonte inesperada. Veio da gritaria de um mendigo, vítima de cegueira, pobreza e desprezo. Gritou e gritou mais, externando seu desejo de enxergar e apelando a Jesus como Messias. Incessantemente, pediu misericórdia, chamando Jesus de "Filho de Davi". Esse pedido se encontrou com a boa vontade de Jesus, dando oportunidade para uma grande demonstração do poder de Deus. Jesus incentivou a aproximação do mendigo, abrindo um diálogo sem restrições. Perguntou: "o que quer que eu faça?" e ouviu resposta rápida "que eu possa ver". Num milagre efetuado só por palavras (sem toque ou qualquer outra ação), o Senhor lhe deu sua vista física. Foi milagre imediato e fulminante.

Mais importante foi a visão espiritual do homem. Se antes do milagre já estava usando palavras messiânico para chamar Jesus, quanto mais depois da cura acreditou no Mestre. Sua fé o levou à salvação.

Louvor Duplo

O resultado da mostra do poder e graça de Deus foi louvor. Houve adoração dupla: do homem e da multidão testemunhando tudo isso.

O homem começou a enxergar de duas formas--fisicamente e espiritualmente. Ele viu com os olhos e viu com o coração. Percebendo o milagre, houve a reação correta de louvor a Deus e obediência a Jesus. Ele, que chamava antes Jesus "Filho de Davi", agora entendeu o verdadeiro significado dessas palavras. Viu e seguiu; sua visão espiritual fez ele adorar a Deus com grande entusiasmo.

Todos presentes ficaram impressionados e contagiados pela reação do homem que recebeu o milagre. Também, começaram a louvar a Deus, sabendo que viram grande façanha. Assim, houve louvor maior ainda.

O encontro com Jesus produziu adoração a Deus e reconhecimento da identidade messiânica de Jesus. O Senhor sabia muito bem qual seria o custo de tudo que estava trazendo à humanidade, porém foi muito incentivador para ele, na passagem de Jericó em direção a Jerusalém, ter esses momentos de afirmação.

BUSCAR E SALVAR O PERDIDO

19.1-10

Por que veio Jesus ao mundo? E especialmente, por que sofreu e morreu? Depois de um encontro inusitado, o Senhor mesmo explicou, mostrando a razão de vinda de Deus em forma humana.

A missão de Jesus foi buscar e salvar o perdido. Resgatou por sua morte e ressurreição a humanidade afastada de Deus por causa de pecado. Da mesma forma, o povo de Jesus, sua igreja, continua essa missão de amor e salvação.

Impossíveis dos Homens: Zaqueu

Depois do mendigo cego, o segundo personagem em Jericó também era um caso perdido. Zaqueu, o chefe dos cobradores de impostos e rico por causa da sua desonestidade, seria o último candidato para o reino de Deus (i.e. aos olhos humanos). Não havia nada para recomendar e tudo para desabonar. Contudo, como no caso do cego paupérrimo, também seria no do fraudador rico--Jesus traria justiça e perdão.

Zaqueu teve vontade tremenda de ver Jesus, mas não podia. Não podia ver Jesus por causa da sua altura insuficiente e não podia ver o reino de Deus por causa da sua justiça insuficiente. Era baixinho em todos os sentidos.

Contudo, demonstrou uma boa vontade incrível, um adulto agindo como se fosse criança, subindo numa árvore para compensar sua baixa estatura. Quis de todo jeito ver Jesus e assim cumpriu o ensino do Mestre sobre "receber o reino como criança". Era um pecador querendo contato com o Salvador e, portanto, aceitou de pronto o auto-convite de Jesus de ir na casa dele.

Possíveis para Deus: Jesus

Foi Jesus que possibilitou o impossível na vida de Zaqueu. Foi a percepção e boa vontade do Mestre que transformou a subida infantil de Zaqueu na árvore em conversão espiritual. O Senhor intimou que seria "na sua casa" esse encontro salvador, tendo tempo para um pecador perdido mesmo estando de caminho para sua morte em Jerusalém.

O amor imenso do Salvador se viu em todos os lances: olhou o homenzinho na árvore e não o desprezou; convidou-se para uma casa desconhecida para que houvesse arrependimento; e arriscou sua própria reputação por entrar na casa de um conhecido pecador. A realidade de que "para Deus não haver impossibilidades" veio na vida de Zaqueu na pessoa de Jesus.

Zaqueu reagiu com grande alegria e arrependimento total. Enquanto Jesus não tomou

conhecimento das críticas feitas pelos religiosos dele ter entrado na casa de um pecador, o próprio pecador se converteu. E certamente as repercussões da sua conversão abriu muitos outros corações, outrora fechados contra Deus.

O fruto de arrependimento veio pela resposta espontânea de doar metade da sua fortuna aos pobres e restituir os defraudados quatro vezes mais. Além de praticamente zerar suas riquezas monetárias, Zaqueu ficou mais rico que nunca--rico para Deus e rico em perdão e salvação. Além disso, voltou à sua identidade certa como descendente de Abrão e participante dos resultados das promessas feitas por Deus. Sem sua fortuna fraudulenta, tornou-se herdeiro das riquezas divinas.

Vendo a reação espiritual de Zaqueu, Jesus declarou para todos (inclusive seus críticos): seu propósito de vinda ao mundo foi buscar e salvar os perdidos por causa de pecado. Salvação veio a Zaqueu por ser o alvo do Senhor, alvo cumprido na morte e ressurreição. Saindo de Jericó o Mestre deixou o saldo positivo de salvação e novo propósito de vida. Cumpru sua razão de vir ao mundo, fazendo possível o que para humanidade seria impossível.

A MANIFESTAÇÃO DO REINO

19.11-27

Depois de declarar que veio buscar e salvar o perdido, Jesus contou uma parábola para descrever como seria essa salvação. Sob as condições de sua proximidade a Jerusalém e a iminência do reino, o Mestre fez o que sempre fazia; contou uma história simples com aplicação espiritual. Assim, sua explicação da manifestação do reino ficou clara para todos.

A ida de Jesus a Jerusalém inauguraria o reino de Deus na terra com sua morte, ressurreição e ascensão ao céu e a subsequente descida do Espírito Santo. A expectativa popular com sua euforia poderia iludir os discípulos sobre a natureza do reino. Poderiam imaginar algo físico e político, de origem humana. Precisavam ouvir mais uma vez sobre o plano divino, mesmo esse colidindo-se com as noções dos homens.

O Rei, os Servos e os Inimigos

Jesus descreveu o reino de Deus como um homem que se ausentou do país para tornar-se rei. Na sua ausência, seus servos levariam para frente seus negócios. Infelizmente, houve inimigos que não o queriam como rei. Assim, Jesus, o rei espiritual, explicou tudo acontecendo na sua vida, com a chamada para servi-lo e também a crescente oposição que se culminaria na sua morte em Jerusalém.

O nobre que foi receber o reino deixou dez servos para funcionar na sua ausência, cada um recebendo dele um peso de ouro (chamado "mná"). Sua ordem foi de negociar e lucrar até a volta. Seria tempo de prova para os servos para ver quem poderia atuar no futuro reino. O fato de intriga política de opositores não anularia a ordem dada.

Os dez, cada um com a barra de ouro, tiveram a mesma oportunidade e as mesmas condições. Jesus contou sobre a prestação de contas de três na volta do rei recém-coroadado. O primeiro ganhou dez mnás e seu prêmio foi governar dez cidades. O segundo conseguiu cinco e recebeu autoridade sobre cinco cidades. O terceiro, por medo de falhar, não fez nada, devolvendo o peso de ouro intato como tinha recebido. Na ira do rei, foi condenado por inatividade e perdeu tudo, a mná tirada dele e dada ao que lucrou dez.

Assim, Jesus ensinou a responsabilidade dos seus discípulos serem fiéis e atuantes.

Quando houve objeção daquele com dez receber mais uma, o Mestre sentenciou: quem tinha e usava bem, receberia mais; quem não usava o que tinha, perderia até o que tinha. Ao mesmo tempo da prestação de contas pelos servos, houve tentativa pelos inimigos de

derrubar o novo rei, de tirar o reino dele. Porém, foi um golpe frustrado e o rei, sem vacilar, mandou a destruição total dos rebeldes. Nos dias seguintes, tal afirmação seria importante para os discípulos--os adversários de Jesus pareceriam derrotá-lo, mas a condenação deles foi assegurada. O mal nada podia contra o poder de Deus em Jesus.

Embrulhado num Lenço

Claramente, Jesus seria o rei da parábola e voltaria para a prestação de contas. Apesar de inimigos e opositores, seu reino sairia vitorioso. Havia boas condições para o trabalho produtivo para os servos do rei. Mesmo assim, um ficou parado, paralisado pelo medo de fracasso. Devolveu o peso de ouro, protegido por estar embrulhado num lenço. Ao invés de ouvir parabéns por seu cuidado, ficou destituído de tudo.

A razão da ação do rei foi a expectativa de multiplicação, de receber tudo de volta com lucro. Os colegas do servo rejeitado mostraram as possibilidades com ganhos fabulosos de 1000% e 500%. Conseguiram muito, contudo fariam mais ainda com maiores condições dadas pelo rei.

O servo medroso foi fiel (não perdeu nem usou mal o dinheiro), mas não agiu de acordo com os alvos do rei. De fato, perdeu: a oportunidade de ganhar algo (pelo menos juros) e de ter novas oportunidades dadas pelo rei. Perdeu ganhos para o senhor e perspectivas para ele mesmo como ministro do rei. A sentença do rei fulminou: o servo não agiu e portanto se desqualificou para serviço futuro.

No fim da parábola, Jesus concluiu com o princípio do reino agora e no juízo final: atividade fiel aos desejos do Rei daria aprovação e grandes possibilidades de mais serviço. Inatividade (mesmo sem rebeldia ou oposição) traria perda total. Alguém desejoso de uma vida com significado agora, maiores oportunidades no futuro e vida eterna no céu se esforçaria ao máximo para usar bem o que o Rei lhe confiou.

ENTRADA EM JERUSALÉM

19.28-44

A entrada de Jesus em Jerusalém, como todo o resto da sua vida, cumpriu as profecias messiânicas do Velho Testamento. O que os profetas previram, Jesus foi e fez. Houve menções em termos de rei, profeta e sumo sacerdote, todas cumpridas por Jesus. Foi o Messias ou Cristo (a primeira palavra hebraica, a segunda grega), que quis dizer o ungido ou escolhido de Deus. Sobre sua entrada triunfal, houve cumprimento de profecias sobre o jumentinho, as roupas no caminho, o louvor com a palavra "bendito" e a menção de paz.

Cumprimento

Chegando em Jerusalém, Jesus mandou dois dos seus discípulos para buscar um jumentinho para sua entrada na cidade. Alguém perguntando o porquê, seria suficiente dizer: "O Senhor tem necessidade dele." Fizeram como o Mestre pediu e trouxeram o jumentinho de volta. Forraram o animal e o caminho com suas roupas--seria uma entrada dramática.

Euforia tomou conta dos discípulos, vendo Jerusalém e pensando em tudo que Jesus já fez, especialmente os milagres. Começaram a cantar louvores a Deus, usando palavras do Velho Testamento. Nas palavras dos salmos messiânicos, houve a expressão justa de gratidão pelo que o Pai estava fazendo por meio do Filho.

Por trás dessa entrada triunfal, houve a obediência total de Jesus à vontade de Deus, até nos detalhes. Nas instruções sobre o jumentinho, Jesus aceitou seu papel como Salvador, porque foi profetizada tal entrada do Messias. Aceitou sua missão e mostrou-se claramente como o Cristo. O recebimento dos louvores cantados foi consistente com sua identidade divina.

Uns fariseus pediram para Jesus controlar seus seguidores, não permitindo tais honras serem dadas para ele e assim evitando esses excessos messiânicos. Porém, Jesus não pôde calar a voz da verdade sobre ele--até as pedras criadas por Deus clamariam se os seres não falassem! Portanto, não repreendeu os discípulos e sim os fariseus por estarem contra o plano divino.

Contudo, a entrada em Jerusalém trouxe Jesus face a face com sua morte redentora. Olhando a cidade, ao invés de ficar eufórico, chorou por saber da rejeição dele como enviado de Deus.

Lágrimas

Como Deus e os homens enxergaram de forma diferente a chegada de Jesus em Jerusalém! Enquanto o povo corretamente festejou a chegada do Messias, Deus por meio de Jesus olhou a cidade e chorou. Festa de um lado e lágrimas do outro: festa por salvação e lágrimas por perdição.

Chegando a Jerusalém, Jesus olhou a cidade e chorou sobre ela. Quis que a população soubesse sobre a importância desse dia na história do plano de Deus e sobre como viria a verdadeira paz com Deus. Por ela desprezar o primeiro e portanto não reconhecer o segundo (por meio de Jesus), o Senhor profetizou a destruição da cidade.

Lamentou a oportunidade perdida. Jesus chegou como o Príncipe da Paz (em termos de Salmo 122) e não como general conquistador. Desprezar a paz oferecida levaria à destruição. Entretanto, haveria salvação possível para todos, mas só por meio de Jesus. Infelizmente, as autoridades e a maior parte da população recusaram aceitar o Senhor. Diferente que os discípulos que deixaram tudo para seguir Jesus, a população em geral rebateu a verdade, verdade essa revelada pelo Mestre mas escondida pela falta de fé do povo.

Jesus enxergou todo esse drama quando viu a cidade e, por isso, chorou. Comoveu-se com as consequências da rejeição do evangelho. Chorou porque a cidade o viu como inimigo ao invés do melhor amigo e único Sslvador.

Chorou também por saber das consequências da desobediência. Profetizou a destruição da cidade, destruição tão violenta que não ficaria pedra sobre pedra. Tudo por não aceitar Jesus, por não aproveitar a oportunidade de salvação que ele ofereceu.

Aconteceu esse fato no ano 70: o exército romano literalmente arrasou a cidade. Quem confiou na cidade ou no templo se deu mal. Quem confiou em Jesus venceu tudo com ele. Essa visita de Jesus era a última chance para a cidade, para seus habitantes. Em Jesus Deus visitou seu povo. Se recusado, haveria o que os profetas chamavam "o dia da visitação", o dia de destruição dos ímpios. Por esse motivo, vendo a cidade de Jerusalém, Jesus chorou.

Depois disso, não houve mais lágrimas da parte de Jesus, somente obediência total até à morte. Não chorou por si; com grande coragem entregou sua vida como resgate por muitos.

AUTORIDADE

19.45-20.8

Sua chegada marcante a Jerusalém abriu a última semana da vida de Jesus. Entrando na cidade, foi direto ao templo onde se faziam sacrifícios de acordo com o Velho Testamento. Sua primeira tarefa na cidade foi expulsar os comerciantes que ocupavam a parte exterior do templo.

Coragem Santa

Sem temer nada nem ninguém o Senhor fez uma revolução santa, mandando embora aproveitadores e restaurando os propósitos espirituais do templo para dar louvor a Deus. Proibiu comércio (e até desonestidade) no pátio do templo: venda de animais para sacrifícios e câmbio de dinheiro para pagar o imposto do templo. Corrigiu o desvio do propósito do templo dos que queriam ganho material. Demonstrou mais uma vez ser o Messias, o rei espiritual na casa de Deus.

A reação covarde da elite judaica, motivada por inveja e cobiça, foi o desejo de eliminá-lo. Percebendo o apoio popular dado a Jesus e a perda do lucro fácil, o jeito seria de removê-lo de cena. Melhor seria reconhecer e agradecer a restauração feita pelo Senhor, porém seus interesses pessoais falavam mais alto.

O apoio visível da população dado a Jesus frustrou naquele momento o desejo de tirar a vida dele, porém as autoridades ficariam atentas para um momento propício. Infelizmente, até o fim dessa semana, seu plano diabólico levaria o Mestre a crucificação.

Fonte de Autoridade

O ensino diário de Jesus no templo recebeu a atenção total do povo e aumentou a vontade da elite eliminá-lo. A fama de Jesus como mestre foi reforçada por sua honestidade e sinceridade diante de Deus. Sem pensar sobre a popularidade dele, tinha coragem para dar sempre as respostas certas, mesmo sendo difíceis de aceitação.

Depois de expulsar os comerciantes e ocupar o pátio do templo para ensinar, veio a pergunta chave sobre o tipo e origem de autoridade de Jesus. Com que autoridade fazia e falava e de quem vinha toda essa certeza? A questão, importante em si, infelizmente foi uma artimanha dos seus oponentes, um tipo de emboscada, da qual qualquer resposta desacreditaria Jesus. Com motivação malvada, a tentativa de desmoralizar o Mestre veio de uma delegação com representantes de todos os elementos do Sinédrio, o conselho supremo dos judeus.

Para responder e para sua resposta servir para esclarecer (e não servir aos motivos

mesquinhos dos inimigos), o Senhor fez uma contra-pergunta sobre a origem do batismo de João Batista. Respondendo a essa daria a resposta à primeira pergunta: tudo veio de Deus, tanto a missão de João quanto a de Jesus. A tática genial de Jesus abriu a porta para o verdadeiro entendimento, pelo fato de João preparar o caminho para Jesus e os dois fazerem partes do plano divino.

Veio uma resposta política e triste: "não sabemos". Não poderiam responder a verdade porque rejeitaram a mensagem de João Batista e recusaram a exigência de arrependimento para serem batizados. Entretanto, temiam a reação popular por causa da reputação santa de João. Nesse impasse político, sem poder falar a verdade sem mostrar seu erro em rejeitar o batismo, mentiram, desconversando como se fossem ignorantes sobre a vida religiosa. No lugar de sinceridade, recusaram dizer a verdade. Sua hipocrisia foi total por saber que qualquer resposta ("de Deus" ou "dos homens") traria consequências severas. Dessa forma, perderam a chance dourada de salvação, deixando de lado a hipocrisia para aceitar a verdade sincera de Jesus.

Nesse ambiente de falsidade, Jesus agiu com sabedoria e também não deu uma resposta imediata, algo que poderia ser usado contra ele e contra o plano divino. De fato, respondeu com clareza total na parábola seguinte que de uma forma artística narraria a história de Israel e especialmente o tratamento negativo dado ao Mestre.

Até o dia de hoje, perdura a pergunta da autoridade de Jesus e a resposta é crucial para a salvação individual. Cada pessoa, com coragem e sinceridade, precisa afirmar que a autoridade de Jesus é celestial e portanto total sobre a vida humana. Na base dessa autoridade, a pessoa toma a decisão de ser discípulo de Jesus, batizando-se com o firme propósito de segui-lo o resto da sua vida.

O QUE FARÁ O DONO?

20.9-26

Depois de testemunhar a conversa anterior entre Jesus e as autoridades judaicas, a multidão ouviu mais uma parábola para ajudar seu entendimento de tudo que estava acontecendo. A parábola fulminante veio depois de rejeição maliciosa e hipócrita da verdade. A avaliação da história contada abriria as mentes dos presentes para perceber a importância de Jesus e o significado dos eventos trágicos dos próximos dias.

A Parábola

Na história, o dono de uma vinha a arrendou e viajou para o exterior. Três vezes mandou servos para receber o aluguel combinado e cada vez a tentativa foi frustrada, as últimas duas, com violência da parte dos inquilinos. Na quarta vez, mandou seu próprio filho com certeza dos lavradores respeitarem-no. Porém, os maus enxergaram a oportunidade de roubar as terras (por serem posseiros) e mataram o herdeiro. A reação do dono foi vingança total e arrendamento para outros que pagariam corretamente.

A multidão entendeu o recado e protestou: "Que nunca aconteça isso!" Foi a maneira do Mestre contar a história humana e seu papel fundamental como Filho de Deus enviado ao mundo. A rejeição iminente e a morte dele seria tragédia; bem melhor seria aceitação e obediência, "pagando o devido" de acordo com a parábola.

Pelo contexto bíblico, a parábola tratou da situação de Israel, o povo de Deus do Velho Testamento. A vinha seria o povo de Israel; os lavradores, as autoridades que usurpam a nação; os servos enviados, os profetas; o filho, o próprio Jesus; e a rejeição e passagem para outros, a pregação do evangelho a todas as nações.

Ensinou uma revolução espiritual, com efeitos drásticos para Israel. A citação da frase sobre a pedra principal sendo rejeitada aumentou a noção do rumo errado dos judeus. Ao mesmo tempo, a violência da colisão com ela mostrou que haveria mudanças drásticas. Caindo em cima da pedra ou a pedra esmagando, de qualquer forma a rejeição de Jesus traria destruição espiritual.

Infelizmente, a reação imediata das autoridades foi a vontade de prender Jesus.

Perceberam, com razão, que eram o alvo da parábola. Não querendo arrepender-se de acordo com a mensagem, queriam se livrar do mensageiro. Porém, receio da reação popular os freou e, portanto, tentaram desmoralizar Jesus por uma questão impossível de responder. Tentaram mas não conseguiram porque o plano e verdade de Deus triunfou.

O Ardil

Depois de ouvir uma parábola tão contundente, deveria haver arrependimento para que o desfecho não acontecesse. No lugar disso, os contra Jesus armaram um ardil, uma armadilha para confundir e desacreditar o Mestre. Esses espertos presunçosos confiaram que seu raciocínio seria demais para um simples carpinteiro.

A armadilha começou com um elogio verdadeiro, mas hipócrita sobre a isenção e honradez de Jesus. Serviu para introduzir uma pergunta impossível para responder, uma trama verbal e lógica impossível para Jesus escapar. Foi a pergunta perfeita dos inimigos sobre pagar ou não pagar impostos romanos, não que quisessem saber mas que desejaram ver o Mestre quebrar a cara. Jesus não teria como responder devido a opressão romana sobre qualquer sinal de rebeldia e, por outro lado, a impopularidade dos impostos na população judaica. Ou, sairia contra os romanos e a favor do povo ou a favor dos romanos e contra os interesses dos israelitas.

Engano total porque Jesus sempre teria como responder por falar somente a verdade. Não daria uma resposta política; deu a resposta certa. O imposto romano sobre cada judeu era extremamente impopular por simbolizar o domínio estrangeiro. A expectativa messiânica por um libertador nacional aliada à agitação política contra os romanos deveriam pressionar o Mestre a dizer o que todos queriam ouvir (i.e. todos, menos os romanos!). O que diria: não, não paga (satisfazendo os anseios do povo) ou, sim, paga (evitando atritos com o império romano)?

A resposta perfeita dada por Jesus começou com o pedido de alguém mostrar-lhe uma moeda. A moeda aceita sem restrições para o comércio era romana, com a cara do imperador. (A pobreza de Jesus era tanta que não possuía moeda para mostrar; tinha de pedir para alguém que tinha). A posse e uso da moeda implicava responsabilidade fiscal--aproveitar os benefícios dados pelo regime romano era também aceitar sustentá-lo. O Senhor respondeu que as coisas de César seriam de César e as de Deus, de Deus. Não que fossem iguais porque as coisas de Deus seriam bem maiores, mas que houvesse responsabilidade social e também espiritual. Cidadania responsável reconheceria a função de governo dada por Deus, porém Deus viria sempre em primeiro lugar. Não haveria paridade entre César e Deus; a superioridade de Deus e do reino espiritual chamaria louvor e obediência total só para o Altíssimo.

Portanto, não haveria contradição entre pagar impostos e devotar-se totalmente a Deus. Em silêncio boquiaberto, os opositores viram sua estratégia perfeita frustrada. Como na parábola anterior, não havendo como derrotar o plano de Deus, melhor seria aceitar, arrepender-se e obedecer.

QUESTÕES REVELADORAS

20.27-44

Os desafios para Jesus não pararam. Os saduceus, outro partido religioso judeu, apresentaram um caso perfeito para desacreditar o Mestre e, ao mesmo tempo, atacar seus desafetos, os fariseus. Os saduceus não acreditavam em ressurreição (por não ser mencionada nos primeiros cinco livros da Bíblia), algo que os fariseus achavam possível e que Jesus experimentaria no próximo domingo. A armadilha foi armada por mostrar a impossibilidade de vida após morte, um caso hipotético que, sem dúvida, antes de Jesus, sempre deixava os interlocutores sem palavras.

O Caso dos Sete Irmãos

A vinda de Jesus revelou com clareza a vontade de Deus. Seria confiar nessa verdade ao invés de conhecimento e raciocínio humano. O caso apresentado pelos saduceus foi exemplo perfeito do choque entre a lógica dos homens e a revelação divina.

Partindo da importância de manter vivo o nome de um homem, houve na lei de Moisés casamento levirato, no qual o irmão de um falecido casaria com a viúva e o filho resultante dessa união levaria o nome do morto. Os saduceus tentaram colocar Jesus contra Moisés com o intuito de desacreditar o carpinteiro de Nazaré.

O caso, usado com sucesso na polêmica com os fariseus sobre a ressurreição, narrou a história de sete irmãos. O irmão mais velho casou mas morreu antes de ter filho.

Seguindo a lei do levirato, um por um os outros irmãos casaram-se com a viúva, todos morrendo antes de ter filho. Todos os sete eram marido da mulher, mas nenhum se destacou por procriar. Com a morte da mulher, a pergunta impossível de responder era de quem seria esposa na ressurreição, sendo, de fato, esposa de todos os sete. A impossibilidade de responder a essa pergunta demonstraria também a impossibilidade de haver ressurreição. A lógica humana mostraria de que Deus seria capaz.

Contudo, Jesus deu a resposta tida como impossível: desmontou a armadilha com a verdade sobre Deus. Respondeu que casamento (e tudo mais da vida física), sendo deste mundo, não faria parte da vida eterna. Na ressurreição, os salvos ficariam transformados em seres celestiais como Deus e seus anjos. Não havendo vida física e, muito menos, casamento no céu, a pergunta supostamente impossível de responder se tornou nula e sem nexos. A questão não seria de quem a mulher seria esposa; a questão seria quais dos oito teriam a salvação.

A resposta de Jesus enfatizou a diferença entre esta vida e a vida porvir. O Mestre sabia

que neste mundo a morte reinava; eis, a necessidade de casamento e reprodução humana. Na existência futura sem morte, não haveria essa necessidade, os ressurretos tendo vida como os anjos (seres espirituais).

Jesus continuou sua resposta apelando para o poder de Deus que superaria a morte, mantendo comunhão com os salvos. Citando passagem do Velho Testamento, lembrou as palavras de Deus a Moisés sobre ser o Deus dos patriarcas todos mortos mas com verbo no tempo presente. Deus não era o Deus deles; ele é e sempre será porque Deus é eterno, não afetado por morte. A comunhão com Deus seria perpétua, provando a necessidade de ressurreição e a impossibilidade de morte afastar o ser humano de Deus. Mesmo depois da morte, haveria vida espiritual com Deus.

Assim, o caso perfeito dos saduceus falhou na sua tentativa de pôr Jesus em contradição. Porém, serviu para mostrar o poder e a glória de Deus. Até os oponentes concordaram, admitindo que Jesus: respondeu bem. E não perguntaram mais nada por ser inútil tentar confundir o Mestre.

O Filho de Davi

Mantendo seu jeito verdadeiro de ser, Jesus virou a mesa e fez uma pergunta impossível de responder, impossível a não ser que as pessoas aceitassem a verdade sobre ele. Citando Salmo 110.1 perguntou: como poderia o filho de Davi ser o Senhor dele? Como poderia ser da sua descendência mas superior a ele? O Messias, filho de Davi, seria também seu Senhor. Qual seria a verdade: filho ou Senhor? Como sempre Jesus surpreendeu porque a resposta certa seria ambos; o filho de Davi também seria o Filho de Deus.

Jesus afirmaria a mesma coisa no seu julgamento e os inimigos chamariam a resposta de blasfêmia. Não seria blasfêmia; seria o Novo Testamento cumprindo o Velho.

Na pessoa de alguém aparentemente tão simples quanto Jesus, ficou visível a superioridade do divino sobre o humano. Não eram qualidades humanas que recomendariam o Senhor, eram sua obediência e fidelidade ao plano de Deus. Com ele, haveria a rejeição de nacionalismo, de ver no Messias o libertador militar como Davi. Jesus era maior ainda porque daria a libertação espiritual (perdão de pecados) para todos os povos e não só Israel.

Assim terminou a série de questões reveladoras--revelando a essência do reino e do rei. A verdade de Deus triunfou brilhantemente..

HIPOCRISIA E SINCERIDADE

20.45-21.4

Para Jesus, hipocrisia e insinceridade eram pragas espirituais. Depois da série de questões respondidas magistralmente pelo Mestre, poderia deixar a impressão que a vida espiritual fosse de palavras e raciocínios. Para o Senhor, o essencial seria sempre ação, obediência ativa à vontade de Deus.

Hipocrisia

Chamando seus discípulos para uma explicação especial, o Mestre os alertou contra o perigo de religiosidade visível. Haveria sempre a tendência de ficar nas aparências, visando a audiência humana no lugar da divina. A tentação de vaidade espiritual derrubaria o menos avisado. Entre sintomas de religiosidade externa (sem a parte interna do coração) seriam ênfase nas aparências, competição pelos primeiros lugares e práticas espirituais para mascarar atos errados.

O alerta contra hipocrisia citou os escribas, que sabiam muito mas utilizavam esse conhecimento para fins egoístas. O público os achava bons e retos, porém Deus sabia a verdade sobre eles. O Mestre deixou claro que essa vaidade e interesse pessoal seriam punidos.

Portanto, Jesus chamou a atenção dos seus discípulos na presença da multidão e incentivou a disciplina espiritual genuína. Valorizou a vida espiritual perante Deus acima de qualquer ganho pessoal ou financeiro.

Sinceridade

De repente, apareceu um exemplo perfeito para ilustrar o ensino do Mestre. Oferecendo contraste total à hipocrisia dos mestres da lei veio uma viúva anônima que somente Jesus reparou. Enquanto os ricos estavam depositando rios de dinheiro no tesouro do templo, ela ofertou duas moedas pequenas, quase sem valor financeiro. O Senhor avaliou o quase nada dela sendo mais que as ofertas volumosas dos ricos.

A diferença veio do íntimo das pessoas. Enquanto os ricos davam as sobras (mesmo sendo bastante), a viúva deu tudo que tinha (mesmo sendo muito pouco). A questão foi sinceridade para com Deus--a mulher valorizou a pessoa do Criador com um presente digno dele, porém os outros davam quase uma gorjeta como se Deus fosse mais um dos seus muitos servos.

O contraste total chamou a atenção do Mestre. De um lado, os ricos dando muito que acabou sendo menos que a mulher porque era das sobras das suas fortunas. Do outro a

viúva dando só duas moedas que acabou sendo tanto porque era tudo o que tinha. Literalmente, Jesus falou que ela deu toda sua vida, a palavra denotando todo seu sustento material. Assim, mais seria menos e menos, mais--devoção total a Deus superando aparências religiosas.

Forma ou Conteúdo?

O alerta feito por Jesus com o episódio posterior serviu para enfatizar a grande diferença entre forma e conteúdo. Forma seria a parte visível enquanto o conteúdo, a condição invisível do coração. O conteúdo sempre teria ascendência porque a consciência perfeita perante Deus formataria a vida da pessoa de acordo com a vontade do Senhor.

FICAR FIRME

21.5-24

A chave de salvação, declarou Jesus, seria perseverança, a qualidade de ficar fiel a ele apesar da situação da vida. Ignorando desvios doutrinários e pressões mundanas, o discípulo olharia só para o Mestre, tendo a certeza de salvação. A volta do Senhor terminaria perfeitamente bem todo o drama do plano eterno de Deus.

Esse ensino surgiu na última semana da vida de Jesus enquanto ele ensinava no pátio do templo em Jerusalém. Alguém fez comentário sobre a beleza do prédio do templo e o Senhor fez um pronunciamento chocante. Profetizou que não ficaria pedra sobre pedra, que haveria a destruição de Jerusalém. Com a pergunta dos ouvintes de quando isso aconteceria, começou um ensino precioso de Jesus sobre o futuro e, mais importante, sobre perseverança no presente.

Sinais Verdadeiros e Falsos

Respondendo à pergunta sobre a cronologia, Jesus deu uma indicação segura e vários alertas contra indicadores falsos e, principalmente, contra enganadores iludindo aos fiéis. O anúncio verdadeiro foi que haveria a destruição do templo (e da cidade de Jerusalém) antes da volta de Jesus e o fim do mundo. Essa profecia se cumpriu quatro décadas depois no ano de 70 quando os romanos arrasaram a cidade, literalmente não deixando pedra sobre pedra. (As pedras mencionadas eram, de fato, admiráveis, uns de até dez metros de comprimento.) Essa destruição não seria o fim porém o início do fim, a consequência da rejeição da graça de Deus apresentada por Jesus.

O Senhor alertou contra os enganadores e enganos. Especialmente falou da tendência de achar catástrofes e guerras o fim, ou, pelo menos, indicações da vinda do fim. Porém, nem catástrofes nem eventos bélicos trariam o desfecho final; fariam sempre parte da existência humana nesse planeta.

Contra boatos da volta dele, o Mestre avisou sobre sinais falsos. Não ajudaria em nada tentar adivinhar a data, mas daria resultado certo ficar em estado permanente de prontidão. Isso ficaria difícil por causa da oposição desanimadora da sociedade e até da família. Sofrimento emocional e também perseguição física acompanhariam sempre os discípulos, não sendo sinal do fim mas sinal de ser discípulos. Ao invés de ser negativo, tal sofrimento ofereceria oportunidade de glorificar a Deus por meio de fidelidade pessoal e comunicação verbal do evangelho a outros.

Perseguição, apesar de ser desagradável, apresentaria oportunidades para testemunho por

palavras e atitudes. Jesus prometewu aos seguidores a resposta certa na hora certa, resposta essa, irresistível e não controvertida (i.e. como se fosse o próprio Jesus respondendo). A parte dos discípulos seria ficar firmes, aguentando todas as pressões e atos de violência.

Traídos por familiares e amigos, odiados até a morte, porém protegidos por Deus, tal seria a condição de ser discípulo de Jesus. Portanto, haveria a chave para sobrevivência espiritual: a perseverança. Assim, Jesus ensinou a primazia espiritual com Deus sendo maior que os desastres ou perseguições. A tarefa da igreja, do povo de Jesus, seria sempre de ficar firme, servindo ao Senhor. A bênção divina incluiria palavras certas e sabedoria para viver dignamente. Dessa forma, a espera pela volta de Cristo ficaria sem ilusões nem pressão devastadora, confiando plenamente em Deus.

Destruição de Jerusalém

A certeza da volta de Jesus se garantiria pela queda futura da cidade de Jerusalém e a ruína total do templo. Dessa forma, Jesus respondeu à pergunta de quando aconteceria tudo: haveria a destruição da cidade (que aconteceu no ano 70) seguida pelo fim do mundo (ainda porvir). Aconteceria um e depois o outro.

O Mestre alertou contra o messianismo falso que nem salvaria a cidade dos romanos muito menos daria a salvação eterna. Avisou de fugir da cidade vendo-a sitiada. A rejeição de Jesus pela nação de Israel traria essas consequências; entretanto, na história, houve quarente anos para arrependimento para estar entre os salvos ao invés dos massacrados. "O tempo dos gentios" simbolizaria, portanto, não só destruição como também salvação pela pregação do evangelho.

O recado para modernos é o mesmo dado pelo Senhor aos seus contemporâneos: não há mais nada a esperar (Jerusalém caiu faz muito tempo); a volta de Jesus acontecerá em qualquer momento, sem qualquer outro sinal ou aviso.

DE CABEÇA ERGUIDA

21.25-36

A volta de Jesus será a glória do discípulo; será sua vitória, sua vindicação. Por isso, enquanto o mundo ficar aterrorizado com os acontecimentos, o povo de Jesus exultará e ficará de cabeça erguida para ver o Senhor.

O Fim (e a Vitória)

O Mestre, usando linguagem mirabolante, descreveu a convulsão cósmica que faria parte da sua volta, do fim do mundo e o início total do reino de Deus no céu. A destruição de Jerusalém mostraria que a capital do reino não seria terrestre porém celestial. Quanto tempo de intervalo entre o fim do templo e o fim do mundo, Jesus não informou, sendo assunto exclusivo do Pai.

O Senhor contou sobre o colapso total e instantâneo do universo, com as forças de natureza fora de controle. Quando a população mundial comesse a esboçar uma reação de temor e, depois, terror, apreciaria Jesus, sinalizando o fim do mundo e o fim do conceito de tempo.

A volta de Cristo terminaria o caos do fim dos tempos. Com grande poder e glória, Jesus seria visto como Senhor vitorioso e haveria a ressurreição dos mortos e a transformação dos vivos para o que a Bíblia chama de "corpos espirituais."

Com a volta de Jesus, compartilhariam a vitória todos seus discípulos. Cumpririam-se todas as promessas e todas as esperanças. De repente, no lugar de perseguição e pressão, os cristãos seriam vitoriosos por completo, com alegria total. Nada de cabisbaixos, os discípulos com cabeças erguidas veriam e estariam com o Senhor, exatamente como sempre acreditavam e esperavam. Sua redenção seria motivo de somente alegria e não de terror como no caso dos perdidos.

A Parábola da Figueira

O Mestre contou a parábola da figueira para ensinar prontidão espiritual. Sabendo que folhas verdes seriam indicação da chegada do verão, os discípulos deveriam também perceber a proximidade do reino de Deus e, portanto, ficar cheios de esperança. O reino próximo era uma realidade por causa da cruz, da ressurreição e do dia de Pentecoste, tudo nos próximos dois meses. Além disso, pessoas presentes ainda estariam vivas para testemunhar a destruição de Jerusalém. Todas as coisas preditas por Jesus incentivariam a firmeza na fé.

Como numa figueira (e, de fato, todas árvores decíduas num clima de inverno frio como

Palestina), folhas verdes garantiriam o verão e, da mesma forma, as coisas citadas por Jesus indicariam a chegada do reino dentro da geração presente. Como saldo extremamente importante, tudo no mundo físico passaria, porém a palavra dele ficaria para a eternidade. Assim, preocupação sobre a vida mundana enganaria por não estar focada no fim desse mundo e na única esperança de vida eterna.

As palavras de Jesus seriam permanentes no meio do colapso de tudo. A parábola mostrou que tudo caminharia como Deus ordenou: o verão depois da primavera, a destruição de Jerusalém depois do sítio da cidade e a volta de Jesus depois da queda de Jerusalém.

Jesus deu como postura espiritual os verbos vigiar e orar. Vigilância espiritual por meio de olhar a realidade e pedir bênçãos a Deus deixaria os discípulos sempre preparados, prontos para a volta do Senhor. Evitar desgraças e participar da salvação se resultariam dessa postura. Nada de relaxamento, descuido ou ansiedade tola e tudo de obediência e valorização do reino.

Orar a Deus e vigiar a situação pessoal traria confiança perante o Senhor. A vinda repentina com o julgamento do estado das pessoas naquele momento, ao invés de trazer terror, seria motivação positiva por estar andando no caminho certo. Sem saber o momento exato da volta de Cristo, o discípulo saberia o mais importante: que a volta triunfante e salvadora de Jesus estaria garantida por sua palavra eterna.

MADRUGANDO PARA ESTAR COM JESUS

21.37-22.6

"Busquem em primeiro lugar o reino de Deus," assim sempre ensinava Jesus. Na última semana da sua vida, o povo literalmente fez isso, acordando cedo e indo à praça do templo para ouvir o ensino do Mestre. A multidão mostrou nesses dias o que deveria sempre caracterizou a vida: a preferência permanente pelas coisas de Deus.

Motivos

Naquela semana, o Mestre passou os dias ensinando em Jerusalém e as noites no Monte das Oliveiras, um pouco fora dos muros da cidade. Os apóstolos, inclusive Judas, acompanhavam todo esse movimento. O povo chegava cedo todos os dias para ouvir seu ensino cativante.

Por que é que queriam tanto ouvi-lo? Aparentemente, estavam começando a perceber a identidade verdadeira de Jesus e, além disso, o ensino dele sempre batia certo com a realidade humana. Estavam entendendo, sem grande clareza, que a presença de Jesus era a encarnação única de Deus em toda a história humana. Havia algo muito especial sobre esse carpinteiro de Nazaré.

De fato, na pessoa de Jesus, Deus estava em forma humana. O impossível aconteceu: o divino se tornou humano. Foi a revelação visível de Deus. Surpreendeu por ser uma pessoa tão simples e pobre, uma pessoa que na última semana da sua vida dormia ao ar livre.

Mais ainda, cresceu a expectativa popular sobre Jesus por ser a semana da Páscoa, a última Festa dos Pães Asmos da sua vida. Como a Páscoa celebrava a ação de Deus libertando o povo de Israel da escravidão no Egito, poderia haver a sensação que o Senhor agiria de novo com uma nova libertação. Provavelmente no imaginário popular, essa libertação seria do domínio romano, enquanto o Senhor providenciaria salvação de todos os males.

Por outro lado, uns estavam presentes por motivos sinistros. Estavam tramando a morte de Jesus e procuravam oportunidade para cumprir seu plano maligno. Entretanto, a presença da multidão de peregrinos para a Páscoa, ávidos para ouvir o ensino do Mestre, temperou sua maldade com receio de motim popular se tentassem levar Jesus a força.

Traição

A oportunidade de silenciar Jesus chegou por um meio escuso, a traição. Quando todas as outras tentativas falharam, as autoridades judaicas conseguiram subornar um dos doze

para entregar-lhes o Mestre. Judas aceitou a tentação do diabo para fazer mal àquele que só fazia o bem. Traição, uma das palavras mais feias da língua humana, levou Jesus a sua morte e Judas a sua ruína espiritual.

A necessidade da traição veio da presença das multidões, centenas de milhares de peregrinos presentes em Jerusalém para a Páscoa, todos com vontade para ver e ouvir Jesus. Sua curiosidade e desejo espiritual juntando com a crescente fama de Jesus fez impossível simplesmente eliminá-lo. O apoio popular impediria uma prisão aberta; algo escondido seria necessário. O pacto com Judas resolveu o dilema: o discípulo entregaria seu Mestre num local e horário longe dos curiosos. O plano sinistro entre Judas, as autoridades e os comandantes da guarda do templo alegrou os governantes por resolver o "problema" chamado Jesus de Nazaré.

A fonte da traição foi satânica. Judas aceitou um pagamento em dinheiro para entregar seu Senhor. Foi um acordo consciente dele--o diabo não o forçou; ele aceitou livremente as condições malignas. Esperou o momento certo para levar os guardas para prender Jesus, sem a presença das multidões.

Qual foi a razão da ação diabólica de Judas? Apesar de não haver resposta exata, duas tendências sobressairam. Primeiro, Judas perdeu sua fé em Jesus como Messias, porque um discípulo fiel nunca seria capaz de tanta repulsa. Por não valorizar a salvação eterna, achou as moedas melhores que nada. Segundo, em toda probabilidade, Judas quis forçar a mão de Jesus, empurrando-o a agir (talvez como libertador físico dos judeus). Impaciente com a falta de ação de Jesus, desejou ver o Mestre reagir contra as forças hostis.

Sem explicação no texto do evangelho, a traição de Jesus por Judas mostrou o resultado de aceitar a tentação do diabo. Ao invés de confiar no plano de Deus revelado por Jesus, Judas tentou acertar por meios humanos e, pior, deixou-se ser influenciado pelo maligno.

A ÚLTIMA PASCOA

22.7-23

Jesus quis muito comer a refeição da Páscoa com seus discípulos mais chegados. Seria sua última na terra, pois morreria no dia seguinte. De fato, seria a última Páscoa com motivo espiritual porque com sua morte e ressurreição haveria o fim do Velho Testamento (da qual a Páscoa fazia parte) e o início do Novo Testamento. Apesar de ser a última Páscoa (da sua vida e da lei de Moisés), Jesus não deixou um vácuo espiritual--iniciou sua própria ceia, aproveitando dois itens do cardápio da Páscoa.

A Última e a Primeira

A última Páscoa seguiu o roteiro de sempre com um cálice de vinho, ervas amargas, outro cálice, cordeiro assado com pão sem fermento e o último cálice, terminando com salmos cantados. Jesus, ocupando o papel do dono da casa e pai de família, explicou o significado de cada parte e acrescentou os novos elementos que viriam por causa da morte e ressurreição.

O Senhor ficou com vontade incrível de tomar essa refeição, tamanho sua importância (no texto, Jesus disse literalmente: "desejei com desejo"). Mandou Pedro e João para cuidar dos preparativos numa sobreloja mobiliada para a ocasião, gentilmente cedida pelo dono. Pareceu tudo já combinado ou talvez divinamente ordenado porque o grupo de treze homens sem lugar para dormir agora tinham tudo pronto para a refeição mais importante das suas vidas. Seria o ponto de partida para os eventos que cumpririam o plano de Deus para salvação eterna, o momento crucial no plano divino.

Jesus, como judeu do Velho Testamento, celebrou a Páscoa todos os anos. Os arranjos mantidos em segredo e executados por só dois dos doze talvez fossem por causa da trama dos inimigos (para Judas não ficar sabendo) e assim garantir a realização. Dessa forma, o Senhor cumpriu a lei em todos seus detalhes e protagonizou a mudança das alianças entre Deus e o homem. Assim, a grande importância legal e pessoal para Jesus dessa Páscoa. Durante a refeição, o Mestre apropriou o pão e o vinho para instituir uma nova refeição memorial. Enquanto a Páscoa lembrava a libertação de Israel da escravidão egípcia, a ceia do Senhor Jesus seria tomada em memória dele: o pão lembrando seu corpo pregado na cruz e o vinho, seu sangue derramado. Nas instruções, enfatizou que essa ceia simbolizaria a nova aliança possibilitada por seu sacrifício. E ordenou sua repetição por seus seguidores com esse significado exato até sua volta.

Uns detalhes: como costume, reclinaram à mesa (não usava cadeiras); o primeiro cálice

iniciou a última Páscoa do Velho Testamento e o pão e o vinho, a primeira ceia do Novo Testamento; o pão e o vinho receberam seu novo significado pela frase: "em memória de mim"; "novo" do Novo Testamento veio do fato novo da morte e ressurreição.

Traição à Mesa

Tudo isso foi feito na presença do traidor. Judas participou da Páscoa com Jesus e os outros, ouviu tudo que Jesus disse, mas não mudou de idéia. Sua presença reforçou a realidade do sofrimento previsto pelo Senhor--quando falou do seu corpo e sangue aquele que desencadearia todo o processo esteve à mesa. Nesse confronto, houve comprovação do fato que a morte de Jesus foi do justo pelos injustos.

O ambiente espiritual e sublime (cumprindo a desejo forte de Jesus) foi estragado pela presença do traidor, provocando dor no coração do Mestre--dor que levaria à dor maior no dia seguinte. Contudo, não houve derrota pela maldade mas a vitória do amor e do plano de Deus.

Judas aumentou sua culpa por silenciosamente participar da comunhão da mesa, escondendo de todos menos Jesus seu alvo malvado. Quando declarou a presença do traidor, o Senhor fez o último apelo a Judas para arrepender-se. O silêncio dele selou sua escolha do mal contra o amor de Deus, num exercício desastroso de livre arbítrio.

O aviso por Jesus deixou dois sabedores e onze atônitos. Todos perguntaram: quem?

Judas se calou e o Senhor conseguiu subjugar seus sentimentos humanos de perda e vingança ao plano maior traçado por Deus. Não sentiu pena de si mesmo mas pelo traidor que estava perdendo sua salvação.

O contraste entre Jesus e Judas demonstrou claramente que o bom seria sempre o plano de Deus e o ruim (e a ruína), o mal contra aqueles desígnios. O traidor tentou mas não conseguiu parar a ação do amor de Deus.

MAIOR OU MENOR

22.24-38

No momento tenso quando houve menção do traidor, surgiu uma discussão inapropriada e inútil sobre quem seria o maior entre os discípulos. O assunto mudou de quem era o traidor a quem era o maior, de quem era o pior para quem era o melhor. Quanta paciência demonstrou o Mestre com essa falta de sensibilidade. Sem irritação ou chateação (mostrando ao mesmo tempo a perdição humana e o perdão divino), Jesus deu, como costume, ensino forte e claro.

Princípio de Serviço

Ser o maior não ficaria decidido segundo os padrões do mundo. De fato, Jesus descartou o jeito mundano--exercício de autoridade por meio de coerção, pressão ou violência não faria parte do reino de Deus. O Senhor negou a premissa costumeira do servido ser maior do que o servo. Inverteu os papéis, dizendo que o grande seria o menor ou servo. Como exemplo, deu seu próprio caso: ele, o grande Senhor e Salvador, servindo os outros inclusive com sua morte sacrificial.

O Mestre exigiu esse modelo de serviço. Não seria opção ser o servo de todos; seria a exigência do reino. Se houvesse nesse momento tal conceito entre os apóstolos, estariam focalizados nos eventos cruciais do plano de Deus e não num debate fútil sobre o maior entre eles. O reino de Deus venceria por causa da abnegação e altruísmo de todos os seguidores de Jesus.

O Mestre deueu seu próprio exemplo como paradigma: ele, o maior, servia mais que todos. Servir seria confiar em Deus e não em meios humanos. Não poderia haver mais contraste do que entre Jesus e Judas: um, o servo sofredor, e o outro, o esperto aproveitador.

Também, assegurou o galardão para os servos. Andar com Jesus e com seu jeito de vida garantiria estar com ele para sempre. Honrar o Senhor com imitação do seu estilo de serviço traria honra eterna para o discípulo. Ao invés de tentar garantir por meios humanos de ascendência, o fiel a Jesus confiaria no caminho de serviço humilde (mesmo em tribulação) e teria seu lugar no reino assegurado. Haveria a honra de julgar Israel--não por autoridade pessoal mas por seu exemplo simples de serviço (os iguais a Jesus e eles, salvos, os diferentes, perdidos).

Trigo Peneirado

Do pensamento sobre perseverança e vitória por meio de serviço, Jesus mudou para o

assunto de fraqueza e derrota por causa de covardia. Advertiu Pedro (por nome) e todos os outros (pronome no plural). Usou a figura de expressão de peneirar para separar o trigo da palha no momento da colheita e, portanto, o discípulos fiel do mundano infiel no juízo final.

O alerta ficou mais importante porque o adversário usaria uma falsa colheita para atrapalhar a verdadeira. Mexendo com tudo, Satanás enganaria por trocar trigo por palha. Reclamaria as almas dos fiéis como se tivesse tal autoridade (como conseguiu com Judas), porém o Senhor garantiria a salvação de todos os não enganados. Assim, tentação viria sempre de Satanás e nunca de Deus. Jesus prometeu orar por seus discípulos, mostrando que ele e não o diabo seria o verdadeiro dono da colheita.

Jesus falou para "vocês" e "você": provação de todos os apóstolos e a fuga de todos e tentação maior para Pedro e a negação covarde. Se ouvissem o diabo, seu medo e infidelidade levaria a desânimo e desvio, porém se voltassem para Jesus, a mesma infidelidade infeliz conduziria a arrependimento e obediência.

O Senhor prometeu orar por Pedro para que sua fé fosse suficiente para aguentar o baque da negação, para que sua queda o levasse a ter força para ajudar outros. O protesto de Pedro ("estou pronto para tudo") recebeu a profecia sobre a negação--não seria a força humana mas a graça de Deus que daria a vitória.

Duas Espadas

Tanta incerteza poderia tirar a confiança dos discípulos, porém o Mestre tratou de aumentar ainda mais sua certeza da bondade de Deus. Lembrando a comissão limitada de pregação quando os enviou de dois em dois, perguntou se faltou algo, já sabendo que todas suas necessidades foram cuidadas. O Deus que cuidou de tudo não falharia agora que a situação estava prestes a mudar com a prisão dele.

Contudo, as aparências assustariam todos: com a traição, a prisão, a negação, seria guerra total do mal contra o bem. Jesus recomendou a compra de espadas para lutar. Quando informado sobre a posse de duas, disse: basta! Nessa guerra, a arma seria espiritual e não física: a espada do Espírito contra as forças do mal.

DE JOELHOS

22.39-53

Na última noite da sua vida, como todas as outras noites daquela semana, Jesus e seus apóstolos saíram de Jerusalém para o Monte das Oliveiras para dormir ao ar livre. Nessa noite, o Mestre deu uma recomendação especial para todos orarem por causa da provação (ou tentação) que estava para vir. Jesus sabia o que viria, os outros, não. Contudo, com oração, tanto ele quanto eles estariam preparados. Para Jesus, oração era o recurso sempre certo e adequado.

Oração

A oração trouxe o Senhor face a face com o sofrimento intenso do fim da sua vida. De joelhos, falou com o Pai sobre o que aconteceria, como desenrolaria o drama final da sua consagração ao plano divino. Orou sozinho, com sofrimento emocional e até fisiológico (suor com ou como sangue). Pediu o afastamento do sofrimento, mas, ao mesmo tempo, reconheceu a necessidade de cumprir a vontade de Deus. Felizmente, houve um certo alívio dado por Deus por meio de ajuda dos anjos. A oração solitária tão comovedora se contrastou com o sono exausto dos discípulos, tristes e perplexos como estavam. Jesus incentivou a oração pelos discípulos como preparo para as provações já avisadas. Ficaram vencidos pelo cansaço, correndo o perigo de não estar prontos para os eventos das próximas horas.

E a oração de Judas? Ninguém poderia pedir a bênção de Deus sobre o que ele planejava fazer. A falta de oração de Judas (que não estava nem presente com os outros) serviria de prelúdio para seu ato covarde. Sem oração, ficou sem comunhão com Deus e sem arrependimento.

Traição Dupla

A crise veio repentinamente--sem aviso, chegou muita gente liderada por Judas. Ele, discípulo de Jesus e um dos doze apóstolos, que deveria estar trazendo apoio para o Mestre dele, infelizmente trouxe a maldade e desgraça.

Judas cumprimentou o Senhor com um beijo (cumprimento comum no Oriente Médio). O beijo de saudação serviu para a identificação de Jesus naquela noite escura, facilitando sua captura pelos soldados. Mesmo assim, o Mestre deu mais uma chance para o arrependimento de Judas: perguntou se a traição seria por um beijo de amizade. Seria para Judas ver a impossibilidade de trair o melhor amigo possível.

Contudo, Judas não se arrependeu e traiu o Senhor. Foi traição dupla: usando o

cumprimento de amizade para trair e negando sua condição de discípulo por arruinar seu Mestre. O amigo deveria querer o bem e o discípulo deveria seguir--Judas traiu tudo quando entregou Jesus, negando sua amizade e sua confiança no plano de Deus. Em todos os sentidos, houve a presença do mal.

Para os outros onze, a chegada de Judas com os guardas surpreendeu e chocou. Como deveriam reagir? Deveriam defender o Mestre com armas?

Enquanto estavam perplexos, um partiu para a defesa, cortando a orelha de um dos captores (sem dúvida, estava mirando a cabeça, não só a orelha). Porém, Jesus parou a reação armada (e curou a ferida). Sua luta não era física; portanto, não seria ganha com o uso de força.

O Senhor expôs a maldade dos seus oponentes. Não o prenderam publicamente qualquer dos dias daquela semana enquanto ele ensinava na praça do templo. Porém, vieram à noite com armas como se fosse criminoso perigoso. Por que não agiram à luz do dia e na presença da multidão como Jesus fazia? Eis, a grande diferença entre bem mostrado por Jesus e o mal praticado por seus inimigos.

LÁGRIMAS, PANCADAS E PERGUNTAS

22.54-71

Traído e preso, Jesus foi levado para a casa do sumo sacerdote dos judeus para uma noite de terror. Foi pressionado com o uso de força física e coerção emocional. Ficou firme, inabalado, totalmente fiel ao propósito divino.

Seguindo de longe, Pedro chegou aos jardins da casa. Sua reação distoou por completo à serenidade do seu Mestre. Desconforto pessoal com a insistência incômoda da parte de outras pessoas foi a principal razão de Pedro negar Jesus. Enquanto o Senhor permaneceu forte, seu discípulo deixou de imitá-lo, buscando seu próprio bem-estar, ou, pelo menos, alívio das pressões.

Lágrimas Amargas

Pedro seguiu de longe a escolta levando Jesus. Chegou a uma fogueira no pátio da casa do sumo sacerdote. Logo chegando, uma empregada mencionou o fato de Pedro estar com Jesus. Pedro negou conhecer Jesus, uma mentira sem qualquer justificativa a não ser distanciar-se do preso.

Logo depois, outra pessoa aquecendo-se perto da fogueira declarou que Pedro era "um deles". Respondeu Pedro imediatamente: "Não sou", desdizendo tudo que já falou e fez nos três anos com Jesus.

Mais ou menos uma hora depois, outro alguém afirmou que Pedro andou com Jesus, pois era galileu como o Mestre. Mentiu grosseiramente Pedro com a resposta: "Não sei o que está dizendo" quando ele sabia, de fato, tudo.

Por falta de coragem, Pedro seguiu Jesus de longe (talvez buscando oportunidade para soltá-lo). Por negar sua própria identidade perante os outros, negou o Senhor. A coragem anterior de usar a espada cedeu à covardia do momento, intimidado até por uma empregada.

Dito, feito: o galo cantou e a negação por Pedro foi constatada pelo olhar de Jesus. O Senhor tinha predito o que aconteceria e infelizmente se cumpriu sua previsão. O canto do galo parou as mentiras de Pedro--a lembrança do aviso de Jesus e o olhar do Mestre eram demais para o apóstolo que saiu chorando amargamente. Numa cena deprimente, a nota positiva foram as lágrimas, pois foram lágrimas de arrependimento e de decisão de nunca mais negar o Senhor. O resto da sua vida Pedro seria porta-voz corajoso do evangelho.

Pancadas e Perguntas

No julgamento de Jesus, houve o ridículo e o sublime, o corrupto e o puro. Nunca foi tão visível o contraste entre a vontade dos homens e a vontade de Deus.

Tudo começou com brincadeiras de mau gosto extremo feitas pelos guardas--tudo gratuito porque nada que Jesus fez mereceu tratamento tão desumano. Fizeram paródia do poder profético do Mestre, batendo nele e desafiando-o a dizer quem bateu. Passou os limites de mau gosto e virou blasfêmia, porque estavam falando mal do próprio Filho de Deus. Esse abuso físico e verbal se repetiu muitas vezes, aumentando o sofrimento (físico e emocional) de Jesus.

Ao amanhecer, mudou o foco para a questão-chave: o Sinédrio começou seu julgamento perguntando a identidade de Jesus, se fosse ou não o Messias, o Cristo, o ungido de Deus. Usando esse termo técnico do Velho Testamento (o prometido e profetizado), as autoridades judaicas pressionavam Jesus a assumir uma posição que eles achavam impossível (um carpinteiro ser o libertador) ou a negar tudo, confirmando as dúvidas desses poderosos.

Porém, Jesus não respondeu prontamente, sabendo que não acreditariam e que nunca fariam a verdade sobre ele. Para o Mestre, não houve interesse sincero em conhecer a verdade, pois tinham tantas oportunidades anteriores que não aproveitavam.

Contudo, o Senhor afirmou sua identidade divina, fazendo, como se fosse, uma confissão de fé. Apesar das aparências, era, sim, o Messias e a verdade seria estabelecida por meios divinos: ele glorificado no céu! Com essa afirmação mostrou que o cumprimento das profecias seria no sentido celestial e espiritual e não no sentido político e militar.

Veio, então, uma confissão a contra-gosto pelas autoridades: na ânsia de denunciar Jesus, perguntaram se fosse o Filho de Deus. A resposta rápida do Mestre foi que eram eles fazendo essa afirmação! Tentou mostrar a conclusão inevitável de toda a evidência. Sem prestar atenção no raciocínio, pegaram as palavras de Jesus como denúncia de crime: ser o Filho de Deus. Para o Sinédrio, não houve necessidade de mais provas nem testemunhas para executá-lo, ouvindo essa "blasfêmia", sua afirmação de divindade.

O REI DOS JUDEUS

23.1-12

Toda a conversa sobre Messias, Cristo e Filho de Deus, chegando aos ouvidos de um pagão como o governador romano, Pilatos, daria a impressão de política. Portanto, quando as autoridades judaicas trouxeram Jesus a Pilatos para o julgamento, sua pergunta foi: é o rei dos judeus?

Messias que queria dizer ungido de Deus (como eram os sumo sacerdotes e os reis no Velho Testamento) levaria à conclusão de Jesus ser rei (e que era no sentido espiritual). Os membros do Sinédrio apresentaram a Pilatos o seguinte raciocínio: Jesus, sendo Messias, seria rei e, sendo rei, seria rival e inimigo do imperador romano. Em tudo isso ficava a dúvida: desde quando os judeus, que não aguentavam o domínio romano, eram defensores de César?

Sem Culpa

Todos foram para o palácio de Pilatos para obter a condenação oficial (i.e. romana) de Jesus. Levaram três denúncias: subversão da nação, suposta oposição a pagar impostos a César e pretensão de ser rei. Eram falsas ou, pelo menos, fora do contexto espiritual, porém as autoridades insistiram na sua condenação. As noções de revolta popular e de oposição ao imperador trocavam as ênfases espirituais ensinadas por Jesus por conotações políticas.

O governador romano percebeu a inveja dos judeus. Também achou repugnante o clamor pela morte de Jesus. Por curiosidade ou por motivos de justiça romana, perguntou ao Mestre se fosse o rei dos judeus. Uma resposta positiva daria condições para estabelecer a suposta culpa de Jesus. Porém, voltou a resposta que era Pilatos declarando isso e não Jesus.

O veredito foi de inocência--não achou nada errado, muito menos merecedor da pena de morte. A ausência de culpa enfureceu os opositores que queriam a condenação de qualquer jeito. Voltaram a lembrar a incitação do povo por meio do ensino de Jesus na Galiléia e Judéia. Ouvindo que era galileu, Pilatos resolveu mandá-lo ao Rei Herodes, rei fantoche que governava a região incluindo Galiléia e que estava em Jerusalém para a festa da Páscoa.

Sem Milagre

A decisão de Pilatos causou uma felicidade quase infantil da parte de Herodes. Ele queria muito conhecer Jesus, sobre quem já ouvia muito, e especialmente queria ver um milagre

da parte do Senhor. Essa curiosidade não se satisfaz porque Jesus não fez milagre e nem falou na sua presença. Não era ato circense que o Senhor estava praticando. Mesmo as acusações veementes das autoridades não provocaram uma reação da parte de Jesus.

Decepcionado (e talvez humilhado) Herodes se vingou, fazendo uma farsa de Jesus ser sei. A zombaria de Herodes e da sua guarda se tornou violenta. Mandou Jesus de volta a Pilatos com um manto elegante; depois de bater nele, brincando com a noção dele ser Messias, vestindo o homem simples com roupa real.

A ironia de toda essa maldade era a reconciliação de Pilatos e Herodes, inimigos políticos que se uniram no espetáculo triste da condenação de Jesus. A força do mal se evidenciou em todos os detalhes.

TRÊS VEZES: MORTE!

23.13-32

O que fazer com um inocente? Três vezes veio a resposta: morte! Nada foi conclusivo contra Jesus, porém o grito foi: "crucifique!" A raça humana precisaria de outra prova que o mal era mal mesmo?

Morte para o Inocente

O governador Pilatos informou as autoridades judaicas que não achou crime nenhum em Jesus. Não houve consistência à denúncia de incitação a rebelião. Além disso, o rei Herodes também não descobriu nada. Portanto, o veredito seria inocência, sem culpa qualquer.

Três vezes Pilatos alegou a óbvia inocência de Jesus. Com isso, tentou soltá-lo, porém sem sucesso devido à insistência dos maioraes dos judeus e depois a gritaria da multidão. A fraqueza de Pilatos o levou a abdicar-se da sua posição de autoridade e deixar a decisão à opinião popular (algo desconhecido no império romano).

A primeira vez o governador propôs soltar Jesus foi depois de bater nele (e assim dar um satisfação para as autoridades). Houve o costume de soltar um preso judeu na época da Páscoa e esse um deveria ser Jesus ao ver de Pilatos. Porém, a multidão pressionou pela soltar de Barrabás, terrorista conhecido (representante do tipo de rebelião pela qual Jesus foi denunciado). Houve para o Mestre o sofrimento emocional de ser preterido até na preferência popular e ver que a insurreição e matança de Barrabás mostraria o estilo de "Messias" desejado pelo povo.

A segunda tentativa de Pilatos libertar Jesus provocou uma crueldade quase histórica. Numa demonstração do perigo da psicologia da multidão, começou o coro macabre: "Crucifique! Crucifique!". Onde estavam os partidários de Jesus que gritavam dias antes "Hosana" e inibiam os planos das autoridades de prender o Senhor? Nesse momento houve só ódio e sede de sangue.

A terceira vez, Pilatos perguntou: qual mal fez? E respondeu que certamente não houve nada suficiente para a pena de morte. Propôs de novo de torturar e liberar, porém a gritaria perversa prevaleceu. Portanto, o governador mandou soltar Barrabás e executar Jesus.

Três vezes: oportunidade para fazer a coisa certa. Três vezes: a decisão errada. Com Jesus, a única decisão correta seria aceitá-lo e segui-lo rumo ao céu.

Via Dolorosa

O clamor pela morte de Jesus e a fraqueza de Pilatos se uniram para produzir a maior tragédia da história humana: o melhor homem de todos os tempos condenado como criminoso merecedor da pena de morte. Para chegar à cruz era preciso caminhar--era uma via dolorosa em todos os sentidos. Rejeitado e sozinho, o Senhor andou da cidade até Gólgata, o local de execução, e figuradamente da glória celestial de antes de vir ao mundo à vergonha maior aqui na terra.

A multidão acompanhou a caminhada à morte. Um homem chamado Simão, um peregrino da capital da Líbia, foi forçado pelos soldados romanos a andar com a cruz. De fato, o condenado andava com a denúncia pendurada no pescoço e tinha de levar a travessa da cruz como sinal de desgraça e também como alerta a população não seguir o exemplo do desgraçado. Foi isso que Simão foi exigido carregar. (Ficou a dúvida se Simão fosse mero transiente ou seguidor do Mestre; de qualquer modo, seu nome ficou para sempre associado com o Salvador.)

Vendo Jesus e sua condição deplorável, mulheres na multidão começaram a fazer escândalo com lamento espontâneo de luto.. O Mestre ouviu e ficou comovido.

Respondeu que, ao invés de chorar por ele, seria chorar por elas mesmas e por seus filhos, pois a rejeição dele levaria à destruição de Jerusalém e condenação eterna. Sua morte terrível seria preferível à perdição. No lugar de ter pena de si mesmo, Jesus demonstrou o amor maior de tentar até o fim alertar sobre as consequências espirituais das decisões e atitudes contra ele. Se o Filho de Deus sofreu tanto, quais as perspectivas para os crucificadores?

Dois criminosos caminharam também com ele, rumo à morte. Diferentemente de Jesus, não houve injustiça na sua condenação e nem propósito maior na sua morte. Restou só tristeza por vidas desperdiçadas e terror da crueldade de crucificação.

A CAVEIRA

23.33-43

Calvário era um nome formoso porém a caveira era símbolo de morte. Na narrativa sobre a morte de Jesus, o lugar chamado Calvário era, de fato, o lugar da caveira, dado o formato do morro que parecia um crânio. O nome bonito não conseguiu disfarçar o ambiente de morte. Entretanto, a caveira da morte se tornou o Calvário de perdão.

Caveira de Morte

Jesus foi crucificado no meio dos dois criminosos. Nunca houve contraste tão grande--entre ele e os outros executados e entre ele e seus executores. Primeiro, a aparente negação da verdade dele (morto entre dois condenados) foi, de fato, a confirmação dele como o Servo Sofridor predito pelo profeta Isaías. Segundo, ele orou por seus executores, pedindo o perdão de Deus, enquanto eles se apoderaram dos seus únicos pertences, suas roupas.

A contradição óbvia entre ele ser o Messias e morrer como condenado pela justiça humana foi citada por todos os presentes. Desqualificando assim Jesus, seus contemporâneos não teriam de enfrentar as verdades inquietantes pregadas por ele.

Veio primeiro a zombaria das autoridades. Desafiaram Jesus a salvar-se a si mesmo para provar sua identidade especial. Entretanto sua auto-salvação implicaria na perdição do mundo inteiro e o amor não deixaria o Mestre ser egoísta assim. O povo fazendo coro do raciocínio da elite certamente aumentou o sofrimento emocional do Salvador.

Depois foi a vez dos soldados romanos encarregados da crucificação. Repetiram a denúncia que, se Jesus fosse divino, faria algo para salvar-se. Colocaram a placa na cruz, sem dúvida uma gozação romana: "Este é o rei dos judeus."

Para piorar mais ainda o ambiente, um dos criminosos começou a fazer pouco do Mestre. Num estilo malandro, desafiou: "Salve-se e a nós também!" Como ele mesmo não tinha como descer da cruz, duvidava também de Jesus.

A morte física do Senhor foi também morte emocional, com grande dor e perda pessoal. Enfrentou e aguentou toda essa inverdade e maldade, não porque não podia fazer nada, mas justamente podendo fazer tudo, limitou-se a ficar onde estava, levando sobre si os pecados da humanidade.

Calvário de Perdão

A atitude de Jesus se contrastou totalmente com a das pessoas ao redor dele. Em demonstração clara e inequívoca do amor de Deus, perdoou todos não valendo-se dos

seus direitos, muito menos vingando-se do desprezo sofrido. Ao invés de chamar uma legião de anjos para sua proteção, pensou no bem-estar espiritual de todos os presentes. Esse ato de graça da parte de Jesus impactou grandemente o segundo criminoso. Bem diferente que o primeiro (mesmo os dois sendo judeus), sabia que eram condenados por crimes mas que Jesus era inocente. Com respeito a Deus (e, sem dúvida, temendo a justiça divina muito mais que a humana), percebeu a grande diferença entre eles e ele. E, por isso, apelou corajosamente, a única voz de fé no meio de todas as discordantes, pedindo que Jesus lembrasse dele no reino vindouro.

A resposta de Jesus foi muito além do pedido--o perdão genérico se tornou específico. Percebendo o arrependimento, Jesus prometeu um lugar naquele dia no paraíso (o lugar abençoado dos mortos cuidados por Deus). Não, um dia, mas aquele dia mesmo! Jesus demonstrou amor para todos, mas deu a salvação para aquele homem que confessou sua fé e confiança.

Com esse ato soberano e divino, Jesus mostrou que salvação eterna viria por meio dele, por meio do perdão de pecados. A graça de Deus se revelou salvadora por meio da morte de Jesus, o Salvador.

GRITO FORTE

23.44-54

Poderia ter tido a seguinte conversa no dia da morte de Jesus:

--Que horas são?

--Meio-dia.

--Parece mais meia-noite.

--Porque está tão escura?

--Porque o Filho de Deus está morrendo.

A Morte

Jesus foi pregado na cruz às nove horas da manhã. Por três horas, de meio-dia até às três horas da tarde houve uma escuridão inexplicável. Foi como se a natureza estivesse de luto com a morte de Jesus, compartilhando sua tristeza.

No fim desse tempo, Jesus deu um grito forte. Como aquele dando sua vida pela salvação do mundo, entregou seu espírito a Deus Pai. Com o grito, o espírito saiu do corpo dele com seu último fôlego (em grego as palavras para espírito e fôlego eram a mesma).

A escuridão não era o único fenômeno fora da normalidade--no momento da morte de Jesus, a cortina no templo que vedava acesso ao Santo dos Santos, se rasgou de cima para baixo. Essa ação divina provou que o caminho à presença de Deus se abriu por completo pelo sacrifício do Mestre. O acesso direto a Deus se tornou tema importante do Novo Testamento.

Entregando seu espírito a Deus e respirando a última vez o Senhor cumpriu cabalmente sua missão na terra. Revelou o reino de Deus para os homens e fez possível a participação do reino da parte de pessoas de todas as nações.

As Reações

A morte de Jesus (e a maneira que morreu) provocou fortes reações. Nessas reações diversas, viu-se como as pessoas se relacionava com o Mestre e especialmente como seria o resultado da pregação mundial do evangelho depois da ressurreição e volta para o céu. A primeira reação positiva surpreendentemente veio do centurião, o oficial do exército romano supervisionando as execuções. Pagãos irritados pelas peculiaridades judaicas, os soldados romanos normalmente desprezavam os judeus e seus costumes. Portanto, esperaria-se indiferença ou repugnância. Contudo, o centurião surpreendeu todos por louvar a Deus, declarando Jesus um homem justo (e não criminoso) merecedor do

crucificação). Talvez fosse a maneira de morrer confirmando a reputação de Jesus de que até os soldados romanos teriam conhecimento. De qualquer forma, sua reação espiritual sinalizou a possibilidade da conversão de pagãos na missão mundial do povo de Jesus. Também a multidão dos judeus ficou impressionada. Em gesto oriental de luto e consternação, começaram a bater-se no peito, mudança radical no seu comportamento agressivo anterior. O impacto do modo de morte de Jesus serviu de prelúdio à conversão de muitos com o início da pregação do evangelho em Jerusalém no dia de Pentecoste. Depois da morte, uns amigos e seguidores do Mestre, inicialmente afastados por medo, começaram a aproximar-se. Olhando de longe, sabiam que deixaram o Senhor sem apoio no seu momento mais crítico.

Sepultamento

O corpo foi sepultado, um ato respeitosos que não era comum, pois os romanos deixavam os corpos mortos para os urubus. Quem fez essa gentieza foi José, natural da cidadezinha de Arimatéia e membro do Sinédrio, o conselho supremo dos judeus. Não concordou com a sentença contra Jesus e evidentemente acreditava nele como Cristo, aquele trazendo o reino de Deus.

Com grande coragem, José publicamente pediu a Pilatos o direito de sepultar o corpo morto de Jesus. Com permissão dada, desceu o corpo, embrulhou-o em lençol de linho e colocou-o no túmulo cavado na rocha (tipo de gruta). Fez tudo antes do por-do-sol (que iniciaria o sábado de descanso) e pago da sua própria bolsa (inclusive o túmulo).

O sepultamento na sexta-feira comprovou a realidade da morte de Jesus. Não aparentava estar morto; estava sem vida mesmo. Só um morto seria sepultado--prova importante para o que aconteceria no primeiro dia da semana.

NO PRIMEIRO DIA DA SEMANA

23.55-24.12

Normalmente, as mulheres teriam mais aptidão para preparativos manuais do que os homens. Sendo homens que preparam o corpo de Jesus para o enterro, fazendo do jeito masculino, as discípulas do Mestre que observavam de longe queriam refazer tudo, esta vez do modo feminino. Infelizmente, essa ênfase sobre o preparo do corpo morto para o túmulo mostrou que ninguém, nem os homens, nem as mulheres, estava lembrando as palavras de Jesus sobre a ressurreição.

A Surpresa: Túmulo Vazio

Na sexta-feira, as mulheres galiléias que eram seguidoras de Jesus viram o local de enterro e passaram o descanso do sábado fazendo seus planos para dar um cuidado melhor para o corpo morto. Prepararam perfumes e óleos especiais e marcaram para sair bem cedo no primeiro dia da semana. A pressa da sexta seria remediada.

Eram várias (três nomeadas no texto) e tinham uma preocupação maior: como elas poderiam remover a pedra que fechava a abertura do supulcro. Não demonstraram qualquer expectativa da ressurreição. Sem saberem, estavam testemunhando a mudança da aliança de Deus com a humanidade--passaram o último sábado da lei do Velho Testamento e estavam vivendo o primeiro domingo (dia do Senhor) do Novo Testamento, tudo por causa do que descobririam.

Chegando no túmulo, para sua surpresa, a pedra estava fora de lugar e podiam entrar no sepulcro. Entrando, não acharam o corpo. Não sabiam o que pensar; tinham tudo para refazer o enterro, menos o corpo morto.

O Aviso: Morto Vivo

Ninguém viu o milagre da ressurreição, somente o resultado do túmulo vazio. As mulheres foram surpreendidas pelo aparecimento de dois homens em roupas reluzentes e caíram no chão pelo medo que sentiram. Os mensageiros de Deus perguntaram por que elas procuraram o vivo no lugar dos mortos.

Jesus não estava mais no túmulo; foi levantado milagrosamente como predisse. Os homens (que tinham todo o jeito de anjos) lembraram a previsão feita por Jesus e, quando repetiram, as mulheres recordaram as palavras do Mestre. O que prometeu aconteceu!

O Espanto: Acontecimento Impossível

O maior de todos os milagres foi, sem dúvida, a ressurreição do Senhor. Espantadas por tudo, as mulheres saíram do túmulo e foram contar para os onze apóstolos e os outros

discípulos sobre o que viram e ouviram. Os detalhes, deram para os apóstolos. Infelizmente, a reação dos homens foi descrença, esquecendo o aviso anterior de Jesus. Do lado positivo, pelo menos Pedro ficou intrigado pelo relatório das mulheres e correu para o sepulcro para ver pessoalmente. Viu o pano do enterro porém sem o corpo. Maravilhou-se, querendo saber o que aconteceu. O obvio, a ressurreição prometida pelo Mestre, não registrou, dada a dificuldade de acreditar que o impossível realmente aconteceu.

Dessa forma, a mensagem central da pregação posterior da igreja de Jesus, a da morte e ressurreição, custou para ser entendida e aceita. No primeiro dia da semana, Deus agiu e agora seria a vez da humanidade acreditar.

NO CAMINHO PARA EMAÚS

24.13-35

No primeiro dia da semana, depois de tudo que aconteceu com a morte e enterro de Jesus, dois discípulos desiludidos foram caminhando de Jerusalém para a vila de Emaús. Iam conversando sobre todos os eventos, tentando entender não só os acontecimentos mas também seu significado.

Cleopas e o outro não nomeado discursavam sobre assunto único: a tragédia da morte de Jesus. Um fato agravante os levou quase ao desespero: a perda do corpo morto. O Mestre não só foi crucificado, mas agora ninguém sabia onde estava o corpo. Essa conversa provou a falta de entendimento e esperança dos seguidores do Senhor, ignorando os avisos claros feitos por ele.

O Único Ignorante

De repente, Jesus apareceu--justamente ele, o assunto das conversas. Começou a andar com os dois, que, por motivo não declarado, não podiam reconhecê-lo. Perguntou qual era o assunto deles e os dois pararam tristes. Cleopas perguntou ao Mestre se fosse o único em Jerusalém que não sabia o que tinha acontecido, pois a situação de Jesus era o tópico mais comentado por todos.

O "estranho desconhecido" ouviu sobre o fim da esperança e, de fato, o fim de tudo que almejavam por causa da tragédia de sexta-feira. Achavam Jesus, o máximo: profeta de Deus com grande poder de obras e palavras. Com a condenação à morte, a esperança se foi, pois nada aconteceu nesses três dias. Pior ainda foi o sumiço do corpo relatado primeiro por umas das mulheres (até falando de mensagem de anjos que Jesus estaria vivo) e confirmado por uns discípulos que foram ao local. Tudo frustrado: primeiro a crucificação e agora a perda do corpo.

O Único Informado

Sendo Jesus e ele ressuscitado, o desconhecido que parecia não saber de nada realmente soube tudo. Começou a fazer uma explicação para os dois (quanta paciência de Jesus, mesmo depois da ressurreição e diante de tanta descrença). Repreendeu ambos, citando o grande poder de Deus, até de ressuscitar. Estavam sem cabeça nem coração para compreender os profetas do Velho Testamento e as profecias sobre o Messias sofrer e entrar na glória. Fez hermenêutica dos profetas, fazendo a explicação sobre ele mesmo. Jesus se viu em toda a Escritura, com a ressurreição servindo de base firme para fé nele.

A Descoberta: Ressuscitou!

Chegando na vila de Emaús, os dois discípulos insistiram que o desconhecido ficasse para a refeição. O convidado pegou o pão, orou e partiu, exatamente como fez na multiplicação dos pães e, mais recentemente, na última páscoa. Naquele ato e atitude, os dois reconheceram Jesus, descrevendo a sensação de estar com ele como um tipo de calor espiritual (seus corações aquecidos quando fazia a explicação do sentido das Escrituras). Nesse instante, Jesus sumiu. Mesmo sendo o mesmo corpo morto na cruz, era diferente porque os discípulos não o reconheceram e porque havia a nova possibilidade de transporte instantâneo de um lugar para outro. A natureza do corpo ressuscitado providenciou uma ponte entre a terra e o céu, entre um corpo humano limitado e um corpo celestial e eterno.

A coisa boa foi a reação do par--voltaram àquela hora para Jerusalém e confirmaram para os apóstolos a realidade da ressurreição. Felizmente, os onze já sabiam por que Jesus apareceu a Pedro. Os dois explicaram tudo: os acontecimentos na estrada e especialmente o conhecer Jesus no partir do pão. Não houve mais dúvida; Jesus ressuscitou!

SOU EU MESMO

24.36-43

Se dependesse da fé dos discípulos de Jesus, não existiria a ressurreição. Apesar dos avisos anteriores feitos pelo Mestre e todas as notícias daquele domingo, houve descrença e dúvida sobre o que aconteceu. Contudo, o amor de Deus insistiu em esclarecer o que todos já deviam entender. Finalmente, o Senhor ressurreto apareceu no meio dos apóstolos e declarou: "Sou eu mesmo".

As Dúvidas

O par de discípulos que voltaram correndo de Emaús ainda estava falando com os apóstolos quando, de repente, Jesus apareceu no meio deles. Falou: "paz para vocês". Com medo, pensava que fosse um espírito, tipo fantasma. Pensaram assim porque o corpo ressurreto não estava limitado por tempo ou local; sua chegada milagrosa levou à ideia de ser fantasma.

Jesus perguntou por que estavam perturbados e com dúvidas. Disse para eles olhar suas mãos e pés para ver os feridos dos pregos. Poderiam tocar além de ver, porque espírito não teria carne e osso. E terminou, dizendo: "Sou eu mesmo"!

As Provas

Jesus deu provas da realidade da sua ressurreição. A primeira foi verbal, dizendo que era ele em pessoa, no seu próprio corpo, mesmo sem limites de um corpo meramente físico. Depois deu provas objetivas e físicas. Perguntou se havia algo para comer (porque espíritos não teriam fome, nem poderiam alimentar-se). Comeu peixe assado. Comendo, mostrou que não era imaginação de alguém, que a ressurreição, de fato, aconteceu. Fez tudo isso no meio de descrença da parte dos seus discípulos. Por uma mescla de emoções, tomados de alegria e maravilha, seus seguidores, que deveriam ser os primeiros a acreditar, eram lentos para entender.

A Base de Tudo

Apesar da falta de entendimento e fé, Jesus insistiu na ocorrência do milagre porque a ressurreição seria a base de tudo, de todo o desenvolvimento espiritual que a seguiria. Haveria salvação e pregação do evangelho ao mundo inteiro porque Jesus foi ressuscitado. Pecado e morte não venceram o Filho de Deus. Ele venceu todos os adversários, saindo do túmulo, nunca mais para morrer.

A ressurreição seria a base de tudo:

de fé--o Deus que levantou o morto seria digno de toda a confiança;

de obediência--o caminho à vida eterna se abriu, exigindo atenção total para chegar no destino;

de transformação pessoal--Deus que levantou Jesus garantiria todas as mudanças necessárias dos seguidores do Mestre;

da história da igreja--o único motivo que um grupo medroso e desconfiado se tornou a força maior do mundo foi a certeza da ressurreição;

de pregação--a mensagem única foi Jesus e ele crucificado e ressurreto, havendo salvação só por ele.

A TODAS AS NAÇÕES

24.44-53

A ressurreição de Jesus produziu a pregação mundial do evangelho. A missão do povo de Jesus se iniciou pela ordem do Senhor depois da sua ressurreição. A vitória de Jesus sobre pecado e morte deveria ser oferecida ao mundo inteiro. Tendo cumprido tudo, o Mestre voltou ao céu, de onde voltaria um dia para buscar os fiéis.

Cumprimento Total

Depois da ressurreição Jesus repetiu tudo que tinha avisado antes, só que agora fazia mais sentido para os discípulos. Frisou que cumpriu tudo escrito no Velho Testamento sobre ele. Sua explicação finalmente abriu o entendimento dos seus seguidores.

Traçou o paralelo entre as profecias e sua própria vida. As previsões feitas nas Escrituras se cumpriram em três pontos principais: sofrimento do Cristo, ressurreição no terceiro dia e pregação no mundo inteiro. Depois da morte e ressurreição tudo foi mais entendível.

Jesus venceu como Messias que sofreu, sendo o servo sofredor ao invés do conquistador invicto da expectativa popular. Sua ressurreição marcou a confirmação divina de tudo que fez. O alcance mundial da pregação do evangelho demonstraria a universalidade do efeito salvador dele. Começando em Jerusalém (a sede da devoção veterotestamentária) e atingindo todas as nações (sem distinção) a proclamação o revelaria como Senhor e Salvador do mundo inteiro.

Pregação Mundial

Jesus ordenou que os pontos principais da pregação fossem arrependimento (mudança de mente levando a mudança de vida) e perdão de pecados (possível só pelo sacrifício na cruz). A vitória da ressurreição sobre pecado e morte se veria na vida de discípulos feitos em todas as nações.

Os apóstolos eram testemunhas oculares e, com a explicação do Mestre, estavam equipados para a missão mundial. Além disso, viria uma bênção especial do Espírito Santo sobre eles para dar condições totais. Sua parte era ficar esperando em Jerusalém; a obra seria do Senhor. Os covardes da sexta-feira, observando tudo de longe, seriam os heróis da pregação. E, o ódio de muitos contra Jesus na cruz se tornaria em arrependimento e batismo no dia de Pentecoste (dez dias depois da ascensão de Jesus). Não haveria limite--o alvo seria todos os povos em todas as nações. Começando em Jerusalém (até para cumprir profecias), o novo povo de Deus não se restringiria a um povo ou a uma terra.

Assim, tudo foi feito (o evangelho completo em Jesus); tudo, explicado (mentes abertas ao cerne das Escrituras); tudo, ordenado (fazer discípulos de todas as nações). Só restou a glorificação do Senhor e a realização da esperança dos discípulos na vida porvir. Com o poder essencial fornecido pelo Espírito, surgiria a igreja de Jesus. A igreja não inventou seu programa de trabalho; Jesus o elaborou uma vez por todas.

Em Nome de Jesus

Fora de Jerusalém, na vila de Betânia, Jesus abençoou os apóstolos e, enquanto abençoava, foi levado ao céu. Os discípulos o adoraram e voltaram a Jerusalém com grande alegria. Todos os dias, estavam juntos na praça do templo, louvando a Deus e, logicamente, esperando o cumprimento da promessa do Espírito.

O destino do Senhor foi a glória celestial e a pregação dos discípulos traria mais pessoas ainda para essa glória. Portanto, tudo seria "em seu nome", em nome de Jesus. Tudo foi dele: cumprimento de todas as profecias, mensagem de conversão e perdão, estratégia de conquista mundial, poder sobrenatural do Espírito e entrada vitoriosa no céu. Restaria aos seus seguidores continuarem sua obra redentora, tudo em nome de Jesus.